



Sônia Maria do Nascimento Lisboa

**“Eu quase desisti de namorar brasileiros”.
Relacionamentos amorosos entre brasileiros e
britânicos: uma abordagem intercultural com
aplicabilidade para o ensino de PL2E**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos da Linguagem do departamento de Letras da
PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do grau de
mestre em Estudos da Linguagem

Orientadora: Profa Rosa Marina de Brito Meyer

Rio de Janeiro
Julho de 2017



Sônia Maria do Nascimento Lisboa

**“Eu quase desisti de namorar brasileiros”.
Relacionamentos amorosos entre brasileiros e
britânicos: uma abordagem intercultural com
aplicabilidade para o ensino de PL2E**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.
Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Rosa Marina de Brito Meyer
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Adriana Ferreira de Sousa de Albuquerque
Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Ebal Sant’Anna Bolacio Filho
UERJ

Profa. Monah Winograd
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 12 de julho de 2017.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Sônia Maria do Nascimento Lisboa

Graduou-se em Licenciatura português/inglês e literaturas correspondentes na PUC-Rio, em 2011. Em 2014, se especializou em ensino de português para estrangeiros pelo CCE da PUC-Rio. Durante o mestrado, foi bolsista da CAPES. Participou de cursos e congressos sobre ensino de línguas, além de apresentar trabalhos na área. Atua na área de ensino de português como segundo língua há mais de cinco anos.

Ficha Catalográfica

Lisboa, Sônia Maria do Nascimento

“Eu quase desisti de namorar brasileiros”. Relacionamentos amorosos entre brasileiros e britânicos: uma abordagem intercultural com aplicabilidade para o ensino de PL2E / Sônia Maria do Nascimento Lisboa ; orientadora: Rosa Marina de Brito Meyer. – 2017.

149 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2017.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. PL2E. 3. Interculturalismo. 4. Competência intercultural. 5. Cultura britânica vs cultura brasileira. 6. Relacionamentos amorosos. I. Meyer, Rosa Marina de Brito. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para meus queridos alunos,
pela inspiração de todos os dias e por me
fazer amar cada vez mais minha
profissão.

Agradecimentos

Àquele que sempre me acompanha, Deus.

À minha família, por entender minhas ausências e pelo apoio de sempre.

Ao meu grande amigo e parceiro, Bruno, por todo o apoio durante esta trajetória.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Às minhas amigas, Juliana e Thaís, pelas palavras de apoio.

À professora Rosa Marina Meyer, pelas mais que importantes contribuições e paciência.

À professora Adriana Albuquerque, que me ajudou a aumentar ainda mais meu amor pela minha profissão.

Aos entrevistados voluntários que participaram das entrevistas e tornaram esta dissertação possível.

Aos professores que participaram da Comissão examinadora.

A todos os professores e funcionários do Departamento de Letras, principalmente à secretária do PPGEL, Chiquinha.

Resumo

Lisboa, Sônia Maria do Nascimento; Meyer, Rosa Marina de Brito (Orientadora). **“Eu quase desisti de namorar brasileiros”.** **Relacionamentos amorosos entre brasileiros e britânicos: uma abordagem intercultural com aplicabilidade para o ensino de PL2E.** Rio de Janeiro, 2017. 149 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho identifica e compara aspectos culturais e linguísticos inseridos em relacionamentos amorosos entre brasileiros e britânicos, a partir de duas categorias sugeridas pelo interculturalista Geert Hofstede: individualismo e masculinidade; e da categorização de Richard D. Lewis da cultura brasileira como multiativa e da cultura britânica como ativo-linear. O objetivo desse estudo é o de entender melhor como esses relacionamentos interculturais se dão, seus desafios, seus sucessos, investigando qual a influência da cultura e da língua nessas relações. Para nossa análise, utilizamos dados gerados por meio de entrevistas e questionários realizados com dez casais – todos formados por um/a brasileiro/a e um/a britânico/a envolvidos em um relacionamento amoroso. Entre os nossos resultados, identificamos os seguintes elementos que influenciam a relação desses casais: (i) o papel da mulher na relação; (ii) ciúmes, traição e dependência emocional; (iii) linguagem verbal, não verbal e estilística; e (iv) o lugar que o casal escolhe para viver. Portanto, esta pesquisa sinaliza os desafios encontrados pelos casais interculturais e apresenta sugestões, dadas pelos próprios informantes, para entendermos essas diferenças e tentarmos evitar que elas interfiram de maneira negativa nos relacionamentos de mesmo tipo. Por meio desse estudo, esperamos evidenciar a importância de se trabalhar esta temática em sala de aula, dando mais subsídios e embasamento teórico aos professores de PL2E, para que possam mostrar aos alunos de português a importância de se entender não só a língua como, principalmente, a cultura do outro, e contribuindo, assim, para o desenvolvimento das competências comunicativa e intercultural dos aprendizes.

Palavras-chave

PL2E; interculturalismo; competência intercultural; cultura britânica vs cultura brasileira; relacionamentos amorosos.

Abstract

Lisboa, Sônia Maria do Nascimento; Meyer, Rosa Marina de Brito (Advisor).
"I almost gave up dating Brazilians". Brazilian-British love relationships: an intercultural approach with applicability for teaching PL2E. Rio de Janeiro, 2017. 149 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present work identifies and compares cultural and linguistic aspects inserted in love relationships between Brazilians and Britons, from two categories suggested by the interculturalist Geert Hofstede: individualism and masculinity; and Richard D. Lewis's categorization of Brazilian culture as multiactive and British culture as active-linear. The objective of this study is to better understand how these intercultural relationships are given, their challenges, their successes, investigating the influence of culture and language on these relationships. For our analysis, we used data generated through interviews and questionnaires conducted with ten couples - all formed by a Brazilian and a British person involved in a loving relationship. Among our results, we identified the following elements that influence the relationship of these couples: (i) the role of women in the relationship; (ii) jealousy, betrayal and emotional dependence; (iii) verbal, nonverbal and stylistic language; and (iv) the place the couple chooses to live. Therefore, this research indicates the challenges encountered by intercultural couples and presents suggestions, given by the informants themselves, to understand these differences and try to avoid them interfering in a negative way in relationships of the same type. Through this study, we hope to highlight the importance of working this theme in the classroom, giving more subsidies and theoretical background to the teachers of PL2E, so that they can present to Portuguese students the importance of understanding not only the language but, mainly, one's culture, and thus contributing to the development of the communicative and intercultural competences of apprentices.

Keywords

PL2E; interculturalism; intercultural competence; British culture vs Brazilian culture; love relationships.

Sumário

1. Introdução	13
1.1 Motivação e justificativa	16
1.2 Relevância	17
1.3 Objetivos	18
1.4 Hipóteses	19
1.5 Organização da pesquisa	20
2. Pressupostos teóricos	21
2.1 Interculturalismo	21
2.1.1 Cultura objetiva e cultura subjetiva	25
2.1.2 Cultura de Baixo Contexto e Cultura de Alto Contexto	26
2.1.3 O Modelo de Richard Lewis	30
2.1.4 As dimensões de Geert Hofstede	35
2.2 Romano - Casais interculturais	41
3. Posicionamento metodológico	45
3.1 O ponto de vista do entrevistador / observador	46
3.2 Procedimentos de pesquisa	47
3.3 Geração de dados	48
3.4 Entrevistas	49
3.5 Os Participantes	53
3.6 Limitações	57
3.7 Tratamento dos dados	58
4. Análise de dados	60
4.1 A Relação interpessoal	60
4.2 A comunicação	79
4.3 A cultura	96
4.4 Conselhos	123

5. Considerações finais	124
6. Referências	134
Anexos	138

Lista de figuras

Figura 1: Iceberg	25
Figura 2: O modelo de Lewis	31
Figura 3: Comparação Brasil e Reino Unido	36

Lista de quadros

Quadro 1: Cultura visível – invisível	25
Quadro 2: Características das culturas	32
Quadro 3: Quadro geral de informantes	54
Quadro 4: Descrição dos britânicos e brasileiros	67
Quadro 5: Quadro geral comparativo	131

Abreviações

PL2E: Português como Segunda Língua ou Língua Estrangeira

IBM: International Business Machine

PDI: Power Distance

MAS: Masculinity versus Femininity

UAI: Uncertainty Avoidance

LTO: Long-Term Orientation

IND: Indulgence versus Restraint

IDV: Individualism versus Collectivism

1.

Introdução

“(...) no começo:: ele falava muito ‘nossa, Deus, que mulher difícil!’ ele sempre falava isso. então essa foi a primeira frase que eu aprendi em português. foi ‘nossa, Deus, que mulher difícil’ porque ele sempre falava isso, durante os primeiros dois anos hh ‘Que mulher difícil, meu Deus!’” (Larah, britânica).

Em qualquer relacionamento monocultural – em que duas ou mais pessoas compartilham da mesma cultura, língua e possuem padrões de comportamento similares – é preciso lidar com diferenças (particulares de cada indivíduo, familiares, religiosas, etc.) que frequentemente afetam a vida dos envolvidos. Mesmo assim, apesar de tantas diferenças, as pessoas costumam, ainda que inconscientemente, focar nas semelhanças entre elas. Por outro lado, ao se relacionarem com uma pessoa de outra cultura, outra língua, e consequentemente outros padrões de comportamento e crenças, essas diferenças ficam ainda mais evidentes e, em vez de focar nas semelhanças, é comum que os indivíduos envolvidos em relacionamentos interculturais, mesmo tentando olhar para as semelhanças, acabem focando mais nas diferenças.

Seja no mundo dos negócios, no turismo ou mesmo nas redes sociais, o contato com outras culturas ficou ainda mais acessível e frequente nas últimas décadas. Por isso, muitos estudiosos têm trabalhado para tentar entender como culturas distintas podem se relacionar de forma que suas diferenças não interfiram de maneira negativa na relação, causando choques ou conflitos que possam resultar em desentendimento entre ambas, seja no campo profissional ou pessoal.

Além disso, independentemente do tipo de relação entre as pessoas, vir de uma cultura diferente pode provocar determinadas pressuposições não compartilhadas pelo outro, causando, na maioria dos casos, a existência de uma lacuna na comunicação entre as partes. Por isso, é comum que os casais busquem similitudes que possam ajudá-los a manter a relação de forma bem-sucedida. Ao mesmo tempo, tentam trabalhar as diferenças e esperam que elas os tornem mais experientes e que, em vez de distanciar, os aproximem por meio da curiosidade e do interesse um pelo outro.

Tomemos como exemplo o caso de Larah, uma britânica casada com um brasileiro há mais de treze anos que relata os primeiros anos com seu esposo (epígrafe acima). Para ela, que não só não falava português, mas também não conhecia nada da cultura brasileira, os primeiros anos da relação não foram fáceis e foi bastante difícil focar nas semelhanças quando percebia tantas diferenças. Da mesma forma, para seu esposo, Pedro, relacionar-se com uma britânica, tão diferente das brasileiras em vários aspectos, foi uma tarefa que exigiu o máximo de sua paciência. Mesmo já tendo se relacionado socialmente com pessoas de várias culturas do mundo, a relação íntima com uma não-brasileira trouxe para Pedro várias questões com as quais ele não sabia lidar.

O casal se conheceu ao trabalhar junto em um navio, onde a única língua em comum era o inglês. Por isso, a relação deles começou (e se mantém até hoje) com esta língua. Entretanto, Larah narra que, durante suas discussões com o marido, era frequente ele usar o português para expressar sua angústia, frustração e estresse, ensinando para Larah, acidentalmente, suas primeiras frases no idioma.

É da natureza humana tentarmos relacionar-nos com pessoas que compartilhem de nossas crenças, desejos, sonhos, etc. Essas crenças, tradições, desejos, e até valores são muito importantes para os indivíduos e, é claro, devem ser respeitados; mas, para isso, primeiro devem ser aprendidos, para que o estrangeiro possa entender melhor os habitantes daquela cultura. Entretanto, muitas vezes nem os próprios nativos da cultura veem, conscientemente, a existência desses valores, pois

estes valores foram adquiridos no início de nossas vidas, e eles se tornaram tão naturais quanto inconscientes. Eles formam a base de nossas manifestações conscientes e mais superficiais da cultura: rituais, heróis e símbolos. O estrangeiro inexperiente pode fazer um esforço para aprender alguns dos símbolos e rituais do novo ambiente (palavras para usar, como cumprimentar as pessoas, quando dar presentes), mas é improvável que ele ou ela possa reconhecer, muito menos sentir, os valores subjacentes. De certa forma, o visitante em uma cultura estrangeira retorna ao estado mental de uma criança, em que as coisas mais simples devem ser aprendidas novamente. Esta experiência geralmente leva a sentimentos de angústia, de desamparo e de hostilidade para com o novo ambiente¹ (Hofstede, 2010, p. 384, tradução nossa – de agora em diante, t.n.).

¹ These values were acquired early in our lives, and they have become so natural as to be unconscious. They form the basis of our conscious and more superficial manifestations of culture: rituals, heroes, and symbols. The inexperienced foreigner can make an effort to learn some of the symbols and rituals of the new environment (words to use, how to greet people, when to bestow presents), but it is unlikely that he or she can recognize, let alone feel, the underlying values. In a

Por outro lado, a relação intercultural é baseada em diferenças e, também assim, é a comunicação entre os indivíduos inseridos nela. Dessa forma, é muito importante ter em mente a existência dessas diferenças quando falamos sobre relacionamentos amorosos. O casal deve ter ciência, desde o primeiro momento, que toda sua relação precisa tomar por base o desconhecido, uma vez que nem uma cultura nem outra pode ser tomada como verdadeira. É preciso que o casal intercultural não só esteja consciente, mas se auto encoraje a ver sua relação através de diferentes pontos de vista e não somente foque nos semelhantes.

Por esse motivo, uma de nossas preocupações foi a de observar o modo como os participantes veem a si mesmos, as suas próprias experiências e o mundo a sua volta. Este enfoque subjetivo, que pode estar presente na pesquisa qualitativa, considera que o indivíduo constrói uma realidade que só existe por meio da interação social. Ou seja, o conhecimento é construído como resultado das interações humanas, focando sempre no social.

Essa temática tem sido trabalhada em várias áreas do conhecimento tais como a psicologia, a sociologia, a educação, etc. Para este trabalho, assumimos a perspectiva do interculturalismo, tomando as teorias utilizadas em estudos nos campos empresarial e educacional para aplicá-las ao campo pessoal. A partir dessas teorias, focamos em relacionamentos amorosos, mais especificamente em casais formados por brasileiros e britânicos². Esse fenômeno, muito recorrente na atualidade, ficou conhecido entre os interculturalistas como *cross-marriage*, *intermarriage* ou *casamento intercultural*. Neste trabalho, adotamos a expressão relacionamento intercultural, uma vez que nem todos os nossos participantes são casados.

Sabemos que estudar culturas é uma tarefa muito complicada e desafiadora, pois interpretar o comportamento humano não é uma ciência exata; ainda assim, acreditamos ser possível compilar e interpretar fatos recorrentes que possam nos ajudar a entender melhor determinadas situações com as quais nos deparamos. Com

way, the visitor in a foreign culture returns to the mental state of an infant, in which the simplest things must be learned over again. This experience usually leads to feelings of distress, of helplessness, and of hostility toward the new environment.

² Chamaremos de britânicos todos os indivíduos nascidos no Reino Unido, que é formado por Escócia, País de Gales, Inglaterra e Irlanda do Norte. Assim, nosso trabalho considerou pessoas de todos esses países para a composição de nosso corpus.

isso, podemos ter informações necessárias para lidar melhor com possíveis situações problemáticas.

Como o interesse maior desse trabalho é encontrar ferramentas que possam auxiliar pesquisadores, professores e estudantes de português como língua estrangeira ou segunda língua (doravante PL2E³) a entender melhor uma cultura e os relacionamentos dentro dela, procuramos olhar para os estudos culturais tendo como cenário o ensino de português para esses estudantes.

É importante mencionarmos que este estudo tem a preocupação de levantar dados para observar a cultura, não para categorizá-la em determinado conceito ou outro: ao olhar para diferentes culturas e mostrar suas respectivas nuances, podemos compará-las; com isso, nossa contribuição é a de refletir sobre os relacionamentos interculturais de forma a observar se o que acontece assim se dá por influência de alguns fatores que poderiam ser considerados culturais, ou não.

A partir de um conjunto de teorias acerca de aspectos culturais brasileiros, mais especificamente, o interculturalismo, comparamos então a cultura brasileira com a cultura britânica em relacionamentos amorosos. Com isso buscamos identificar os motivos que levam muitos britânicos e brasileiros a se depararem com dificuldades e choques relacionados às respectivas culturas.

1.1

Motivação e Justificativa

A motivação para este trabalho nasceu da experiência da pesquisadora como professora de PL2E e de depoimentos de alunos ao narrarem histórias de eventos familiares em que se encontraram diante de alguma situação embaraçosa ou conflituosa por não conhecerem algum aspecto cultural e/ou linguístico considerado básico para uma boa socialização naquele contexto.

Dessa forma, na tentativa de auxiliar esses aprendizes a melhor se inserirem na cultura brasileira e, assim, evitarem determinados constrangimentos, e até mesmo conflitos, acreditamos ser da maior relevância um estudo que investigue

³ Terminologia adotada na PUC-Rio, correspondente a “Português como Segunda Língua e Língua Estrangeira”.

como se dá o relacionamento entre brasileiros e britânicos em que haja um relacionamento íntimo entre ambos, privilegiando-se tanto os aspectos culturais quanto os linguísticos.

Com isso, esta pesquisa se desenvolve visando facilitar o trabalho dos professores e alunos das línguas referidas, permitindo-lhes abordar esses aspectos culturais dentro de sala de aula, e utilizando como base dados colhidos dos próprios membros das comunidades em questão. Assim, a partir das dificuldades encontradas pelos britânicos e pelos brasileiros em relacionamentos amorosos, o professor de PL2E poderá se preparar melhor para auxiliar seus alunos a se integrarem mais facilmente à cultura da língua alvo mesmo em contextos mais amplos, levando sempre em conta a importância do aspecto cultural para a construção da identidade do indivíduo na cultura do outro.

1.2

Relevância

É bastante consensual, dentro da literatura encontrada nessa área, a ideia de que a aquisição de uma língua exige muito mais do que apenas a exposição do aprendiz aos aspectos gramaticais do idioma; assim, discutir essa temática faz – ou ao menos deveria fazer – parte da formação dos professores de idiomas no Brasil. No entanto, apesar de haver muitos trabalhos que defendem essa importância, como o trabalho de Silva (2007)⁴ sobre a família brasileira e sua importância para o indivíduo, há poucos estudos com este enfoque: o das dificuldades relacionadas à cultura, incluindo a família, em relacionamentos amorosos entre brasileiros e estrangeiros, em especial os britânicos.

Acreditamos que esta temática é muito importante para o ensino de PL2E, uma vez que compartilhamos da ideia de Meyer (2013, p. 13) de que, além do conhecimento e do contato com a cultura, é importante que o aprendiz entenda os motivos que levam o brasileiro a escolher determinada palavra ou a falar de certa

⁴ Dissertação de mestrado intitulada “A Família Brasileira no contexto do ensino/aprendizagem de PL2E: léxico, e graus de parentesco”.

forma, para que este tenha a liberdade e a possibilidade de construir sua própria identidade como falante de português.

1.3

Objetivos

A partir da perspectiva do interculturalismo, como mencionado anteriormente, este trabalho pretende investigar como se dão as relações conjugais entre brasileiros e britânicos e como a diferença de cultura pode interferir, de forma positiva ou negativa, nesse relacionamento. Comparamos, ainda, os casais que vivem no Brasil e os que não vivem aqui, para que possamos identificar se há diferenças entre eles e ainda se essas diferenças são relevantes à pesquisa. Dessa forma, procuramos identificar situações em que há choque cultural e refletir sobre como essas práticas podem ser evitadas, mostrando a importância de se entender uma cultura e sua língua, independentemente do tipo de relacionamento em questão; uma vez que não acreditamos na possibilidade de aprender uma língua sem aprender a cultura do (s) país (es) em que ela é falada.

Como afirma Revuz (1998, p. 223) “o que se estilhaça ao contato com a língua estrangeira é a ilusão de que existe um ponto de vista único sobre as coisas, é a ilusão de uma possível tradução termo a termo, [...]”. Logo, para que um aprendiz de PL2E domine o idioma, é preciso que ele tenha consciência de que aprender uma língua é muito mais do que aprender seu código linguístico. Por isso, muitas vezes, as traduções de expressões de uma língua para outra causam embaraços e constrangimentos entre o estrangeiro e o falante nativo, uma vez que elas nem sempre comunicam exatamente aquilo que pretendiam. Esse é um dos motivos pelos quais trabalhar as culturas, dentro de sala de aula, é imprescindível.

Acreditamos ainda que, ao trabalharmos com culturas, é preciso olhar para o objeto de pesquisa sob o olhar da interdisciplinaridade, pois é por meio dos conceitos da sociolinguística, linguística, antropologia, entre outras áreas, que é possível descrevermos aspectos de diferentes culturas, além de confrontá-los com o objetivo de comparar pontos de proximidades e de distanciamento entre elas. No entanto, não podemos deixar de lado a relação entre cultura e língua, uma vez que

é esta relação que explica a relevância desta análise para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras.

Logo, em nossa pesquisa não objetivamos comparar as culturas para mostrar que uma seja superior a outra, muito pelo contrário. Nosso objetivo é discutir como elas são diferentes e mostrar que entender isso pode ajudar tanto o parceiro brasileiro quanto o parceiro britânico a viver melhor na cultura do outro.

Além do objetivo geral, temos por objetivos específicos:

- i. Descrever como o brasileiro e o britânico veem sua própria cultura e a cultura do outro e verificar se essas impressões motivam choques culturais vividos por eles em relação à cultura do outro, a partir dos dados coletados por entrevistas conduzidas com brasileiros e britânicos;
- ii. Identificar possíveis elementos causadores de conflitos inseridos nas relações amorosas;
- iii. Entender como esses conflitos se originam (levando em consideração a sua existência), se por problemas de aspectos culturais ou linguísticos, ou ambos;
- iv. Observar se a cultura das respectivas famílias interfere (de forma positiva ou negativa) no relacionamento do casal;
- v. Descrever padrões discursivos e comportamentais possivelmente recorrentes no discurso de brasileiros e britânicos envolvidos amorosamente em episódios de interação.

1.4

Hipóteses

Para tentar compreender qual a influência da cultura dentro do relacionamento entre brasileiros e britânicos, postulamos três hipóteses norteadoras:

- a. Tanto os britânicos quanto os brasileiros encontram problemas em se adaptar à cultura do cônjuge e às suas tradições familiares;
- b. Esta dificuldade aumenta quando o casal vive no Brasil e o britânico precisa, além de se adaptar ao sistema e ao cônjuge brasileiro, lidar com a nova

família, uma vez que o brasileiro possui uma presença familiar muito mais forte do que os britânicos;

c. Há diferenças de tipos de conflitos quando o brasileiro é do gênero feminino ou masculino.

1.5

Organização da pesquisa

Para que possamos melhor trabalhar essas questões, optamos por organizar o presente trabalho da seguinte forma:

No segundo capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos utilizados como ponto de partida para a análise dos dados, focando nos interculturalistas Bennett (1998); Lewis (2006), Peterson (2004), Romano (2008); e Hofstede (2010). No terceiro capítulo, descrevemos os pressupostos metodológicos, ou seja, de que maneira realizamos a pesquisa e como conduzimos a análise de dados.

À luz desses conceitos, no quarto capítulo discutimos os resultados encontrados a partir dos dados gerados. Para melhor organização, este capítulo foi dividido em quatro partes, a saber: a relação; a comunicação; as culturas; e os conselhos.

O quinto capítulo apresenta as reflexões realizadas a partir da conexão das teorias com os dados encontrados. Logo após, passamos para a revisão bibliográfica, no sexto capítulo.

Em seguida, há os anexos, que contém: convenção de transcrição, questionário sociocultural, guia de perguntas semiestruturadas, termo de consentimento, e transcrições de alguns trechos selecionados das entrevistas utilizados como base para a análise.

2.

Pressupostos teóricos

Como apresentado no capítulo 1, este trabalho tem como objetivo observar alguns casos de relacionamentos amorosos entre brasileiros e britânicos e tentar compreender, principalmente, como esse tipo de relação funciona, seus desafios, seus sucessos. Para isso, iremos percorrer algumas teorias e conceitos do interculturalismo, assim como outros trabalhos já realizados nesta área.

2.1

Interculturalismo

As teorias do interculturalismo surgiram, inicialmente, para tentar resolver problemas de relacionamentos entre pessoas de nacionalidades diferentes que trabalhavam na mesma empresa ou faziam negociações juntas. Por isso, é possível encontrar muitas pesquisas voltadas para o campo empresarial que buscam, principalmente, apresentar fórmulas para se evitarem conflitos entre funcionários de nacionalidades diferentes. A esse movimento seguiu-se um outro, de trabalhos voltados para diversos tipos de relacionamentos, entre eles, o casamento entre pessoas de países e, conseqüentemente, de culturas diferentes.

Na área educacional, o movimento iniciou um pouco mais tarde. Atualmente, embora o ensino de idiomas esteja cada vez mais e mais focado em trabalhar a cultura dentro de sala de aula, há ainda poucos trabalhos de cunho educacional que foquem na área de relacionamentos amorosos entre pessoas de nacionalidades diferentes, e menos ainda envolvendo a cultura brasileira.

Dessa forma, tomando por base as teorias interculturais voltadas, em princípio, para o mundo empresarial, discutimos, neste trabalho, como e se elas poderiam ser aplicadas aos relacionamentos amorosos. Para isso, utilizamos as contribuições de alguns dos mais renomados interculturalistas, como Bennett

(1998) e Peterson (2004), que sugerem que há dois tipos de culturas que se diferenciam: a cultura objetiva e a cultura subjetiva, como veremos a seguir. Adotamos, ainda, os conceitos de cultura de alto e baixo contexto (Hall, 1989), além das teorias de Lewis (2006) sobre cultura e das dimensões elaborados por Geert Hofstede (2010).

Antes de desenvolvermos a nossa base teórica, consideramos necessário apresentar alguns dos conceitos fundamentais para nossa pesquisa: generalizações e estereótipos, cultura, interculturalismo e competência comunicativa.

Iniciemos pela diferenciação, extremamente importante para este trabalho, entre estereótipo e generalização. Segundo Bennett (1998), estereótipos são basicamente padrões de comportamento que esperamos que todo e qualquer indivíduo de uma sociedade tenha:

Os estereótipos surgem quando agimos como se todos os membros de uma cultura ou grupo compartilhassem as mesmas características. Estereótipos podem ser anexados a qualquer suposto indicador de um grupo de membros, tais como raça, religião, etnia, idade ou sexo, bem como a cultura nacional. As características que são assumidamente compartilhadas por membros do grupo podem ser respeitadas pelo observador, caso em que é um estereótipo positivo. No caso mais provável, que as características são desrespeitadas, é um estereótipo negativo⁵ (Bennett, 1998, p. 6, t.n.).

Podemos observar, nesta citação, que estereótipo é definido como uma generalização radical sobre uma cultura, que pode atribuir a ela tanto características positivas quanto negativas. Assim sendo, é importante termos consciência de que as afirmações feitas neste trabalho se referem a um estudo realizado com um grupo de pessoas que tomamos como representativas de suas respectivas culturas. Isto é, os resultados aqui encontrados possuem reflexos tanto das características da cultura como também das identidades individuais dos entrevistados.

No entanto, com o objetivo de estudarmos o comportamento de determinadas culturas, é imprescindível que nos utilizemos de generalizações para identificar e categorizar determinados padrões. Para Bennett (1998), a generalização é, portanto,

⁵ Stereotypes arise when we act as if all members of a culture or a group share the same characteristics. Stereotypes can be attached to any assumed indicator of a group membership, such as race, religion, ethnicity, age or gender, as well as national culture. The characteristics that are assumedly shared by members of the group may be respected by the observer, in which case it is a positive stereotype. In the more likely case that the characteristics are disrespected, it is a negative stereotype.

uma suposição ou uma hipótese feita por meio da observação de características gerais de uma cultura por observadores da área em questão, sempre atentos ao fato de que nem todos os indivíduos se comportam necessariamente da mesma maneira, sempre. Assim, podem e devem ser apresentadas com o objetivo de descrever os comportamentos gerais da sociedade, não se aplicando, assim, à totalidade dos indivíduos.

Adotamos aqui o conceito de cultura apresentado por Hofstede (2010), no qual as culturas são programas mentais que podem variar de acordo com o ambiente no qual são adquiridos e desenvolvidos:

“A cultura é sempre um fenômeno coletivo, uma vez que é, ao menos parcialmente, compartilhada com pessoas que vivem ou viveram dentro do mesmo ambiente social onde foi aprendida. A cultura consiste nas regras não escritas do jogo social. É o programa coletivo da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas de outros”⁶ (Hofstede, 2010, p. 6, t. n.).

Compartilhamos ainda as ideias de Hughes (2008) quando define cultura como um grupo étnico e explica que:

“Um grupo étnico não é tal por causa do grau de diferença mensurável ou observável entre ele e outros grupos; é um grupo étnico, ao contrário, porque as pessoas dentro e fora dele sabem que o é; porque tanto os que estão dentro quanto o que os que estão fora dele falam, sentem e agem como se fossem um grupo separado” (Hughes apud Becker, 2007, p. 18).

Logo, nosso trabalho não se limita a descrever semelhanças e diferenças entre as duas culturas – a britânica e a brasileira -, mas pretende mostrar como os indivíduos de ambas as culturas se sentem quando se relacionam. Isso porque, para que haja relações interculturais no nível em que estamos trabalhando – a das relações entre indivíduos pertencentes a determinados grupos de cultura -, é preciso mais que um grupo étnico: “As ações não podem ser compreendidas estudando-se um ou outro dos grupos, assim como não se pode compreender uma combinação química pelo estudo de um elemento apenas, ou uma luta de boxe pela observação de apenas um dos lutadores” (*idem*, p. 19).

⁶ Culture is always a collective phenomenon, because it is at least partly shared with people who live or lived within the same social environment, which is where it was learned. Culture consists of the unwritten rules of the social game. It is the collective programming of the mind that distinguishes the members of one group or category of people from others.

Ao estudarmos essas culturas em contato, assumimos uma perspectiva que, diferentemente da antropologia e da sociologia, se preocupa com a comunicação entre as pessoas:

O interculturalismo tenta entender como as pessoas criam sentido para os gestos, ações, palavras e para as outras formas sutis de comunicação e como usam isso para conviver. Estudamos para melhorar a interação entre as pessoas, para que elas se adaptem melhor umas às outras, para que o desentendimento seja diminuído e o entendimento entre duas pessoas diferentes seja melhorado⁷ (Bennett, 2011).

Para que essa comunicação ocorra com sucesso, o indivíduo precisa desenvolver o que Bennett (2011) chama de “inteligência contextual” ou “competência cultural” que

(...) representa a capacidade de uma pessoa de entender o contexto de uma situação – mais do que entender as palavras, saber falar a mesma língua, é entender todo o contexto cultural dessa situação. Quanto mais rápido todos conseguirem reconhecer esse contexto, e quanto mais rápido conseguirem mover-se por contextos diferentes, mais fácil é a comunicação entre as pessoas. No campo intercultural, esse tipo de inteligência contextual é chamado de “competência intercultural”, e é exatamente essa competência que as pessoas precisam desenvolver para poderem se comunicar em um mundo cada dia mais conectado (*idem*).

Essa competência ajuda o indivíduo em ambiente multicultural a não somente aprender a usar as palavras certas nas situações adequadas na língua do outro, a não somente conhecer e entender a cultura do outro, mas também o ajuda a criar sua própria identidade quando a sua cultura nativa se encontra com a cultura do outro. Isso ocorre porque, como argumenta Bennett (2011), as pessoas podem enquadrar-se – o que frequentemente ocorre – em mais de um grupo de definições ou características. Um brasileiro, por exemplo, nunca é só um brasileiro, ou só um nordestino, ou só um sulista: “eles [brasileiros] são tudo isso ao mesmo tempo. As identidades regionais e a nacional não se sobrepõem ou se anulam; eles são todas essas identidades, e elas contribuem para construir sua visão de mundo e definir seus padrões comportamentais” (*idem*). Ou seja, um britânico não será somente um britânico numa relação com um brasileiro, mas será o resultado da interação entre os dois. É a soma desses resultados que lhes permitirá desenvolver uma relação intercultural com menos conflitos e mais compreensão.

⁷ Em uma entrevista à revista Época, ed. Globo. Acesso em 20-02-2017: <http://wp.me/s3XP0G-teste5>

2.1.1

Cultura Objetiva & Cultura Subjetiva

A conhecida analogia de cultura como um iceberg, que encontramos em Peterson (2004), mostra que toda cultura possui uma parte visível, objetiva, na qual estão inseridas as manifestações culturais produzidas pela sociedade; estas manifestações são explícitas, concretas e facilmente visíveis, como as artes, a literatura, a língua, o teatro, a música, a dança e os sistemas econômico, social, político e linguístico, entre outros; mas há também uma grande parte não visível, submersa, subjetiva, que envolve aspectos culturais compartilhados que são implícitos, tais como o uso da língua, os padrões de crenças, de valores e de comportamentos aprendidos e compartilhados por aqueles que interagem, os quais só é possível ver por meio de análise mais profunda e detalhada (*idem*).

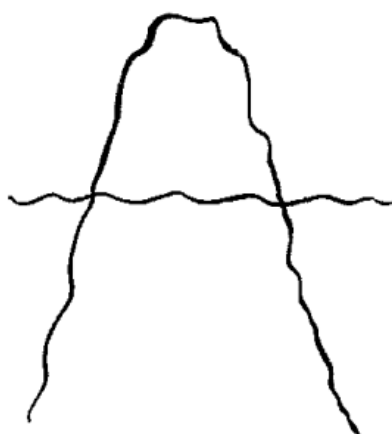


Figura 1: Iceberg (Peterson, 2004, p. 21-22)

Ao observarmos a figura 1, podemos ver a ponta do iceberg, acima da linha, e a base, submersa. No topo, acima da linha, está a cultura visível e objetiva, também conhecida por Cultura “C”. Na base, está a cultura invisível e subjetiva, também conhecida por Cultura “c”.

	Cultura com “C” maiúsculo (grandes temas)	Cultura com “c” minúsculo (temas comuns ou cotidianos)
Cultura invisível (base do iceberg)	Exemplos: valores centrais, atitudes ou crenças, normas sociais, fundamentos legais, suposições, processos cognitivos	Exemplos: questões populares, opiniões, pontos de vista, gostos e preferências, certos conhecimentos (triviais e fatos)

Cultura visível (ponta do iceberg)	Exemplos: arquitetura, geografia, literatura clássica, figuras políticas, música clássica	Exemplos: gestos, postura corporal, uso do espaço, estilo de roupa, gastronomia, hobbies, artesanato, folclore
----------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro 1 – Cultura visível - invisível (Peterson, 2004, p. 23, t. n.)

Dentro da mesma linha, Bennett (1998) defende que o conhecimento dos aspectos culturais objetivos não é suficiente para facilitar a comunicação entre indivíduos de duas culturas diferentes. Para o autor, é o contato com a cultura subjetiva que ajuda o estrangeiro a entender e a lidar com comportamentos da cultura em questão, pois é somente através da compreensão da própria cultura subjetiva e da cultura subjetiva do outro que o sujeito poderá construir sua competência intercultural, como mencionamos anteriormente.

Com isso, os aspectos culturais subjetivos, menos visíveis e em maior quantidade, precisam ser explorados, pois são eles que permitem adentrar mais profundamente a cultura do outro, possibilitando uma melhor compreensão de seu funcionamento, permitindo aos envolvidos encontrar estratégias para evitar possíveis choques e conflitos culturais.

Por isso, este trabalho foca no conceito de cultura subjetiva, uma vez que lidamos com características das culturas brasileira e britânica impossíveis de serem vistas em uma abordagem ao nível da cultura objetiva apenas. É claro que é importante conhecermos também fatos da cultura objetiva, como música, arte, tipos de comidas, história, etc. Entretanto, não é apenas esse tipo de conhecimento que permite que dois indivíduos de nacionalidades diferentes tenham sucesso em sua comunicação, como vemos a seguir.

2.1.2

Cultura de Alto Contexto e Cultura de Baixo Contexto

Hall (1976) foi um dos teóricos precursores da preocupação em melhorar a eficiência da comunicação intercultural, focando, principalmente, no ambiente de trabalho. Para ele, o gerente (pessoa responsável pela equipe) de uma companhia precisa garantir que haja um canal para as pessoas se comunicarem eficientemente e, somente assim, pessoas de diferentes nacionalidades poderão trabalhar juntas

com sucesso. A partir disso, considerando que a boa comunicação é necessária não somente em ambientes empresariais, mas dentro de qualquer relacionamento, principalmente se este é constituído por pessoas de origens culturalmente diferentes, trazemos a seguir alguns dos conceitos de sua teoria para nosso trabalho.

De acordo com Hall (1989), em termos de relações espaciais, toda pessoa tem em volta de si uma ‘bolha invisível’, ou zona de conforto de contato físico, que pode se expandir e se contrair, dependendo de alguns fatores, tais como: o relacionamento entre as pessoas, o nível de proximidade ou de distanciamento entre elas e o estado emocional ou a bagagem cultural. O autor ainda destaca que algumas culturas possuem bolhas menores ou maiores que outras. No caso das culturas de origem latina, geralmente a bolha é muito menor que a de outras culturas de origem ocidental, ou seja, as pessoas se sentem confortáveis mesmo que mantendo uma acentuada proximidade física entre elas. Por exemplo, na cultura brasileira, não há definição de espaço muito marcada, o que faz com que a proximidade seja grande sem ser considerada invasiva: as pessoas se amontoam em ônibus e elevadores, se tocam, se abraçam e beijam sem constrangimento. De modo geral, países que possuem uma bolha maior fazem parte de uma cultura de baixo contexto, enquanto os países de bolha menor, uma cultura de alto contexto.

Entendemos contexto, nesse caso, como uma informação que cerca um evento, estando intrinsecamente ligada ao significado daquele evento (Hall, 1981, apud Oliveira, 2001, p. 6). Temos, assim, dois níveis diferentes de elementos que se combinam para produzir um dado significado dentro da comunicação, representados por ‘comunicação de baixo contexto’ e ‘comunicação de alto contexto’.

Culturas de alto contexto tendem a encontrar um significado oculto ou profundo em uma palavra, frase ou situação, considerando não só a palavra falada, mas outras influências periféricas, como o estado ou idade das pessoas envolvidas, do ambiente, do nível social e da linguagem corporal - você diz isso, mas os seus olhos querem dizer mais alguma coisa (Hall 1981, apud Oliveira 2001, p. 6, t. n.).

Isto é, a cultura de alto contexto é aquela em que muito do que dizemos está nas entrelinhas, ou seja, é dito indiretamente. Nela, as relações são baseadas mais

em sentimentos, intimidade e elementos como status, faixa etária, linguagem corporal e nível de proximidade entre os falantes.

Por outro lado, a cultura de baixo contexto é aquela em que a maior parte da mensagem é expressa através do código em si, sem indiretividade. Ou seja, o que você diz é aquilo que você quer dizer, sem necessidade de o ouvinte buscar outros elementos na situação de comunicação que o auxiliem a decifrar a mensagem.

Culturas de baixo contexto, tendem a concentrar-se na definição literal de uma palavra ou frase, ou na circunstância literal de uma situação. Estas culturas não dependem de influências periféricas para decifrar uma mensagem e, em vez disso levam a mensagem ao seu valor nominal - isto é o que você disse, então é isso que você quer dizer⁸ (Hall 1981, apud Oliveira 2001, p. 6, t. n.).

De acordo com Bennett (1998), o português brasileiro é uma língua de alto contexto, isto é, a maior parte das informações não está somente no discurso, mas também na forma como a mensagem é transmitida, principalmente, por meio da linguagem não verbal (gestos, expressão facial, entoação, volume, velocidade da fala e postura corporal) (p.17). Isso faz com que o Brasil seja descrito como país de cultura de alto contexto.

Por outro lado, o inglês é uma língua de baixo contexto, em que a informação principal está contida na sentença proferida. Países anglo-saxônicos em geral são descritos como culturas de baixo contexto. Nessas culturas, a linguagem verbal passa a mensagem transmitida com clareza suficiente, utilizando basicamente o código linguístico. Obviamente, a linguagem não verbal está inserida em todas as culturas, no entanto, apenas nas culturas de alto contexto elas modificam a mensagem verbal de forma relevante.

Para Bennett (1998), a linguagem verbal seria um sistema digital, pois nele as palavras simbolizariam o mesmo fenômeno arbitrário utilizado por um código em computadores. Por outro lado, a linguagem não verbal seria um sistema analógico, no qual os fenômenos são representados pelos contextos. O autor apresenta dois exemplos: dizer palavras como “I love you” seria digital, enquanto mostrar com um olhar ou um toque esse sentimento seria analógico.

⁸Low-context cultures tend to focus on the literal definition of a word or phrase, or the literal circumstance of a situation. These cultures do not rely on outlying influences to decipher a message and instead take the message at face value – this is what you said, so this is what you mean.

Algumas línguas colocam mais ênfase na qualidade digital do que outras. O inglês, por exemplo, é fortemente digital na forma como ele divide os contínuos do sentimento e do pensamento humanos em categorias discretas e abstratas, fornecendo aos oradores muitas palavras para nomear estados afetivos e cognitivos particulares. Em contraste, o japonês é uma linguagem mais analógica. Exige que seus falantes impliquem e infiram o significado do contexto de afirmações relativamente vagas - a maneira como é dito, por quem, a quem, onde, em que momento, e imediatamente antes ou depois de outra afirmação⁹ (Bennett, 1998, p. 10, t. n.).

Assim como o japonês, o português brasileiro seria uma língua extremamente analógica, pois sem o contexto muitas vezes fica muito difícil dizer com certeza o significado de determinadas palavras e enunciados. E esse é, ainda, um dos grandes desafios da comunicação entre pessoas brasileiras e pessoas britânicas, usuários de uma língua analógica e uma língua digital, respectivamente: encontrar um equilíbrio entre a quantidade de linguagem verbal e linguagem não verbal utilizada durante a conversa.

Ao atingir esse equilíbrio, o indivíduo poderá entender melhor suas diferenças e semelhanças com a outra cultura, e assim, trabalhá-las em prol de uma comunicação efetiva, pois “(...) as pessoas precisam primeiro entender a si, aprender a dar significado a suas formas de comunicação, para poder criar significados que façam sentido para todos” (Bennett, 2011).

Dessa forma, para os interculturalistas, o foco mais importante de uma pesquisa na área é apresentar de que forma cada cultura se relaciona com a língua, mostrando que há semelhanças e diferenças entre elas no que diz respeito ao comportamento verbal e não verbal, aos padrões de comportamento e de pensamento, aos estilos de comunicação, aos seus valores e hábitos (Bennett, 1998). Para o autor, o conhecimento desses aspectos culturais e interacionais fará com que o cruzamento cultural entre os indivíduos de nacionalidades diferentes seja, provavelmente, feito de forma menos conflituosa.

⁹ Some languages put more emphasis on the digital quality than others. English, for instance, is strongly digital in the way that it divides continua of human feeling and thought into discrete, abstract categories, providing speakers with many words to name particular affective and cognitive states. In contrast, Japanese is a more analogic language. It demands that its speakers imply and infer meaning from the context of relatively vague statements—the way it’s said, by whom, to whom, where, at what time, and just before or after what other statement.

2.1.3

O Modelo de Richard Lewis

Richard Lewis (2006) desenvolveu uma teoria que permite prever determinados padrões de comportamento de uma cultura. Como todo interculturalista, seu objetivo é o de ajudar indivíduos que se relacionam com pessoas de diferentes nacionalidades a ter um melhor relacionamento, evitando ofensas e mal entendidos, ou seja, buscando sempre uma boa comunicação. Para o autor, é muito importante entendermos outras culturas de forma globalizada, por isso ele desenvolve seu estudo com foco em estudar ‘o outro’ e tentar entender como as pessoas de outras culturas interagem.

Para isso, Lewis cria um modelo de categorização, por meio de questionários, observações e avaliações de informantes oriundos de mais de sessenta nacionalidades. Nesse modelo, Lewis apresenta três categorias distintas para classificar as culturas dos países: **multiativas**, **ativo-lineares** e **reativas**.

Da primeira, a cultura multiativa, fazem parte países em que família, emoções e relações interpessoais, entre outros aspectos, são mais valorizados. São culturas nas quais os indivíduos são descritos como mais calorosos, prolixos, questionadores, etc. Lewis afirma ainda que países dessa categoria não estariam focados em pontualidade, pois a vida real do aqui e agora seria mais importante do que compromissos agendados previamente – por isso os indivíduos desse tipo de cultura são descritos como mais impulsivos (2006, p. 30). Para o autor, os países da América Latina em geral fazem parte dessa categoria, aí incluído o Brasil.

Na segunda categoria, a cultura ativo-linear, os indivíduos estão mais focados em fatos, planejamento, produtos, leis e cronogramas a serem cumpridos; possuem uma tendência a focarem em uma tarefa por vez, com o objetivo de cumpri-la com a maior eficiência possível. A esta pertence o Reino Unido, cuja a cultura é considerada mais fria, disciplinada e planejadora, na qual os indivíduos buscam pela eficácia.

Na terceira e última categoria, a cultura reativa, as pessoas estão mais focadas em fatores como harmonia, proteção da face e cortesia, entre outros aspectos. Em culturas reativas, os indivíduos têm uma grande tendência a evitar confrontos, serem polidos e tornarem o ambiente o mais harmônico possível. Países asiáticos estão mais inclinados para esta categoria.

Juntas, essas três categorias são dispostas de maneira que formam um triângulo no qual, de forma escalonar, os países vão se aproximando mais de um eixo, e conseqüentemente, se afastando de outro, indicando sua tendência, de forma gradual, a se configurar como pertencente mais a um tipo de cultura do que a outro (fig. 2).

Tipos de Cultura: O Modelo de Lewis Variações Multiativa, Ativo-Linear e Reativa

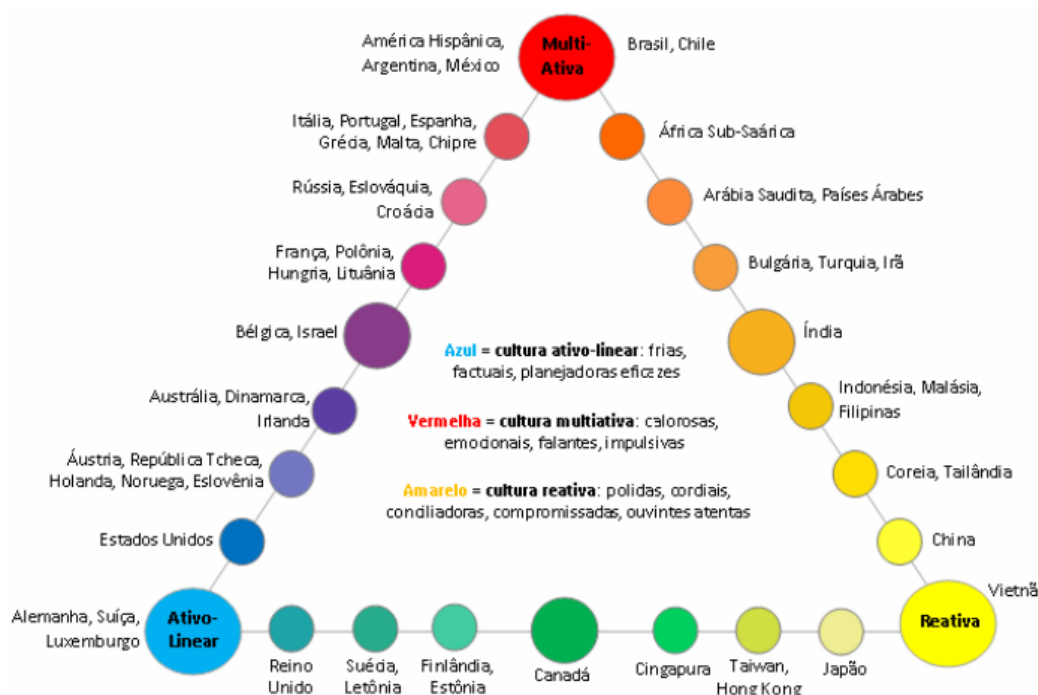


Figura 2: O modelo de Lewis (Lewis, 2006, 46, apud Paranhos, p. 35, 2011).

Abaixo seguem alguns exemplos, apontados por Lewis, das características dos indivíduos oriundos dos países pertencentes a uma das três categorias de seu modelo.

Ativo-Linear	Multiativa	Reativa
Introvertido Paciente Quietos Preferência pela privacidade Faz uma coisa por vez Pontual Planeja com antecedência Mantém-se no plano e nos fatos orientado pelo trabalho Não emotivo Segue procedimentos corretos Aceita favores relutantemente Confronta com lógica Limitada linguagem corporal Raramente interrompe Separa social do profissional	Extrovertido Impaciente Falante Preferência pelo público Faz muitas coisas ao mesmo tempo Trabalha a qualquer hora Não é pontual Agenda imprevisível Muda de planos frequentemente Orientado pelas pessoas Confronta com emoção Irrestrita linguagem corporal Interrompe frequentemente Social e profissional são entrelaçados	Introvertido Paciente Silencioso Respeitoso Horas flexíveis Pontual Faz pequenas mudanças na agenda Vê toda a situação Enunciados são promessas orientado pelas pessoas Protege a face do outro Evita confrontos Sutil linguagem corporal Não interrompe Conecta social com profissional

Quadro 2: Características das culturas (tradução e adaptação nossa, Lewis, 2006, p. 33-34)

2.1.3.1

Brasil – uma cultura multiativa

De acordo com Lewis (2006), brasileiros, em geral, gostam de ser brasileiros e acreditam no potencial de seu país (p. 541). Por serem de uma cultura multiativa, os brasileiros são muito voltados para o diálogo, para a construção do novo, ainda que tradicionais e respeitosos com a família (*idem*). Dentre os valores que descrevem sua cultura, pode-se dizer que são: amigáveis, tolerantes, impacientes, emocionais, exagerados, otimistas, flexíveis; gostam de música e dança; evitam coisas desagradáveis; quebram regras, etc. (*idem*, t. n.).

Dentre as características mencionadas acima, a forma de manejar o tempo é uma das mais abordadas em trabalhos da área de cultura. Estudos (tais como: Lewis, 2006, Hofstede, 2010 e Santos, 2007) apontam que os brasileiros possuem um horário particular, em que chegar depois do horário previsto pode não ser considerado um atraso em determinadas situações e que, em outras, chegar depois da hora marcada pode até ser considerado educado e elegante.

Outra característica importante, que os diferem dos britânicos, por exemplo, é o foco em linguagem corporal e gestual. Brasileiros se comunicam não só com

palavras, mas com todo o corpo, outra característica comum às culturas de alto contexto.

Embora parecendo excessivamente emocional às vezes, eles só querem que você entenda que o que eles estão dizendo "vem do coração". Suas emoções sentidas pelo coração são acompanhadas por um forte contato visual. Os brasileiros são muito expressivos, particularmente quando se trata de mostrar emoções como descrença, alegria, simpatia ou desapontamento. Quanto mais longo o seu discurso, mais eles sentem que terão cimentado a sua lealdade como uma base sobre a qual eles podem construir novas transações e criar boa vontade a longo prazo¹⁰ (Lewis, 2006, p. 542-543, t. n.).

Lewis dá algumas sugestões de como um indivíduo de outro país deveria se portar ao interagir com um brasileiro. Seleccionamos alguns exemplos mostrados a seguir (tradução e adaptação nossa, Lewis, 2006, p. 545):

- Mostre bastante compaixão pelos problemas das pessoas e dê a elas conselhos e ajuda;
- Seja amigável, informal e feliz;
- Fale sobre futebol;
- Aceite convites sociais animadamente;
- Coloque relacionamentos antes de produtos e procedimentos;
- Seja relaxado sobre o tempo;
- Aceite proximidade física, beijos e abraços;
- Lembre-se de que brasileiros frequentemente interrompem sem intenção de serem rudes.

Lewis também sugere que se evite ser formal, focar muito em lucros e mostrar riqueza e poder. Obviamente, essas sugestões não devem ser consideradas uma regra fechada, mas apenas um conjunto de comportamentos que são considerados adequados à cultura brasileira.

2.1.3.2

Reino Unido – uma cultura Ativo-linear

¹⁰ Although appearing overly emotional at times, they only want you to understand that what they are saying 'comes from the heart'. Their heart-felt emotions are accompanied by strong eye contact. Brazilians are very expressive, particularly when it comes to showing emotions such as disbelief, joy, sympathy or disappointment. The lengthier their discourse, the more they feel they will have cemented your loyalty as a basis on which they can build further transactions and create long-term goodwill.

A cultura britânica é um exemplo de cultura ativo-linear. Os britânicos são descritos como possuidores de um senso de humor seco, apoiado por uma abordagem simpática e descontraída, que consideram uma boa política usar auto depreciação e rir de si mesmos durante uma conversa. São basicamente mais interessados em relacionamentos a longo prazo do que em ofertas rápidas (Lewis, 2006, p. 544).

Ainda segundo o autor, uma das características que diferenciaria pessoas de cultura multiativa e ativo-linear, é a forma como lidam com demonstração de emoções e sentimentos. Britânicos não são muito sentimentais, por isso não é aconselhável, quando em interação com um britânico, ser muito aberto à exposição de emoções em público. Há uma expressão muito famosa que pode explicar essa característica britânica, conhecida como **'stiff upper lip'**. A expressão, de difícil tradução para o português ("lábio superior rígido") é uma expressão já muito antiga e, apesar de não moderna, está ainda bastante presente na cultura britânica. Uma pessoa com essa característica pode ser descrita como:

Aquele que tem um lábio superior rígido exibe fortaleza em face da adversidade, ou exerce grande autocontrole na expressão da emoção. A frase é mais comumente ouvida como parte da expressão "manter um lábio superior duro", e tem sido tradicionalmente usada para descrever um atributo do povo britânico em manter-se firme e sem emoção diante da adversidade. Um sinal de fraqueza é o tremor do lábio superior, daí o ditado manter um lábio superior rígido. Quando o lábio superior de uma pessoa começa a tremer, é um dos primeiros sinais de que a pessoa está assustada ou abalada ao experimentar emoção profunda (Wikipedia, t. n.)¹¹.

Por essa razão, é comum ouvirmos comentários sobre uma ausência de emoção dos britânicos, em geral entendida como frieza, principalmente quando comparada a culturas como a brasileira. Não podemos afirmar que essas características ocorrem igualmente em cada um dos britânicos, pois isso caracterizaria uma visão estereotipada, uma vez que elas vão depender também das características individuais de cada pessoa; no entanto, ela representa uma generalização, confirmada por alguns estudos interculturais, da cultura britânica.

¹¹ One who has a stiff upper lip displays fortitude in the face of adversity, or exercises great self-restraint in the expression of emotion. The phrase is most commonly heard as part of the idiom "keep a stiff upper lip", and has traditionally been used to describe an attribute of British people in remaining resolute and unemotional in the face of adversity. A sign of weakness is trembling of the upper lip, hence the saying keep a stiff upper lip. When a person's upper lip begins to tremble, it is one of the first signs that the person is scared or shaken by experiencing deep emotion.

2.1.4

As dimensões de Geert Hofstede

No presente trabalho, utilizamos uma das principais teorias de interculturalismo, desenvolvida por meio de uma pesquisa dentro da empresa IBM (International Business Machine) por Geert Hofstede (2010), e aplicada em sedes da empresa em mais de 40 países do mundo. A pesquisa, realizada por meio de observação e questionários feitos aos funcionários da empresa, teve por objetivo conhecer bem as nuances das culturas dos países envolvidos (suas regras, suas estratégias dentro do jogo social) e, com isso, saber como conversar e negociar com pessoas de culturas distintas, além de aprender a lidar com as diferenças, por meio de informações obtidas através da interação entre os participantes.

Em seu livro, *Cultures and Organizations: the software of the mind*, Hofstede (2010) propõe seis dimensões culturais que apresentam as generalizações pilares das culturas de diferentes países, a saber: (i) distância de poder; (ii) individualismo/coletivismo; (iii) masculinidade/feminilidade; (iv) prevenção de incerteza; (v) orientação a longo/curto prazo; e (vi) indulgência/restrição. Com base nos resultados encontrados, foram calculados índices de 0 a 100 para caracterizar as culturas desses 40 países segundo essas seis categorias.

Observemos o gráfico (figura 3) abaixo, retirado do site oficial da pesquisa de Hofstede (2001, t.n.)¹², onde podemos ver uma comparação entre o Brasil e o Reino Unido em todas as seis dimensões mencionadas. Logo a seguir, veremos uma breve explicação de cada uma delas.

¹²Disponível em: <https://geert-hofstede.com/brazil.html>, acesso em 20 de abril de 2017.

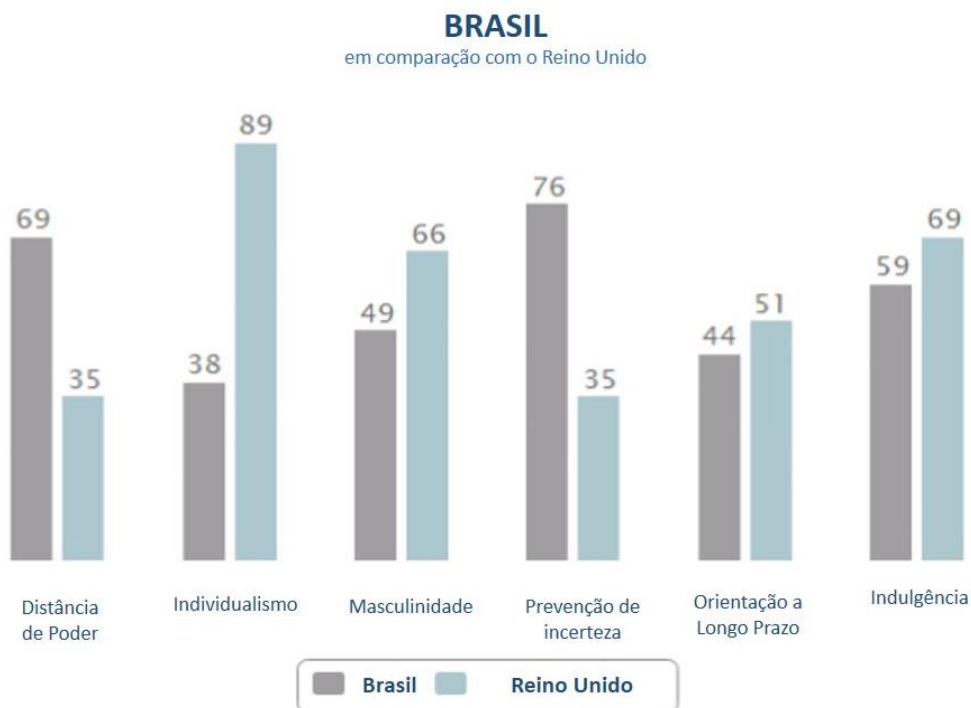


Figura 3: comparação Brasil e Reino Unido

2.1.4.1

Distância de Poder (PDI)

A primeira dimensão, Distância de Poder (PDI), expressa a forma como a hierarquia e o poder se manifestam na sociedade. Quanto maior o índice do país nesta dimensão, mais hierarquizado ele será. De acordo com a escala de Hofstede (figura 3), o Brasil tem uma pontuação de 69, o que reflete uma sociedade na qual as pessoas estão habituadas a estar em relações marcadas por diferenças de poder, não somente no campo empresarial, como também no familiar. Entretanto, o foco nesta dimensão não é somente o grau de desigualdade de poder, mas sim a forma – mais ou menos confortável com a hierarquia - como a sociedade lida com ela.

Com índice de 35 pontos, o Reino Unido mostra ser uma sociedade menos hierárquica, o que pode ser observado ainda na infância, quando os pais tratam os filhos com mais igualdade e mais independência do que os pais no Brasil. Ou nas empresas, nas quais os funcionários não somente recebem ordens do que precisa ser feito, mas possuem também participação ativa, sendo muitas vezes incentivados por seus supervisores a pensarem por si sós, o que geralmente traz melhores resultados para a companhia.

2.1.4.2

Individualismo e coletivismo (INV)

O índice desta dimensão diz respeito ao grau de interdependência que uma sociedade tem entre seus membros (Hofstede, 2010), ou seja, à preocupação e ao cuidado que o indivíduo tem consigo mesmo e com os outros em sua comunidade. Em uma sociedade individualista, as pessoas têm maior tendência a se preocupar mais consigo mesmas e com os parentes mais próximos apenas, enquanto que em uma sociedade mais coletivista, o indivíduo pensará e agirá mais pelo coletivo. Será mais comum pensar no ‘nós’ em detrimento do ‘eu’, optando por fazer parte de uma comunidade, na qual o sentimento de proteção e defesa é expandido a todos daquele grupo, incluindo os mais distantes.

Como podemos ver na figura 3, o Brasil possui um número muito menor que o do Reino Unido (38 x 89) na escala, o que sugere que o Brasil possui uma sociedade mais coletivista, que pensa mais na comunidade, na qual a família não se limita apenas aos membros principais, mas a todos os parentes (tios, primos, avós, etc.)¹³. Por causa disso, é esperado que a família ajude um membro mais novo a conseguir um trabalho em sua empresa, por exemplo. Em relação aos negócios, são construídos com base na confiança, que geralmente é estendida para o lado pessoal.

Em culturas mais individualistas, por outro lado, há uma tendência a separar o que é pessoal do que é profissional, fazendo com que raramente os indivíduos levem conflitos gerados no trabalho para o lado pessoal. Ao contrário, em culturas coletivistas quase tudo é levado para o lado pessoal, o que pode exigir mais tempo para a solução ou o esquecimento dos conflitos. Enquanto ajudar um amigo ou familiar é bem visto para um brasileiro, para os britânicos pode ser considerado nepotismo, pois, para eles, o indivíduo precisa conquistar seus objetivos por mérito próprio.

¹³ Em seu estudo comparativo entre a cultura brasileira e a cultura americana, na dimensão IND, Afonso (2016) conclui que a cultura brasileira tende a ser coletivista em diversos contextos, entretanto, em outros, ela se mostra mais individualista. Dessa forma, é importante que levemos em consideração que ao utilizarmos as categorias de Hofstede nesta pesquisa, estamos enquadrando uma situação pessoal, íntima (o relacionamento amoroso) que poderá corresponder ou não aos resultados encontrados pelo teórico. Entretanto, em um diferente contexto, os resultados poderiam ser diferentes.

2.1.4.3

Masculinidade e Feminilidade (MAS)

Apesar do nome, esta dimensão não está relacionada com os gêneros masculino e feminino, mas com a preferência dos indivíduos de uma sociedade por determinados elementos que seriam considerados característicos de cada gênero, tais como conquistas, heroísmo e sucesso atingido, entre outros. Uma cultura que possui maior pontuação nesta categoria é voltada para competitividade e obtenção de sucesso profissional, entendidas como características masculinas. Ao contrário, na cultura mais feminina, os indivíduos tendem a focar mais em cooperação, modéstia e qualidade de vida.

Nesta dimensão, o Brasil tem uma pontuação mais baixa que o Reino Unido (49 x 66), o mostra a sociedade britânica como mais competitiva e mais focada no sucesso, definido por aquele que vence, pelo melhor. Essa competitividade se inicia ainda na infância, muito frequentemente manifestada em notas na escola ou em competições esportivas. As crianças são estimuladas, desde cedo, a procurar ser o melhor do grupo, a esperar o melhor de si e a lutar para atingir este objetivo.

Como consequência da busca pelo sucesso através do mérito, há uma supervalorização do trabalho (*live to work* – viver para trabalhar), cujo salário é baseado em seu sucesso e eficiência. Esta dimensão combina com as características do individualismo e da distância de poder: há mais conforto com a desigualdade de poder, uma vez que todos estão lutando para serem muito bons – se possível, os melhores – naquilo que fazem.

De acordo Hofstede (2010), em uma sociedade com mais influência da masculinidade os homens tendem a ser mais duros, são menos emotivos e focam mais no trabalho, objetivando o sucesso profissional. Enquanto as mulheres são mais carinhosas, mais focadas na família e na qualidade de vida de seus familiares. Já em uma sociedade com mais feminilidade, essas características são, geralmente, distribuídas entre homens e mulheres, uma vez que os papéis são menos fixos e, profissionalmente, as mulheres têm mais oportunidades iguais (p. 140).

2.1.4.4

Prevenção de incerteza (UAI)

Essa dimensão tem como principal característica refletir o desconforto em lidar com situações ambíguas ou desconhecidas no futuro, ou seja, como uma pessoa irá se posicionar acerca do futuro e se ela tentará controlar e planejar essas questões ou se deixará as coisas acontecerem naturalmente. As sociedades que se sentem mais ameaçadas por ambiguidade e desconhecimento acerca do futuro tendem a evitar esses conflitos. Por consequência desse desconforto, é comum sociedades com alto índice de prevenção de incerteza criarem crenças e histórias que possam ajudar os seus membros a lidar melhor com essa ansiedade.

A pontuação dessa dimensão na sociedade brasileira é bem alta, 76 pontos, em oposição à sociedade britânica, 35 pontos. Isso sugere que os brasileiros precisam de mais regras para viver bem e se sentir seguros dentro da comunidade do que os britânicos, ou seja, eles dependem do sistema para estabelecer o que é certo e errado. Entretanto, embora essas regras nem sempre sejam obedecidas, os brasileiros precisam delas para que possam se sentir mais relaxados e, assim, aproveitar o tempo livre e curtir a vida com os amigos e a família.

Hofstede ainda afirma que uma das estratégias para diminuir a ansiedade quanto ao futuro, adotada por culturas como a brasileira, é a religião. O autor afirma que ter uma crença possibilita o indivíduo a encontrar respostas para seu passado, presente e até a nutrir esperanças para seu futuro. É na religião que os brasileiros, muitas vezes, encontram formas de explicar tudo o que não podem compreender apenas com fatos.

No Reino Unido, como consequência de uma pontuação baixa nesta dimensão, a religião não ocupa o mesmo lugar na crença popular. E, possivelmente por isso, novas ideias são mais facilmente aceitas, pois a inovação é muito importante, não apenas para os negócios, como para a vida pessoal. Por isso, os britânicos tendem a ser mais tolerantes com ideias alheias e acreditam fortemente na liberdade de expressão, além de não precisarem de muitas regras objetivas, como leis, para viver bem em sociedade, pois confiam no sistema e nas poucas regras que já possuem.

2.1.4.5

Orientação a longo prazo (LTO)

Todas as sociedades possuem, de alguma forma, a necessidade de contato com o seu passado, a sua história, assim como com as perspectivas para seu futuro. Segundo Hofstede, a dimensão LTO descreve como cada sociedade vai manter esse link com o passado enquanto lida com questões e desafios do presente e do futuro. Sociedades que pontuam baixo nesta dimensão, por exemplo, preferem manter tradições e normas consagradas no tempo enquanto veem a mudança social com suspeita.

Não há uma diferença considerável entre Brasil e Reino Unido quanto a essa dimensão. Com 44 e 51 respectivamente, Brasil e Reino Unido possuem uma orientação intermediária, o que significa que, como uma nação, ambos se preocupam em preservar tradições do passado, mas ao mesmo tempo buscam viver o presente e pensar no futuro, mesmo que não nas mesmas áreas.

2.1.4.6

Indulgência e Restrição (IND)

A última dimensão, Indulgência e Restrição, diz respeito à quantidade de esforços que um indivíduo faz uso para tentar controlar seus impulsos e desejos. Assim, se há baixo controle dessas necessidades, chamamos de indulgência, por outro lado, se há alto controle, chamamos de restrição.

Na escala das dimensões, o Brasil aparece com 59 pontos, marcando uma sociedade um pouco mais indulgente do que restritiva. O Reino Unido, por sua vez, apresenta uma pontuação ainda maior, 69 pontos. Isso sugere que, em ambas as culturas, ainda que um pouco mais na britânica, os indivíduos possuem uma tendência a exhibir seus desejos e a agir de forma impulsiva para realizá-los. O objetivo da vida de indivíduos desse tipo de cultura seria aproveitar a vida, se divertir, acreditando sempre que amanhã será melhor, sem deixar de viver o presente. São, assim, muito otimistas, trabalham pouco e se divertem muito, gastam dinheiro com o presente e não planejam muito o futuro. Em sociedades mais indulgentes, há mais aceitação do erro e mais perdão do que nas sociedades

restritivas, cujos padrões de conduta impedem que erros sejam aceitos e que as coisas aconteçam fora do previsto.

A partir de descrições da cultura brasileira feitas por outros teóricos, é surpreendente que a cultura britânica tenha maior pontuação nessa categoria que a cultura brasileira. Ao observarmos essas características em nossos dados, não encontramos recorrências o suficiente para concluir se esta categorização é adequada, por isso, não incluímos esta dimensão em nossa análise.

2.2

Romano - Casais interculturais

As relações íntimas entre as culturas podem ser atormentadas não somente pela incapacidade de entender a perspectiva um do outro e pela comunicação cultural incompleta, mas às vezes também por um sentimento de desconfiança da outra cultura, algo que frequentemente se manifesta quando o casal está em conflito¹⁴ (Romano, 2008, p.13, t. n.).

A partir das teorias interculturais sobre indivíduos brasileiros e britânicos, abordamos agora como se dão os relacionamentos pessoais e amorosos entre pessoas dessas duas culturas. Para antes entendermos um pouco mais sobre os desafios que um casal intercultural pode encontrar, apresentamos a seguir o trabalho de Romano (2008) em seu livro *Intercultural marriage, promises & pitfalls* (Casamento intercultural, promessas e armadilhas).

Romano (2008) acredita que, antes de falar sobre relacionamentos interculturais, cada indivíduo deve aprender primeiro como é a sua própria cultura e o quanto isso o afeta como pessoa; em seguida deve procurar conhecer um pouco mais sobre a cultura do outro para, somente depois, começar a fazer comparações entre as duas culturas (p. 13).

Para ele, há dificuldades e desafios pertinentes a qualquer tipo de relacionamento, seja ele monocultural ou intercultural. Em ambos os relacionamentos, a maioria dos casais passam por três fases: (i) a fase da lua-de-mel, onde tudo que é novo e diferente é um presente maravilhoso e enriquecedor;

¹⁴ Intimate relations across cultures can be plagued not only by an inability to understand each other's perspective and by imperfect cross-cultural communication, but sometimes also by a feeling of mistrust of the other culture, something that often manifests itself when the couple is in conflict.

(ii) a fase de assentamento, quando algumas das diferenças podem causar grandes desentendimentos; e (iii) a fase do tipo de padrão de vida, quando as diferenças são resolvidas ou aceitas, quando um padrão de negociação é determinado ou os conflitos se tornam hábitos (p. 26). Entretanto, acrescenta, o relacionamento intercultural é, sem dúvida, o que exige mais esforços dos envolvidos, pois “(...) há tantos outros elementos a serem misturados, as diferenças são mais dramáticas e os parceiros podem ter formas totalmente diferentes de resolver problemas”¹⁵ (Romano, 2008, p. 30, t. n.).

Em sua pesquisa, realizada a partir de histórias pessoais, depoimentos, ideias e conselhos de 26 casais entrevistados, Romano (2008) estabeleceu que há, basicamente, dezenove problemas potenciais que atingem um casamento intercultural. São eles: 1. Valores; 2. Alimentos e bebidas; 3. Sexo; 4. Funções homem-mulher; 5. Tempo; 6. Local de residência; 7. Política; 8. Amigos; 9. Finanças; 10. Família do cônjuge; 11. Classe social; 12. Religião; 13. Criação de filhos; 14. Língua e comunicação; 15. Responder ao estresse e aos conflitos; 16. Doença e sofrimento; 17. Etnocentrismo; 18. O cônjuge expatriado; 19. Lidar com a morte ou o divórcio¹⁶ (*idem*, t. n.). Apresentamos um pouco mais sobre esses problemas no capítulo 4, discutindo sobre os que encontramos em nossos dados.

A partir de sua pesquisa, Romano concluiu que os indivíduos envolvidos em relações interculturais frequentemente terão que passar por processos, muitas vezes conflituosos, em que algumas adaptações e mudanças serão necessárias, e nas quais alguns terão que dar mais e outros, receber mais. E, com isso, frequentemente, a vida de um dos parceiros sofrerá mais mudanças do que a de outro, enquadrando sua relação em um dos quatro modelos definidos por Romano: submissão/imersão; obliteração; compromisso; e consenso.

No primeiro modelo, chamado de *submissão* ou *imersão*, um dos parceiros, geralmente o expatriado, decide se submeter e imergir na cultura do outro, na grande maioria da vezes esquecendo sua própria cultura. Neste modelo, há maior

¹⁵ (...) there are so many more elements to be blended, the differences are more dramatic, and the partners may have totally disparate ways of solving problems.

¹⁶ 1. Values; 2. Food and drink; 3. Sex; 4. Male-female roles; 5. Time; 6. Place of residence; 7. Politics; 8. Friends; 9. Finances; 10. In-laws; 11. Social class; 12. Religion 13. Raising children; 14. Language and communication; 15. Responding to stress and conflict; 16. Illness and suffering; 17. Ethnocentrism; 18. The expatriate spouse; 19. Coping with death or divorce.

chance de o casamento sobreviver muitos anos e ser bem sucedido, levando em consideração a redução de conflitos (*idem*, p.120).

No segundo modelo, o casal só consegue lidar com suas diferenças anulando suas próprias culturas, criando assim uma terceira. Nesses casos, chamados de *obliteração*, “Esses casais formam uma nova identidade de terceira cultura que não tem lembranças, tradições e causas culturais de conflito. Eles muitas vezes desistem de suas línguas, estilos de vida, costumes e muitas de suas crenças e valores. Em certo sentido, eles fogem do potencial conflito”¹⁷ (*idem*, p. 121, t. n.).

Nos casos chamados de *compromisso*, os casais conseguem resolver suas diferenças culturais se ajustando, cada um, um pouco à realidade do outro, fazendo concessões sempre que necessário, mesmo que deixando de lado alguns aspectos importantes de sua cultura. Este caso é o mais frequente, tanto na pesquisa de Romano quanto em nosso corpus.

E por último, o modelo chamado de *consenso*, no qual os casais que são considerados pelo autor como ideais, em que ninguém perde, ambos são flexíveis e, por isso, ambos os parceiros ganham. Nele, ter duas culturas é um somatório e ninguém precisa perder nada de sua cultura para dar lugar à cultura do outro.

Além das diferenças culturais, é claro, o casal enfrenta as diferenças de indivíduo para indivíduo. No entanto, assim como as diferenças culturais costumam complicar os relacionamentos, ter consciência delas ajuda a melhorar a compreensão entre o casal. Pensando nisso, a partir das entrevistas feitas com os informantes de diferentes nacionalidades, Romano criou uma lista com algumas das características, apresentadas pelos próprios casais, para se ter um relacionamento intercultural bem sucedido: "compromisso com a relação; capacidade de comunicação; sensibilidade às necessidades de cada um; gosto pela cultura do outro; flexibilidade; sólida e positiva autoimagem; amor como principal motivo conjugal; objetivos comuns; espírito de aventura; senso de humor”¹⁸ (*idem*, p. 128, t. n.).

¹⁷ These couples form a new, third-culture identity that has no memories, no traditions, and no cultural causes for conflict. They often give up their languages, lifestyles, customs, and many of their beliefs and values. In a sense they run away from potential conflict.

¹⁸ (...) commitment to the relationship; ability to communicate; sensitivity to each other's needs; a liking for the other's culture; flexibility; solid, positive self-image; love as the main marital motive; common goals Spirit of adventure; sense of humor.

É claro que o sucesso de uma relação não depende exclusivamente desses fatores. Sempre temos que levar em consideração a personalidade, a individualidade e outros elementos que possam influenciar. No entanto, ter contato com essas ideias pode ajudar um casal intercultural a aumentar suas chances de ter um relacionamento com menos conflitos causados por suas diferenças, tendo, portanto, mais probabilidade de sucesso.

Após percorrer as principais teorias do interculturalismo e uma obra pilar na área de relacionamentos amorosos interculturais, optamos por observar mais atentamente os conceitos de cultura: Objetiva/Subjetiva; de Alto/Baixo Contexto; Multiativa/Ativo-linear, além de focarmos nas dimensões de Hofstede Individualismo/Coletivismo e Masculinidade/Feminilidade, utilizando ainda as categorias de conflitos de Romano (2008): funções homem-mulher, tempo, local de residência, amigos, sogros (que ampliamos para família em geral), língua e comunicação e, finalmente, o cônjuge expatriado. Esta escolha não foi, de forma alguma, aleatória, mas uma consequência dos resultados encontrados em nossos dados.

No próximo capítulo, apresentaremos nossos pressupostos metodológicos, no qual podemos obter algumas informações sobre nossos informantes e sobre o desenvolvimento da nossa pesquisa em si.

Posicionamento metodológico

“Os problemas de qualquer tradução já são bem conhecidos. Palavras que têm um sentido certo, claramente compreendido, num país e numa língua, perdem o sentido ou são enganosas em outro lugar e outra língua. Talvez possamos compreender isso através do insight (...) de que a língua é parte de um modo de viver, de que as palavras significam o que passaram a significar em seu uso diário, de que elas adquirem sentido no que é feito quando são ditas” (Becker, 2007, p. 8).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, assumimos um paradigma de pesquisa qualitativa interpretativa (Denzin & Lincoln, 2006), já que a pesquisa qualitativa nos permite estudar e analisar o fenômeno em detalhes (Silverman, apud Renalds, 2011, p. 28). Um dos benefícios de empregar essa metodologia ao estudarmos relacionamentos de pessoas oriundas de diferentes origens culturais é que ela permite aos indivíduos falar sobre suas próprias experiências; e ao compartilharem suas histórias e pensamentos, os indivíduos expõem elementos culturais e pessoais que podem descrever seus relacionamentos interculturais (Sias et al., apud *idem*).

As pesquisas qualitativas são divididas em três tipos, a saber: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia (Godoy, 1995, p. 21 apud Neves, 1996, p.3). Nosso trabalho é uma pesquisa qualitativa interpretativa de natureza etnográfica, já que nele há a preocupação com o contexto cultural no qual o sujeito investigado está inserido - hábitos, crenças, valores, práticas, comportamentos, linguagens, significados, etc. (Neves, 1996, p. 3). Ainda que não se tenha realizado uma etnografia em sentido estrito, o trabalho se preocupa em observar o comportamento linguístico-discursivo e cultural de seus participantes em encontros sociais específicos gravados, transcritos e analisados conforme procedimentos que descrevemos a seguir.

3.1

O ponto de vista do entrevistador

Por esta pesquisa utilizar-se do método comparativo para identificar e entender padrões da cultura brasileira e da cultura britânica, é de extrema relevância que consideremos o entrevistador/pesquisador também como objeto de pesquisa, uma vez que suas escolhas podem afetar os resultados encontrados. Assim, segue uma breve apresentação da autora e o do método aqui utilizado.

A entrevistadora e pesquisadora deste presente trabalho é uma mulher, brasileira, moradora do Rio de Janeiro, e professora de português como segunda língua há mais de cinco anos. Durante este período, teve a oportunidade de conhecer e trabalhar com culturas de diferentes partes do mundo. Como resultado disso, suas perguntas e seu caminho de pesquisa são direta e indiretamente influenciados por suas vivências e suas crenças, uma vez que na pesquisa de natureza interpretativa não é possível ser imparcial, pois desde a formulação das perguntas até sua análise final o pesquisador, conscientemente ou não, deposita sua bagagem pessoal e profissional no processo.

Dessa forma, ciente da influência do pesquisador no objeto de pesquisa, adotamos a visão de Becker (2008 [1963], p. 200 apud Oliveira, 2012, p. 118) quando diz:

Não queremos que nossos valores atrapalhem nossa apreciação da validade de nossas proposições sobre a vida social, mas não podemos evitar que influenciem nossa escolha de objetos e hipóteses, ou a utilização de nossos resultados. Essa influência tampouco deveria nos incomodar. Ao mesmo tempo, é impossível evitar que nossos juízos éticos sejam influenciados pelo crescente conhecimento com o qual nos confronta nosso trabalho científico. Ciência e ética se interpenetram.

Dito isso, cabe ao leitor levar em consideração que os resultados desta pesquisa poderiam ter sido diferentes se o pesquisador tivesse uma história diferente e, principalmente, uma nacionalidade diferente.

Adotamos ainda a perspectiva de Mishler (1986, apud Bastos e Santos, 2013, p. 12), que entende a entrevista como um tipo de discurso no qual tanto o entrevistador quanto o entrevistado trabalham em conjunto para construir significado, considerando-a, portanto, como uma produção bilateral. Daí a

importância de levarmos em consideração o fato de a entrevistadora/pesquisadora ser uma brasileira, pois é possível que, se fosse britânica, tivesse obtido resultados diferentes. Logo, uma pesquisa feita por um estrangeiro de uma terceira nacionalidade poderia trazer ainda outros resultados para a pesquisa.

3.2

Procedimentos de pesquisa

Adotamos a entrevista como método de geração de dados por acreditarmos que isso permitiria que nossos informantes se sentissem mais livres para trazer informações e dados que eles achassem mais relevantes, pois acreditamos que apenas um questionário fixo, pré-elaborado, não só limitaria como poderia mascarar os resultados. Assim, as entrevistas foram todas feitas oralmente, sendo apenas o questionário sociocultural (cf. Anexo 3) respondido por escrito.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve estrangeiros, o idioma utilizado durante as entrevistas foi o escolhido pelos entrevistados, a depender do nível de proficiência do estrangeiro no português. Quando o informante tinha um nível suficiente para se comunicar e entender as perguntas, estas eram feitas em português. Do contrário, quando se sentiam desconfortáveis ou inseguros, utilizavam sua língua nativa, o inglês. Em alguns casos, os informantes mesclavam um pouco ambas as línguas¹⁹.

Após submetermos nosso projeto e o termo de consentimento à Comissão de Ética da PUC-Rio, iniciamos o processo de busca pelos informantes voluntários para participar de nossa pesquisa. Com cada casal, após um primeiro contato, agendamos um encontro para realizar a entrevista, que poderia ser feita face a face ou por Skype, a depender da localização do informante. Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, para que as respostas não pudessem ser influenciadas pelo companheiro.

Seguimos, assim, os seguintes passos:

¹⁹ Língua em que autora possui um alto nível de proficiência, eliminando a necessidade de recorrer a terceiros para tradução.

1. Contato com o brasileiro/britânico por correio eletrônico, redes sociais ou pessoalmente;
2. Apresentação do questionário sociocultural por e-mail ou pessoalmente;
3. Envio do termo de consentimento de participação na pesquisa (cf. Anexo 4);
4. Entrevista face-a-face ou via Skype;
5. Gravação e transcrição das entrevistas;
6. Análise dos dados gerados.

Como o objetivo não foi estudar temas da Análise da Conversação ou da Sociolinguística Interacional, optamos por fazer uma transcrição livre, usando apenas uma simbologia básica (cf. Anexo 1) e em quantidade suficiente para reproduzir a entrevista da forma mais fiel e clara possível.

3.3

Geração de dados

Como dito anteriormente, para esta pesquisa foi crucial trabalhar com entrevistas, pois queríamos ouvir dos próprios indivíduos suas perspectivas com relação à influência de suas culturas em suas vidas. Por isso escolhemos trabalhar com ambos os parceiros (casados ou não), uma vez que queríamos observar como cada um se sentia dentro desse relacionamento intercultural. Com isso, é importante lembrar que o nosso trabalho tem uma perspectiva interpretacionista, o que significa que estamos lendo os dados como uma interpretação dos autores e não como fatos ou leis da sociedade (Holstein e Gubrium, 1995; Mishler, 1986 apud Bastos e Santos, 2013).

Para gerar os dados da pesquisa, foi necessário utilizarmos vários meios diferentes para termos acesso aos informantes. Alguns deles foram contatados por meio de amigos e/ou alunos da autora; outros foram voluntários que responderam a um post publicado em algumas comunidades online, de redes sociais diferentes, de estrangeiros em relacionamento com brasileiros. Algumas dessas comunidades eram especificamente para pessoas casadas com brasileiros, outras apenas

comunidades de estrangeiros vivendo no Brasil ou ainda para brasileiros vivendo no Reino Unido.

Como vimos, para desenvolver nossa pesquisa, trabalhamos com dois procedimentos de análise específicos:

a. Questionário sociocultural individual para levantamento inicial de dados referentes aos estrangeiros e aos brasileiros, composto de perguntas fechadas e semiabertas (cf. Anexo 3);

b. Entrevista individual através de apresentação de questões relacionadas às suas culturas e aos seus relacionamentos amorosos com um estrangeiro (cf. Anexo 2).

É importante mencionar, ainda, que compartilhamos das ideias de Moita Lopes (1996, p. 22, apud Oliveira, 2012, p.118), quando define a pesquisa com bases etnográficas como uma “percepção que os participantes têm da interação linguística e do contexto social em que estão envolvidos, através da utilização de instrumentos tais como notas de campo, diários, entrevistas, etc.”. Assim, a nossa pesquisa tomou a entrevista como instrumento para observar a perspectiva dos participantes envolvidos, focando em suas interpretações acerca de sua própria cultura e da cultura do outro.

3.4

Entrevistas

Se queremos saber como é o mundo social, nós agora perguntamos aos seus habitantes. A entrevista individual em escala pessoal e a pesquisa social a nível de sociedade servem como agentes democratizadores, dando voz aos indivíduos e, no processo, formulando a opinião "pública" (Gubrium e Holstein, 2002, p. 8, t.n.)²⁰.

Dentro da pesquisa qualitativa, um dos instrumentos básicos de geração de dados disponíveis é a entrevista. De acordo com Manzini (2003, p.12), existem três

²⁰ If we want to know what the social world is like, we now ask its individual inhabitants. The individual interview on a personal scale and the social survey on the societal level serve as democratizing agents, giving voice to individuals and, in the process, formulating ‘public’ opinion.

tipos de entrevistas: a estruturada, que se caracteriza por apresentar perguntas fechadas, como formulários que não apresentam flexibilidade; a semiestruturada, que possui um pequeno roteiro previamente elaborado, composto por questões abertas; e a não-estruturada, aquela sem formulação prévia de perguntas e com a possibilidade de intervenção livre do entrevistado.

Para nossa pesquisa, utilizamos a entrevista semiestruturada, cujo objetivo era o de eliciar narrativas acerca de suas experiências de vida e observar quais aspectos culturais do Brasil e de seu próprio país o informante tornaria mais relevantes, a partir das perguntas apresentadas. Optamos por fazer perguntas semiabertas em detrimento das perguntas fechadas por compartilharmos da perspectiva de Mishler (1986, apud Rollemberg, 2013, p. 44), na qual a escolha desse tipo de pergunta (fechada) não considera o aspecto social e cultural do participante, apagando, assim, traços relevantes para a pesquisa.

A escolha da metodologia adotada foi baseada em nosso entendimento de que, ao pesquisar sobre uma comunidade, precisamos ouvir dela o que pensa sobre si mesma e sobre o outro e de que não há, em nossa opinião, melhor forma de investigar isso do que a entrevista pessoal.

As entrevistas são, pois, fundamentais para uma pesquisa cujo objetivo é mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de natureza social, específica Manzini (2003, p. 13).

Acreditamos, ainda, que

Podemos aprender também, por meio de entrevistas, sobre as experiências internas percebidas pelas pessoas. Podemos aprender o que as pessoas percebem e como interpretam suas percepções. Podemos aprender como os eventos afetam seus pensamentos e sentimentos. Podemos aprender os significados para eles de seus relacionamentos, suas famílias, seu trabalho e de si mesmos. Podemos aprender sobre todas as experiências, da alegria ao sofrimento, que juntos constituem a condição humana²¹ (Weiss, 1994, p. 1, apud Gubrium e Holstein, 2002, p. 9, t.n.).

²¹ We can learn also, through interviewing, about people's perceived interior experiences. We can learn what people perceived and how they interpreted their perceptions. We can learn how events affect their thoughts and feelings. We can learn the meanings to them of their relationships, their families, their work and their selves. We can learn about all the experiences, from joy through grief, that together constitute the human condition.

As entrevistas permitem descrever e compreender determinados padrões da cultura subjetiva que residem no interior de um determinado grupo. Por isso, estamos certos de que o melhor instrumento para nossa pesquisa é a entrevista, que nos possibilita adentrar um pouco mais no universo do nosso informante. De acordo com Denzin and Lincoln:

A palavra qualitativa implica uma ênfase nas qualidades das entidades e nos processos e significados que não são experimentalmente examinados ou medidos (se medidos em tudo) em termos de quantidade, quantidade, intensidade ou frequência. Pesquisadores qualitativos enfatizam a natureza socialmente construída da realidade, a relação íntima entre o pesquisador e o que é estudado, e as restrições situacionais que moldam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza carregada de valor da investigação. Eles buscam respostas para perguntas que enfatizam como a experiência social é criada e dada significado²² (Denzin and Lincoln, 2000, p. 8, t.n.).

Ao adotarmos uma perspectiva interpretativa, precisamos ter em mente: (i) o que foi dito; (ii) como foi dito; (iii) quem disse; (iv) em que contexto o enunciado se deu sem esquecer do ouvinte e sua influência no discurso do entrevistado (Geertz, 1989, p. 18 apud Bastos e Santos, 2013, p. 22). Devemos ainda ter em mente que não cabe a este trabalho a avaliação de informações verdadeiras ou falsas dadas pelos informantes, mas sim refletir sobre o significado das escolhas das informações por eles fornecidas.

As entrevistas, como já mencionamos anteriormente, foram feitas via Skype ou face a face. Em algumas delas, as câmeras estavam ativadas, em outras, estavam desativadas. Como nossa pesquisa não é de cunho sociocultural, é importante salientar que nosso objetivo não era obter dados comportamentais ou comunicativos. Nosso foco estava no conteúdo das entrevistas, não nas expressões faciais ou comportamentais - elementos visuais - dos entrevistados, assim, a presença da câmera foi considerada dispensável em nossas interações.

Nossas perguntas foram baseadas em nossa bibliografia teórica e no que achamos ser perguntas instigadoras para possíveis narrativas de experiências vividas pelos participantes. A ideia principal foi a de provocar a discussão de alguns

²² The word qualitative implies an emphasis on the qualities of entities and on processes and meanings that are not experimentally examined or measured (if measured at all) in terms of quantity, amount, intensity, or frequency. Qualitative researchers stress the socially constructed nature of reality, the intimate relationship between the researcher and what is studied, and the situational constraints that shape inquiry. Such researchers emphasize the value-laden nature of inquiry. They seek answers to questions that stress how social experience is created and given meaning.

tópicos como: problemas com a comunicação; interferência da família no relacionamento; divisão de tarefas domésticas; socialização com amigos do parceiro, entre outros.

As perguntas procuravam ser instigadoras para que os informantes se sentissem motivados a falar sobre os tópicos em questão, não para obter uma resposta previamente esperada pelo entrevistador. No entanto, muitas vezes o entrevistador teve que esclarecer sua pergunta, pois o participante sentiu necessidade de obter uma pergunta mais direta para poder dar uma resposta mais direta também.

Entendemos, ainda, a entrevista como uma troca interpessoal, na qual os participantes (entrevistador e entrevistado) constroem os significados, não como a ideia de que o entrevistador vai extrair informações dos informantes para apresentar uma verdade objetiva e absoluta dos fatos. Com isso, objetivamos observar eventos que os informantes trazem para o ambiente da entrevista e identificar sua relevância para o objeto de estudo (Gubrium & Holstein, 2003 apud Rollemberg, p. 40).

A entrevista foi, assim, tomada como uma forma sistemática de gerar dados passíveis de análise em uma pesquisa acadêmica, levando em consideração não somente as informações trazidas pelos entrevistados, como também seus sentimentos, pensamentos e experiências de vida. Desse modo, a entrevista é aqui um instrumento de geração de dados que nos permitam conhecer mais sobre a cultura das pessoas e fenômenos de sua vida social dentro do escopo das relações interculturais de casais.

É importante deixar claro que, antes das gravações das entrevistas, o informante era alertado de que a entrevista seria gravada para fins de análise, de acordo com o termo de consentimento livre e esclarecido²³ por eles assinado.

²³ Elaborado de acordo com as regras da Comissão de Ética da PUC-Rio e por esta aprovado.

3.5

Os Participantes

Para este trabalho, entrevistamos dez casais heterossexuais interculturais (formados por um brasileiro e um britânico)²⁴, todos com idade entre 21 e 39 anos, vivendo ou não no Brasil. O quadro abaixo sintetiza e organiza algumas informações relevantes, extraídas do questionário sociocultural (cf. Anexo 3), para conhecermos os participantes envolvidos. É importante ressaltar que todas as identidades foram mantidas em sigilo, e todos os nomes apresentados aqui são fictícios.

²⁴Algumas outras entrevistas foram realizadas, porém não foram selecionadas para análise por possuir somente a participação de um dos parceiros. Em alguns casos, um dos parceiros, em geral o homem, estava ocupado demais e não tinha tempo para dar entrevistas, nos impossibilitando de utilizar a entrevista já feita com a parceira. Nossa restrição aos casais heterossexuais se deve, unicamente, à não ocorrência de casais homossexuais interessados em participar da pesquisa.

Casal	Nome	idade	Sexo	País de origem	Onde vive	Profissão	Tempo de relação	Filhos
Homens brasileiros com mulheres britânicas ²⁵								
1	Larah	37	F	Reino Unido	Brasil	Do lar	13 anos	2
	Pedro	34	M	Brasil	Brasil	Pastor missionário		
2	Katty	41	F	Reino Unido	Brasil	Jornalista	6 anos	Não
	João	37	M	Brasil	Brasil	Artista		
3	Brittany	39	F	Reino Unido	Brasil	Arquiteta	2 anos	1
	Douglas	28	M	Brasil	Brasil	Surfista		
Mulheres brasileiras com homens britânicos								
4	Cintia	23	F	Brasil	Brasil	Estudante	4 anos	Não
	Mike	31	M	Reino Unido	Inglaterra	Professor		
5	Carla	28	F	Brasil	Inglaterra	Jornalista	6 anos	Não
	Norton	31	M	Reino Unido	Inglaterra	Gerente de projetos		
6	Steven	38	M	Reino Unido	País de Gales	Gerente	6 anos	1
	Paula	29	F	Brasil	País de Gales	Atendente		
7	Taylor	32	M	Reino Unido	Inglaterra	Funcionário público	4 anos	Não
	Denise	26	F	Brasil	Inglaterra	Assistente social		
8	Vivi	34	F	Brasil	Brasil	Dentista	2 anos	Não
	James	36	M	Reino Unido	Brasil	Personal trainer		
9	Will	24	M	Brasil	Brasil	Atleta	2 anos e meio	Não
	Nádia	21	F	Reino Unido	Brasil	Professora		
10	Júlia	25	F	Brasil	Costa Rica	Professora	1 ano e meio	Não
	Bill	25	M	Reino Unido	Costa Rica	Professor		

Quadro 3: Quadro geral de informantes

Acreditamos, também, ser importante apresentarmos um resumo do perfil de cada de casal, pois essas características podem influenciar os resultados finais.

²⁵ Não obtivemos sucesso ao tentar encontrar mulheres britânicas em relacionamentos com homens brasileiros. Algumas poucas que encontramos já tinham se divorciado. Acreditamos que esse dado é relevante para observarmos por que o número de mulheres britânicas com brasileiros é menor que o inverso. Voltaremos a este tópico no capítulo 4.

3.5.1

Perfil dos informantes

Casal 1 – Larah e Pedro - ambos missionários, se conheceram a bordo de um navio onde trabalhavam fazendo missões evangelistas ao redor do mundo. Após um ano, começaram a namorar e estão juntos há mais de treze anos e possuem dois filhos. No início do relacionamento, viveram em alguns outros países, inclusive a Inglaterra, mas estão vivendo no Brasil desde que o primeiro filho nasceu, há seis anos. Começaram a se relacionar em inglês, pois Larah não falava português. Quando decidiram viver no Brasil por causa do trabalho de Pedro, ela começou a aprender português, mas eles ainda se falam em inglês a maior parte do tempo, apesar de Larah já ser fluente.

Casal 2 – Katty e João – Katty veio morar no Brasil um ano antes de conhecer João, por causa de um outro brasileiro com quem teve um relacionamento por quase um ano em Brasília. Depois que se mudou para o Rio de Janeiro, conheceu João por meio de uma amiga e estão juntos há mais de seis anos. Por causa de problemas com o visto, se casaram há alguns meses, pois planejam viver na Europa. Desde que se conheceram, falam entre si em português, pois ele não fala inglês, língua que está aprendendo agora. Ambos já tiveram relacionamentos com outros estrangeiros antes.

Casal 3 – Brittany e Douglas – os dois se conheceram há dois anos em uma praia no Rio de Janeiro, onde Douglas trabalha. Sempre conversaram em português, pois Douglas não fala inglês. Brittany sempre quis morar fora da Inglaterra, pois não se identifica com a cultura britânica e já vivia no Brasil há uns anos quando eles se conheceram; já foi casada com um brasileiro anteriormente, para poder obter um visto de permanência aqui. Brittany está grávida agora e o casal não tem planos para viver na Inglaterra.

Casal 4 – Cintia e Mike – após dois meses vivendo no Rio de Janeiro, Mike conheceu Cintia na rua e decidiu se aproximar. Após trocarem telefones, eles se encontraram, Cintia com a intenção de praticar inglês e Mike querendo conhecer um pouco mais as mulheres brasileiras. Ele já fala português, fez aulas particulares em uma escola no Rio de Janeiro por muitos meses, mas ainda não se sente

confortável o suficiente e prefere continuar falando em inglês com Cintia. No momento da entrevista, Cintia morava no Rio de Janeiro e Mike em Londres, por causa de problemas com visto (eles não quiseram se casar somente para ter visto), mas estavam com planos de Cintia se mudar para Londres com um visto de estudante no ano seguinte. O casal está junto há quatro anos, dois deles com o relacionamento à distância.

Casal 5 – Carla e Norton – juntos há quase cinco anos, eles se conheceram em um clube noturno em Londres, no período em que Carla estava fazendo um intercâmbio lá. Desde o início, se comunicam em inglês, mas Norton já está estudando português para poder se comunicar com a família dela. Carla trabalha em Londres como jornalista e por isso utiliza o inglês todos os dias. Casaram-se principalmente para Carla obter o visto e poder viver e trabalhar em Londres.

Casal 6 – Paula e Steven – os dois se conheceram em um site de relacionamentos e, depois de cinco meses conversando, finalmente se conheceram pessoalmente no aeroporto de Fortaleza; estão juntos há seis anos. Começaram a se falar em inglês e usam esta língua até hoje. Steven já começou a estudar português para falar com a família de Paula, mas ainda não se sente confortável o bastante. Logo que se casaram, foram morar no País de Gales e moram lá desde então. Paula trabalha como atendente e por isso precisa se comunicar em inglês todos os dias. Eles têm um filho recém-nascido.

Casal 7 – Denise e Taylor – apaixonados por futebol, se conheceram em uma comunidade de fãs de futebol na internet. Como Taylor não falava português, sempre se comunicaram em inglês. Agora ele está estudando a língua para poder se comunicar com a família dela. Ambos moram na Inglaterra, não só pelo trabalho de Taylor, mas principalmente porque Denise sempre foi apaixonada pela cultura inglesa e seu sonho desde criança era viver em Londres. Estão juntos há cinco anos e não possuem intenção de viver no Brasil.

Casal 8 – Vivi e James – James decidiu vir ao Rio de Janeiro durante a Copa do Mundo em 2014. Após um mês aqui, conheceu Vivi em um aplicativo de relacionamentos; poucos meses depois, se casaram para James poder obter um visto e continuar vivendo no Rio de Janeiro, onde moram há dois anos. Não planejam viver no Reino Unido, pois James não gosta de seu país, mas há o interesse em viver

em um outro país. Sempre se comunicaram em inglês, mesmo agora que James fala português, pois Vivi acha mais prática a comunicação feita em inglês, o que deixa James muito frustrado.

Casal 9 – Nádia e Will - Will veio ao Brasil para trabalhar como voluntário em um projeto de esportes em uma comunidade. Durante esse período, vivia no hotel onde Nádia trabalhava como recepcionista. Depois de alguns meses conversando, começaram a namorar e estão juntos há quatro anos. Ainda não são casados legalmente, mas vivem na mesma casa há alguns anos. No início se falavam em inglês, mas depois que ele aprendeu o português fazem um misto de comunicação, pois Will precisa praticar a língua, já que em seu trabalho as pessoas não falam inglês.

Casal 10 – Julia e Bill - são colegas de trabalho em uma escola de línguas na Costa Rica, onde se conheceram e vivem até hoje. Depois de algum tempo começaram a namorar e estão juntos há dois anos. Comunicam-se em inglês, pois ele não fala português. Tiveram muitos problemas com a língua no início, mas dizem que hoje está melhor. Planejam continuar morando na Costa Rica por um tempo e talvez mudar para o Brasil em alguns anos, quando se casarem.

3.6

Limitações

É comum encontrarmos limitações durante o desenvolvimento de uma pesquisa acadêmica. Em nosso caso, encontramos muita dificuldade em encontrar voluntários que pudessem ou quisessem participar da entrevista. Houve resistência, principalmente, dos homens britânicos, que diziam sempre que estavam muito ocupados ou que não gostariam de participar. A princípio pensamos que a resistência era pela nacionalidade, depois percebemos que era pelo gênero, pois ao entrar em contato com as mulheres britânicas, não tivemos nenhuma dificuldade em agendar o encontro; já com os homens brasileiros foi o mesmo: muitos não quiseram participar e tivemos que eliminar a entrevista já realizada com a esposa, o que levou à redução do número entrevistas inicialmente consideradas para esta pesquisa.

Acreditamos que o fato de a entrevistadora ser mulher tenha influenciado nos resultados das entrevistas com os homens, que se sentiram muitas vezes levados a responder perguntas da forma mais objetiva e direta, principalmente as relacionadas a como eles se sentiram em determinada situação.

Outra dificuldade que tivemos foi encontrar casais formados por um homem brasileiro e uma mulher britânica. Como nossos informantes foram identificados, de forma geral, em comunidades em redes sociais online e entre os alunos da autora, não sabemos se esse fenômeno ocorreu por decorrência do método de geração de dados escolhido, ou por uma real redução de casais formados por esse perfil. Discutiremos esse tópico no capítulo a seguir.

3.7

Tratamento dos dados

Após a geração de dados e a transcrição das entrevistas, optamos por olhar para o corpus de forma a tentar reconhecer as categorias, as descrições e os conceitos apresentados no capítulo de pressupostos teóricos, de modo a verificar se correspondem à realidade dos relacionamentos amorosos entre pessoas oriundas da cultura brasileira e da cultura britânica.

Por meio desse reconhecimento, comparamos o que encontramos com a literatura já existente e discorremos sobre os pontos semelhantes e diferentes, na tentativa de encontrar padrões de comportamento nessas culturas que possam servir de norteadores para professores nas aulas de PL2E. Dessa forma, pretendemos oferecer aos profissionais e aprendizes do idioma instrumentos para entenderem melhor a cultura brasileira e aprenderem a lidar com as diferenças, evitando conflitos ou ruídos na comunicação.

Uma vez que nosso trabalho se depara com dados em que os estereótipos são frequentes e marcados, é importante que mostremos, desde já, como lidamos com as informações trazidas pelos informantes. Temos consciência de que nossas entrevistas se limitam a gerar dados fornecidos por indivíduos, não pela sociedade como um todo; assim, os trabalhamos como representações de uma cultura, fazendo

generalizações, mas não criando ou reforçando estereótipos culturais, pois sabemos que, ao entrarmos em contato com outras culturas, é muito importante que ativemos nosso olhar de observadores, evitando levar conosco estereótipos pré-concebidos, enganosamente assumindo-os como verdades. Isso deve ser levado em consideração em todas as relações interculturais, sejam elas profissionais ou pessoais.

No próximo capítulo, apresentamos os resultados encontrados em nosso corpus, assim como nossa interpretação sobre eles, relacionando-os com as teorias apresentadas no capítulo 2.

É ainda relevante informar que este trabalho segue as normas da PUC-Rio, apresentadas no manual *Normas para apresentação de teses e dissertações*, mencionada nas referências deste trabalho.

4.

Análise de dados

Este capítulo é dividido em quatro partes: a primeira é dedicada à relação interpessoal, e aos elementos que podem influenciá-la; a segunda é focada na comunicação, um dos maiores desafios de qualquer relação; a terceira trata da cultura e dos elementos culturais que interferem no relacionamento a dois; e, por último, a quarta seção traz alguns dos conselhos dados pelos entrevistados para uma relação intercultural entre brasileiros e britânicos.

4.1

A Relação Interpessoal

“(...) depois do meu ex-namorado eu falei que eu nunca vou ter relacionamento com brasileiros na minha vida mais hh²⁶ e agora hh eu tenho” (Katty, britânica).

Nesta seção, apresentamos quem são as pessoas envolvidas em relacionamentos amorosos com estrangeiros e como elas são descritas por seus parceiros e por si mesmas. Mencionamos como o lugar em que o casal vive pode influenciar na relação, e como isso pode afetar, principalmente, o expatriado. Em seguida, apresentamos os benefícios que os informantes acreditam ter em suas relações, assim como os desafios que eles encontram diariamente.

Como pudemos ver na seção de pressupostos teóricos, a cultura brasileira e a cultura britânica possuem algumas similaridades e algumas diferenças que podem interferir ou influenciar, de forma positiva ou negativa, nas relações interculturais. Algumas dessas características às vezes são tão fortes que podem fazer com que um dos parceiros considere a hipótese de não mais se relacionar com pessoas daquela nacionalidade, como Katty (citação acima) que, depois de namorar um brasileiro

²⁶ Para convenção das transcrições, ver anexo 1.

por quase um ano, se sentiu tão frustrada e decepcionada com a cultura que não queria nunca mais ouvir falar de homens dessa nacionalidade: ela achava que seu ex-namorado brasileiro representava todos os brasileiros, o que configura uma visão estereotipada da cultura. Até que conheceu seu atual esposo João, que não correspondia às expectativas que Katty possuía inicialmente.

4.1.1

Quem são?

Antes de prosseguirmos para a análise dos dados gerados, é importante falarmos um pouco mais sobre os nossos informantes. Quem são essas pessoas que se aventuram em relacionamentos com estrangeiros? Elas possuem um perfil único? Buscam por este tipo de relacionamento ou eles acontecem sem planejamento? Em que ambiente geralmente ocorrem: em viagens, em festas e bares, em ambientes de trabalhos multiculturais, na internet? No capítulo de metodologia, apresentamos o perfil geral do casal; nesta seção discursamos sobre os parceiros individualmente.

Entre as vinte pessoas que entrevistamos, podemos dizer que não encontramos um perfil único, mas elas compartilham algumas características, entre elas: todos afirmam que não estavam em busca de um relacionamento intercultural, mas que estão muito felizes que o tenham encontrado. Há ainda informantes que: (i) admitiram que não ficaram surpresos ao se envolverem com alguém local – conheceram seu parceiro durante uma viagem ou mesmo vivendo no país estrangeiro; (ii) disseram que nunca tinham se imaginado em uma relação com um estrangeiro antes, e foi somente depois de se apaixonarem que começaram a pensar sobre viver uma relação intercultural – parceiros locais que conheceram seu parceiro em um bar, na praia, ou em festas; (iii) acreditavam que ter um relacionamento intercultural não era diferente de ter qualquer tipo de relacionamento e que pensavam que os conflitos seriam os mesmos que há entre

qualquer casal – conheceram seu parceiro em um campo neutro, nem na cultura de um, nem da cultura do outro²⁷.

Entretanto, independentemente da posição dos informantes, todos assumiram que não tinham total consciência da dimensão de desafios que eles teriam que enfrentar para encontrar um equilíbrio entre ambas as culturas para que a relação fosse bem-sucedida. Mesmo os que já tinham vivido um relacionamento com um estrangeiro antes relatam que tiveram surpresas (positivas ou negativas) com o atual parceiro. Nos casos em que não era a primeira vez que se relacionavam com alguém brasileiro²⁸, a relação atual foi dita como a última chance de se relacionar, como no caso de Katty (cf. citação anterior), que afirmou veementemente que acreditava que nunca mais teria relacionamentos amorosos com homens brasileiros.

Ao nos relacionarmos com uma pessoa estrangeira, independentemente do tipo de relação, é comum que pensemos que esta pessoa é representativa de sua cultura. Assim, começamos a unir todas as informações que acreditamos possuir com relação à cultura e aos padrões de comportamento daquela nacionalidade, com o objetivo de tornar mais fácil a relação no futuro, imaginando que eles serão iguais ou muito similares a todas as outras pessoas da cultura em questão. Como vimos anteriormente (cf. Cap.2), é assim que os estereótipos surgem: partimos das características de um indivíduo e as tomamos como verdades para os outros da mesma origem.

Em contraposição, observamos que, de maneira geral, as pessoas que estão em contato com estrangeiros o suficiente para desenvolver um relacionamento com eles são frequentemente pessoas menos representativas de suas culturas, uma vez que já estão influenciadas pelo contato com outras. Principalmente quando são elas que estão inseridas em outros países, a turismo ou a trabalho. De acordo com nossa entrevistada Brittany²⁹, algumas pessoas típicas da Inglaterra, como suas amigas, não durariam muito tempo com um brasileiro, pois elas não estariam dispostas a se sacrificar em algumas situações para o bem da relação. Para Brittany, estar em um relacionamento amoroso com um brasileiro “não é para qualquer pessoa: é preciso

²⁷ Dois casais se conheceram pela internet e um casal se conheceu em um país estrangeiro para ambos.

²⁸ Houve dois casos, Katty e Brittany, que já tinham tido relacionamentos com brasileiros antes.

²⁹ Brittany vive no Brasil há mais de cinco anos.

ter paciência, gostar de descobrir e aprender coisas novas”, assim como gostar de aprender novas línguas e novas culturas.

Por isso, é crucial levarmos em consideração fatores como histórico de visitas a países diferentes, contato com outras culturas, línguas faladas, entre outros³⁰, pois claramente uma pessoa que vive no interior da cidade do Rio de Janeiro, por exemplo, sem nenhum contato com pessoas estrangeiras, não possui as mesmas ideias e comportamentos que uma pessoa que vive em Copacabana cercada por estrangeiros, e que possivelmente já viajou para fora do país alguma vez. Da mesma forma, não podemos ser ingênuos e acreditar que o turista que visita nosso país é um típico nativo que está ali representando sua cultura. Esses elementos devem ser considerados quando fazemos pesquisas sobre relacionamentos, sejam eles pessoais ou profissionais.

Pensando nessas características, perguntamos aos informantes como eles poderiam descrever: seus parceiros atuais; seus parceiros anteriores da mesma nacionalidade; e pessoas típicas de seu país. Falamos sobre os resultados na seção a seguir.

4.1.2

Como são?

Com o objetivo de conhecermos um pouco melhor nossos informantes, perguntamos a eles como era se relacionar com uma pessoa brasileira ou uma pessoa britânica. Naturalmente eles descreveram como são ambos e os compararam. Entre as declarações sobre ambas as culturas, há algumas muito positivas, outras negativas. Algumas dessas características são direcionadas ao indivíduo dentro de um relacionamento amoroso, outras ao indivíduo como pessoa, como no exemplo de Douglas “(...) o estrangeiro, eles têm um coração puro, acho que eles não:: eles não têm maldade igual o brasileiro tem. acho que eles são, um pouquinho, eh:: esqueci:: eh:: eles confiam muito no próximo (...)”.

³⁰ Fizemos estas perguntas em nosso questionário sociocultural (cf. Anexo 3).

Ao descreverem os britânicos, os brasileiros disseram que são: mais reservados, menos emotivos, porém, muito leais e confiáveis. De acordo com os brasileiros, os britânicos não têm muita conexão com a própria família e, por consequência disso, também não estão muito envolvidos na dinâmica familiar do brasileiro. A família britânica, de maneira geral, participa pouco ou quase nada do casamento dos filhos e da educação dos netos, por exemplo. Por outro lado, as mulheres brasileiras acreditam que os homens britânicos levam para a relação intercultural o respeito pela mulher, a compreensão, a confiança e a preservação de sua individualidade dentro da relação.

Os brasileiros, por outro lado, são descritos pelos ingleses como divertidos, animados. São pessoas que sabem curtir a vida, tentando tirar o maior proveito dela, sem se esquecer da família e dos amigos como ponto central em suas vidas. Entretanto, como consequência da forte presença da família na vida dos brasileiros, frequentemente as pessoas são mais dependentes emocionalmente umas das outras, inclusive dentro da relação amorosa (cf. seção 4.3). Por outro lado, os britânicos acreditam que os brasileiros demonstram mais emoções e são mais afetuosos com o parceiro, e também que são muito mais ciumentos que os britânicos³¹.

De um lado, a mulher brasileira é descrita pelos homens britânicos como: carinhosa e atenciosa, que leva sempre todo seu carinho, paixão pela vida, dedicação à família, comprometimento com a relação do casal e um papel mais definido na casa, pelo qual eles não precisam lutar (cf. 4.3). De outro, o homem brasileiro é descrito como apaixonado, carinhoso, porém machista, possessivo e dependente:

“(...) o que eu vejo muito eh:: que os homens lá [Brasil] parece que eles cresceram sabe no ambiente quando:: o mãe fez tudo, tudo na casa, sabe, limpou, fez tudo e:: ele é meio machista né? e isso cresceu e acaba não respeitando mulheres e:: isso foi, foi tipo trazido pra relacionamento (...)” (Will, britânico).

Dentre outros tipos de diferenças, a forma de lidar com o sistema é apontada pelos britânicos como um possível problema. Katty conta que, durante o seu processo de casamento, ela e João passaram por algumas dificuldades com os

³¹ Esta questão foi muito comentada pelos informantes, então decidimos incluí-la na seção 4.3, por considerarmos um elemento pertencente não só ao indivíduo, mas à cultura de forma geral.

serviços brasileiros. Frequentemente o marido espera que o sistema brasileiro resolva seu problema, mesmo quando sabe que é possível que este não seja resolvido nunca, por isso Katty se sente estressada e frustrada, pois não acredita no sistema brasileiro, uma vez que já passou por várias situações em que este não funcionou muito bem. Por causa disso, Katty não consegue entender a razão de João ainda confiar nos serviços brasileiros e sempre esperar calmamente que tudo se resolva.

“(...) ele acredita quando uma pessoa fala alguma coisa que eu nunca acredito (...) quando nós estávamos ah:: preparando documentos para casar ((expressão de impaciência)) oh, meu deus hh eu acho que eu briguei em todos os cartórios do Rio porque qualquer tem- oh:: todas as vezes em um cartório recebemos mais informação diferente do que a última vez, mas todas as vezes quando o homem ou a mulher falou o que precisam os próximo como ah:: leva essas semanas pra fazer uma coisa e o João falou “ah, tá bom, tá bom” e eu falei “como você pode acreditar porque nunca é verdade” e isso continuou por um ano como isso tentando casar com informação ... ridículo↓” (Katty, britânica).

Acreditamos que esta característica da cultura brasileira, apontada por Katty, ocorra porque, como descreve Lewis, “os brasileiros gostam de agradar, eles costumam dizer às pessoas o que eles querem ouvir, esticando a verdade até certo ponto. A este respeito, eles sempre afirmam ter uma solução para os problemas, embora na realidade isso não seja frequentemente o caso”³² (Lewis, 2006, p. 544, t.n.).

Como já vive no Brasil há alguns anos, antes mesmo de conhecer João, Katty já está familiarizada com a situação e por isso se sente frustrada com o sistema, mas principalmente com a conformidade do marido que, já habituado, aceita-o sem questionamentos.

Além dessa, outra característica que Katty acredita que os brasileiros possuem é o hábito de postergar assuntos consideradas entediantes, desnecessários, geralmente conectados com a burocracia:

“(...) ah eu estava falando com meu amigo hoje sobre... ele é americano e a esposa dele é brasileira ... ele está tentando organizar os documentos para ir aos Estados Unidos para o:: Green Card para ela e ela sempre fala ((muda de voz)) ‘sim, sim, vou

³² (...) Brazilians like to please, they will often tell people what they want to hear, stretching the truth to some extent. In this respect they always claim to have a solution to problems, though in reality this is often not the case.

fazer, vou fazer, vou fazer’ e ela nunca está fazendo. ‘eu falei eu entendo esse problema’ hh (...)”.

Outra característica muito famosa, possivelmente uma generalização atribuída aos britânicos, é a pontualidade. Em contraposição, os brasileiros – e os latinos de maneira geral – são muito conhecidos pela impontualidade. Em nossos dados, alguns de nossos informantes mencionam este tópico:

“(...) eu lembro um dia que cheguei num bar, eu marquei pra encontrar Cintia neste bar em botafogo, às 8:00 da noite, e:: eu tava lá sozinho durante 45 minutos e ela chegou. isso é normal no Brasil né?? chegar atrasado e:: eu:: e eu tava com raiva porque eu tava sozinho esperando ela e:: ela falou ‘ah, não, mas eu tava falando com alguém e não foi possível sair’ aí eu falei ‘não, mas você sabia que eu tava te esperando e você continuou com a conversa’ (...)” (Mike, britânico).

Para lidar melhor com esse tipo de situação e evitar frustração e provável conflito, Lewis (2006) sugere a um indivíduo em contato com um brasileiro que "não se aborreça com a falta de preocupação com a pontualidade. Lembre-se que 15 minutos a meia hora não é considerado atraso no Brasil"³³ (Lewis, 2006, p. 544, t. n.). Essa característica, presente nas culturas coletivistas, é, possivelmente, decorrência da maneira como os brasileiros veem e privilegiam o presente, pois acreditam que precisam aproveitar o momento, e por isso, em geral, são mais relaxados com o tempo.

Desta forma, enquanto o brasileiro gosta de passar o tempo com os amigos conversando em um bar, ou com a família no almoço de domingo, por exemplo, os britânicos estão mais preocupados em investir seu tempo no trabalho, em seu crescimento pessoal e profissional, fortes características das culturas individualistas. Assim, os britânicos se mostram menos conectados com pessoas, e mais com atividades em geral, pois gostam de planejar como será a sua vida em alguns dias, meses ou anos.

A partir das perspectivas e das características mencionadas pelos entrevistados, montamos o quadro a seguir para apresentar a descrição dos brasileiros e britânicos por eles mesmos. Muitas dessas descrições são as mesmas

³³ Do not become annoyed at their lack of concern about punctuality. Remember, 15 minutes to a half hour is not considered late in Brazil.

mencionadas por Hofstede nas dimensões IND e MAS, também apresentadas nas características das culturas de alto e baixo contexto, e nas culturas multiativa e ativo-linear, como vimos no capítulo de pressupostos teóricos.

Descrição³⁴		
	POR BRITÂNICO (A) S	POR BRASILEIRO (A) S
HOMENS BRITÂNICOS	Mais reservados Não mostram emoção Mais iguais às mulheres (com relação à tarefa doméstica) Arrogantes Mais senso de justiça Respeitam muito a mulher Menos demonstração de afeto por contato físico Mais distantes na relação (não fazem tudo junto)	Menos ciumentos Confiam mais na mulher Mais individualistas Menos machistas Mais confiáveis Não expressam muito sentimentos Mais frios Mais reservados e tímidos Mais leais e fieis Muito tranquilos Bebem muito álcool Mente mais aberta Menos calorosos e afetuosos
HOMENS BRASILEIROS	Demonstram mais emoção Obsessão por sexo Safados Não confiam nas mulheres Impontuais Mais espontâneos Mais relaxados com o horário Mais focados em pessoas e não em trabalho Mais românticos Respeitam menos a mulher	Possessivos Ciumentos Não são confiáveis Traem as mulheres Mulherengos Mais espontâneos Não pontuais Mais românticos Não participam das tarefas domésticas
MULHERES BRITÂNICAS	Mais independentes Menos emotivas Mais tranquilas Menos ciumentas Mais distantes na relação, nem sempre fazem as coisas juntos Planejam tudo	Mais independentes Mais confiáveis Mais frias Mais firmes e fortes Disciplinadas Bebem muito álcool Mente mais aberta Moderna – direitos iguais Planejam com antecedência
MULHERES BRASILEIRAS	Observam mais Mais conectada com a família Impontuais Cuidam do marido Mais relaxadas com o horário Mais carinhosas Mais dramáticas e emotivas Mais espontâneas Demonstram mais sentimentos	Ciumentas Mais dependentes Não pontuais Menos disciplinadas Mais espontâneas

Quadro 4: Descrição dos britânicos e brasileiros

³⁴ As palavras e frases foram retiradas dos dados exatamente como foram enunciadas.

Em nossos dados, observamos que há diferenças entre as características atribuídas aos homens e às mulheres, por isso a escolha de separarmos as descrições por gênero também. De forma geral, alguns informantes fizeram um discurso mais separatista, o que pode ser uma indicação da perspectiva deles quanto ao papel da mulher e do homem na sociedade (cf. seção 4.3). Esse fator se fez presente em todas as entrevistas, ficando mais evidentes na fala da mulher britânica.

Evidentemente, as características das culturas se manifestam de forma diferente em cada indivíduo, dependendo também de cada situação. Possivelmente, o meio em que vivem também possui uma parcela de influência. Dessa forma, acreditamos que as características, tanto da cultura quanto do indivíduo, se mostram mais presentes quando ele está em seu próprio país, cercado por sua cultura e por sua gente. E, assim, a voz do expatriado fica muito mais presente no discurso de reclamações. Discutiremos a provável influência do lugar onde o casal vive na seção a seguir.

4.1.3

Onde viver: a vida do expatriado

Uma das primeiras perguntas difíceis que a maioria dos casais interculturais precisa responder é: onde vamos viver? A resposta pode ser muito simples quando o parceiro de fora vai morar no país do outro e depois eles se conhecem. Entretanto, quando o parceiro de fora está apenas visitando como turista, e precisa voltar para seu país quando o visto termina, a escolha de como continuar a relação pode ser bastante complicada. É neste momento que geralmente o casal precisa definir sua relação: ainda muito cedo para casamento? Relacionamento à distância? Viver ilegal no país estrangeiro? Casar só para obter um visto?

Uma relação intercultural pode ser bastante trabalhosa para qualquer um dos envolvidos - o casal, as famílias, os amigos. Entretanto, o expatriado é provavelmente o parceiro que faz os maiores sacrifícios, aquele que precisa se adaptar mais, pois, além de todos os desafios que o parceiro nativo também tem de enfrentar, o expatriado tem que lidar com as novidades e dificuldades de viver em

um país diferente, além de necessitar aprender o idioma local, por questão de sobrevivência.

Quando, dentro da relação, apenas um parceiro precisa lidar com esses conflitos, pois o casal está vivendo no país de um deles, é comum ouvir reclamações de falta de compreensão por parte do parceiro nativo. Dessa forma, é muito importante levarmos em consideração o lugar em que o casal está vivendo e quais são as experiências do parceiro expatriado com relação a viver fora de seu próprio país. Esse fator tem influência direta e indireta na relação dos dois e os efeitos vão depender de quão diferentes são as culturas uma da outra. No caso das culturas brasileira e britânica, há diferenças mas há semelhanças também. E todas elas parecem influenciar na relação:

"(...) goste ou não, o mundo fora da porta vai se intrometer em seu casamento, seja na terra dele, na terra dela, ou em uma terra neutra. Independentemente das suas culturas individuais ou do estilo que escolheram para o seu casamento, os parceiros terão relações com as pessoas do seu país escolhido e terão que respeitar seus costumes e valores"³⁵ (Romano, 2008, p. 56, t. n.).

De forma geral, para nossos entrevistados, a escolha do local não foi um problema grande, pois todos se mostraram bastante flexíveis em viver um tempo no país do outro. E, ao perguntarmos para os expatriados como se sentiam vivendo em um país estrangeiro, a resposta era sempre positiva, mostrando felicidade e compreensão. É possível que esse resultado tenha ocorrido em virtude de grande parte dos expatriados estar vivendo no mesmo local onde conheceram seus parceiros: não sendo necessária uma adaptação apenas por causa da relação, os problemas que encontram geralmente não são direcionados ao parceiro. Entretanto, mesmo nos casos em que o casal vive em lugares diferentes de onde se conheceram, e apesar de narrarem episódios em que sentiram dificuldade com a cultura e até mesmo com a língua, os expatriados se mostram bastante satisfeitos em viver no país do parceiro.

Observamos que, durante a entrevista, em geral, o parceiro que não estava vivendo em seu país de origem possuía muito mais para falar sobre a cultura do país

³⁵ (...) Like it or not, the world outside the door will intrude on their marriage, be it his land, her land, or a neutral third one. Regardless of their individual cultures or the style they have chosen for their marriage, they will have dealings with the people of their chosen country and will have respect to their customs and values.

e da sociedade em si do que do relacionamento com o outro. Muitas vezes, esse contato com a cultura do outro exige não somente adaptação ao local, mas também um trabalho maior do expatriado em separar aquilo que faz parte da personalidade do indivíduo e aquilo que faz parte da cultura dele.

Nos casos em que o casal vive em um terceiro país, em que ambos vivem como expatriados, esses problemas parecem não ocorrer, pois ambos precisam juntos aprender sobre a cultura local, o idioma, as regras da sociedade. De alguma maneira, esse ponto em comum parece poder ajudar o casal a se aproximar mais, ter mais afinidade³⁶. Isso é o que ocorre com o casal 10, Julia e Bill, que narram histórias em que compartilham das mesmas dificuldades, mesmos desejos, mesmas saudades de casa e da família; para eles, o problema é outro: qual família poderão visitar nas próximas férias?

Assim, viver em um país neutro, ao qual não pertence nenhum dos dois, em que ambos estão diariamente enfrentando desafios, muito provavelmente cria maior empatia com o outro, já que um sabe exatamente como o outro se sente. Dessa forma, situações como a descrita por Brittany (abaixo) costumam ser mais raras. Ao ser perguntada sobre a possibilidade de viver na Inglaterra com o esposo brasileiro, Brittany diz que acredita que seria bom para ela, mas difícil para ele:

“(...) às vezes ele fica:: sem paciência comigo, ele vai ver que é muito difícil quando você entra uma casa e você não sabe como usar o:: chuveiro ou você não sabe como funciona as coisas esses tipos de coisas né (...)” (Brittany, britânica).

Ter empatia é um dos elementos fundamentais para uma boa relação, pois colocar-se no lugar do outro não só faz com que as coisas funcionem melhor, mas também ajuda o parceiro a ver o mundo de outra maneira, menos egocêntrica.

Além das dificuldades em viver em um país diferente, definir qual o país escolhido para se viver pode apresentar problemas distintos. Dentre os casais entrevistados, três (Steven/Paula, Carla/Norton, Taylor/Denise) escolheram viver no Reino Unido e os problemas relatados por eles são diferentes dos relatados pelos expatriados vivendo no Brasil. Em suas entrevistas, nenhum dos brasileiros expatriados critica o país ou o sistema. Parecem não ser afetados pelo local, pelo

³⁶ Como só tivemos um único casal nesta situação, não podemos afirmar que se trata apenas de um exemplo ou se outros casais se sentiriam da mesma forma.

contrário, dizem até preferir viver lá a viver no Brasil. Entretanto, quando se trata da relação com as pessoas locais - os britânicos - os brasileiros apontam, muitas vezes, que é o maior problema é a dificuldade de lidar com elas.

Decidir onde viver depois do casamento não foi um problema para Carla e Norton. Eles afirmam que foi natural, basicamente por causa do trabalho de Norton, que era mais estável, com um salário melhor que o de Carla, que tinha acabado de terminar a universidade. Ainda assim, mesmo sabendo que é melhor financeiramente viver em Londres, Norton admite que se preocupa com a felicidade de Carla, pois sabe que ela sempre foi muito conectada com a família. Ele diz que está preparado para ir viver no Brasil, no momento em que ela quiser, pois pensa ser mais do que justo, já que vivem em Londres há alguns anos. Ainda assume que sabe que será difícil para ele, pois ainda não fala muito português e, principalmente, porque acha que será muito difícil encontrar um trabalho no Brasil.

Carla, por sua vez, diz que gosta muito de viver em Londres, que adora a cidade, mas confessa que teve pequenos problemas, principalmente no início, em se adaptar às pessoas locais, principalmente aos amigos de Norton. Ela acredita que, diferentemente dos brasileiros, os grupos de amigos do esposo são bastante fechados e geralmente não incluem os namorados e namoradas em seus encontros. Este fato fez com que Carla se sentisse muito excluída e rejeitada por eles. Frequentemente ela se sentia sozinha e pensava que Norton não dava a devida importância para a relação deles, o que a fez considerar desistir algumas vezes. Até que aprendeu a lidar melhor com a situação e percebeu que é uma característica da cultura britânica, e que não era ela o problema.

Da mesma forma, Paula e Steven estão muito felizes por viver no País de Gales, apesar de Paula sentir falta de sua família. Paula conta que no primeiro momento Steven quis viver em sua cidade, Fortaleza, mas pouco tempo depois mudou de ideia, após passar alguns dias de férias na cidade e ver de perto os problemas do sistema que teria que enfrentar. Apesar de já viver alguns anos no Reino Unido, e gostar de morar lá, Paula ainda passa por alguns problemas de adaptação, principalmente no local de trabalho, onde precisa lidar com colegas nativos que não entendem o seu jeito brasileiro de ser, principalmente com respeito à comunicação (Cf. 4.2).

A brasileira Denise, por sua vez, sempre foi muito apaixonada pela cultura britânica, e declara que não possui nenhuma intenção de voltar a morar no Brasil, uma vez que desde criança sonhava em morar em Londres. Para ela, não há problemas em viver em uma cultura diferente, pois se identifica mais com a cultura do esposo do que com a sua própria. E assume que, no fundo, sempre soube que iria se relacionar com alguém de outra nacionalidade, mesmo que não estivesse buscando isso, pois nunca se sentiu como parte da cultura brasileira e tampouco se sentia completamente satisfeita com a forma de ser de seus namorados brasileiros.

Com isso, notamos que ao viver no Reino Unido a maior dificuldade descrita pelos entrevistados é como lidar com as pessoas locais, amigos e família, não ocorrendo nenhum comentário negativo sobre a estrutura e o sistema britânicos. Ao viver no Brasil, ao contrário, os expatriados afirmam veementemente que a maior dificuldade deles é entender e aprender a viver com o sistema do país.

Com relação às pessoas, os expatriados que vivem no Brasil dizem se sentir muito acolhidos pelos amigos e familiares de seus parceiros, e por isso se sentem confortáveis em se relacionar com eles. Em contraposição, com relação ao país em si, se sentem quase sempre desrespeitados pelas autoridades e pelo sistema. E são inúmeros os relatos reclamando da falta de eficiência administrativa do Brasil. Frequentemente, isso se torna um tópico de discussões entre o casal, pois, apesar de, na maioria das vezes, o brasileiro concordar com as reclamações, não gosta que seu parceiro fale coisas negativas de seu país, de sua pátria.

“(…) se eu estou por exemplo, para ele, se estou criticando alguma coisa aqui e às vezes ele não sente bem porque parece que eu estou criticando brasileiros ou ele, mas é uma frustração porque por causa de uma... eu estou falando ‘ah é como isso aqui blá-blá-blá’ esse não é bom. eu sei isso, acho que vai ser interessante quando morarmos num outro país que não é de mim ou dele” (Katty).

De um lado, João reclama que Katty aponta os problemas do Brasil e da cultura brasileira; de outro, ele também critica o país e fala de sua insatisfação com o sistema do Brasil, e até o culpa pela desordem na sua vida pessoal:

“(…) mas talvez eu indo pra um lugar que é mais organizado talvez eu tenha vontade de porque aqui a gente sabe que tudo é uma bagunça, tudo tão desorganizado pra que eu vou ser organizado, deixa ... mas num outro país ... se você sabe que vai usar seu tempo pra organizar uma coisa mas vai organizar acho que talvez eu me adapte, né, assim ... vamos ver” (João).

Essa situação é bastante comum entre os casais interculturais que escolhem o país de um dos parceiros para viver. O expatriado sempre precisa ser cuidadoso ao fazer críticas, uma vez que o parceiro nativo pode se sentir ofendido e levar a crítica para o lado pessoal.

Além de Katty e João, outros quatro casais vivem no Brasil (Brittany/Douglas, Vivi/James, Larah/Pedro e Will/Nádia). Para eles, a adaptação não é fácil. Na fala de Brittany, abaixo, podemos observar sua tentativa de se adaptar à cultura do esposo, ao estilo de relacionamento em que ele está habituado.

“ah:: bem diferente sim, na verdade quando eu estou aqui eu tento não ser muito arrogante eu tento falar para as minhas amigas gringas para não ser tão arrogante que acha que você pode chegar aqui e mudar a cultura de outras pessoas que moram aqui acho que isso é muito arrogante que pessoas vêm aqui eles tentam namorar do jeito que eles namoram no próprio país. e eu tento não ser muito arrogante nisso, eu tenho que me mudar para a cultura aqui ou me adaptar, you know, ser flexível, aceitar e:: eu tento falar isso para as pessoas (...)” (Brittany).

Para Brittany, é importante ao menos tentar se adaptar à cultura local, uma vez que escolheu viver aqui³⁷. Ainda critica suas amigas que, ao invés de se adaptarem, tentam mudar a cultura do país. Apesar da constante preocupação em aprender as nuances da cultura e da língua, Brittany acredita que, se vivessem em outro país, possivelmente alguns problemas que enfrentam hoje diminuiriam ou desapareceriam de vez. Como, por exemplo, a questão dos ciúmes do brasileiro:

“(...) então eu aceito isso. eu tento deixar nada, não deixo ah:: meu homem com mais ciúmes pra não deixar ele com mais ciúmes, mas se fosse no meu país eu não me preocupava eu não me preocuparia porque acho que ele também na hora que ele chega na Inglaterra ele vai ver que:: os homens ingleses são muito chatos eles não têm essa obsessão com sexo igual brasileiros então talvez ele vai ver que:: então isso pode mudar no meu país (...)” (Brittany).

Larah e Pedro possuem uma experiência diferente. Já viveram em vários países, fazendo trabalhos missionários, e já passaram um tempo morando na Inglaterra antes de terem filhos. Quando o primeiro filho nasceu, decidiram se mudar para o Brasil para que Larah tivesse ajuda da família de Pedro, por isso é comum fazerem comparações entre o estilo de vida deles em ambos os países:

“(...) porque como eu sou inglesa, a vida pra mim na Inglaterra é muito mais fácil porque eu cresci lá, eu sei como, como que as coisas funcionam. eu sou muito mais

³⁷ Douglas não teve influência nesta escolha, uma vez que Brittany já vivia no Brasil há mais de cinco anos antes de conhecê-lo.

independente lá. e aqui:: como o meu português não é muito bem e:: aqui as coisas funcionam de um jeito diferente pra mim e aqui:: então, eu sou mais dependente no Pedro (...)” (Larah).

Apesar de se sentir bastante acolhida por toda a família e amigos de Pedro, Larah ainda enfrenta dificuldade com a língua, mesmo após alguns anos vivendo aqui. E com relação à cultura, ainda se depara com algumas surpresas de determinados comportamentos que consideraria estranhos em sua cultura, como alguns hábitos dentro da casa, por exemplo.

O único casal entrevistado que não vive atualmente na mesma casa, Cintia e Mike, mantém seu relacionamento à distância há dois anos. Nos primeiros dois anos da relação, eles viveram no Brasil, mas quando Mike não pôde mais ficar, por problemas de visto, ele voltou para a Inglaterra e o casal decidiu tentar um namoro à distância que, de acordo com eles, tem funcionado bem, apesar dos desentendimentos ao longo do caminho:

“(...) a questão da nacionalidade é muito complicada, né, pra gente, assim. ele não pode ficar aqui pelo tempo que ele quiser porque ele não tem visto e eu não posso ficar lá com ele pelo tempo que eu quiser porque eu não tenho visto então assim, isso demanda um planejamento:: a gente ficar junto né, querendo ou não, demanda um planejamento, o que é muito ruim, assim, na minha opinião é muito estressante. e muito:: muito ruim, mesmo sabe? (...)” (Cintia).

Ao narrar sua experiência durante os dois anos em que viveu no Brasil, assim como os outros britânicos, Mike também fala dos problemas do país, mas foca principalmente em seu desconforto ao ser obrigado a lidar com os amigos e a família de Cintia. Ele diz que pode ser bastante estressante ter de sair com os amigos dela, pois os considera muito imaturos, ou mesmo ter que sair com a família dela, em vez de passar tempo com os próprios amigos que ele fez no Brasil. Uma situação difícil de resolver, uma vez que sair com os amigos dela e ir aos encontros da família são os programas favoritos de Cintia.

Logo, independentemente do lugar onde o casal decide viver, há sempre no mínimo uma pessoa que terá que se adaptar. E, como vimos, o parceiro expatriado é aquele que encontra mais dificuldades dentro da relação. Seja o homem ou a mulher, muito frequentemente o expatriado enfrenta dificuldade em encontrar um trabalho, o que o permite ter bastante tempo livre, o suficiente para se sentir

entediado e, possivelmente, dependente e impotente, como descreve nosso entrevistado James.

Ainda que escolham um lugar fixo para viver, em algum momento da relação, mesmo que como um visitante, um dos parceiros geralmente precisa viver algum tempo na situação oposta. Quando isso ocorre, quando o parceiro expatriado se transforma em nativo e seu parceiro nativo se transforma em turista, é a oportunidade que o casal possui de observar o lugar do outro e, talvez, de aprender a melhor se relacionar com o parceiro, pois “(...) aprender a ser sensível a esses momentos não somente reforça a presença das influências culturais, mas também pode enriquecer o apreço do parceiro que observa como seu cônjuge percebe o mundo de muitas maneiras diferentes e que são alheias às suas” (Perel, 2002, p. 209 apud Rittiner, 2006, p. 94).

4.1.4

Os benefícios

Ao pesquisarmos sobre o tema entre os trabalhos já produzidos na área de PL2E, observamos que a maioria privilegia a temática dos desafios e dos problemas e conflitos encontrados em relações interculturais, por isso gostaríamos de dedicar esta seção a falar sobre o outro lado da moeda – as vantagens e os benefícios que nossos entrevistados dizem ter em uma relação intercultural – antes de apresentarmos os principais desafios descritos por nossos informantes.

Em determinado ponto de nossa pesquisa, podemos nos perguntar ‘por que então ter um relacionamento intercultural? Por que enfrentar tantos desafios, trabalhar a língua, lidar com diferenças culturais e familiares³⁸? Vale a pena?’ Muitos dos nossos entrevistados disseram que vale a pena, que não trocariam seus companheiros de forma alguma por uma pessoa da mesma nacionalidade. Muitos até preferem que sejam de outra cultura, pois não gostam ou não se adaptam à própria.

³⁸ Veremos mais sobre os desafios nas seções 4.2 e 4.3.

Ainda que cientes de todos os possíveis e prováveis desafios e problemas que encontrarão (e alguns já encontraram), nossos entrevistados foram bastante otimistas quanto ao desenvolvimento de um relacionamento entre pessoas de culturas diferentes. De acordo com eles, há muitos benefícios de estar em um relacionamento intercultural, entre eles, a possibilidade de: praticar outro idioma; conhecer pessoas novas; aprender coisas sobre o país do outro (pessoas, cultura, história); poder conhecer a personalidade do outro sem a influência da cultura.

Brittany, por exemplo, afirma que

“(...) língua pra mim é uma:: viagem, uma aventura e ah:: aprender a língua e:: experimentar e esse dá mais um nível de interesse no relacionamento que é uma coisa muito gostosa de começar de aprender coisas e todo dia uma palavra coisa nova, eu posso brincar com ele também, eu posso fingir que eu não entendo ou eu posso fingir que eu entendo sim, ou eu posso ah:: tipo brincar, falar coisas erradas ah:: eh:: só pra brincar e também ele tenta falar inglês e tudo é muita graça dá muita graça, é muito engraçado, entendeu? (...)” (Brittany).

Já para Pedro, estar preparado para encontrar diferenças é um dos pontos positivos deste tipo de relação, pois estar ciente das diferenças torna mais fácil prever e remediar possíveis problemas:

“(...) fica bem mais acentuada as nossas diferenças do que se estivesse relacionado com uma brasileira onde nós compartilhamos a mesma história, as mesmas culturas, jeitos né? e fica mais evidente. mas talvez o sucesso do casamento transcultural seja isso, porque aí já entra no relacionamento sabendo mais:: mais ciente das nossas diferenças e mais inclinados a aceitar as diferenças do outro né?” (Pedro).

Já para João, sua esposa Katty trouxe não apenas uma nova cultura e uma nova língua para a relação; ela trouxe principalmente a oportunidade de conhecer o mundo:

“(...) eu acho muito interessante porque eu tenho a possibilidade de:: conhecer o mundo e ela pode conhecer o meu país, eu posso dar um suporte (...) então eu de alguma forma posso cuidar dela aqui e ela pode... cuidar de mim lá, como ela já me levou pra muitos país porque eu não saberia ir pra outros países (...)” (João).

Todos os entrevistados apontaram que o convívio com uma outra cultura pode ser bastante enriquecedor. Ao longo das entrevistas, todos se mostraram muito felizes em estar em uma relação intercultural, e ao final, muitos agradeceram pela

oportunidade de lembrar os momentos de suas relações ao contarem suas histórias para a pesquisadora.

Com isso, observamos que, apesar de saberem que viver em uma relação intercultural é desafiador e exige que se preparem o melhor possível para lidar com certas situações que possivelmente não ocorreriam em relações monoculturais, os participantes envolvidos estão muito satisfeitos e motivados a dar o melhor de si para que a relação continue tendo sucesso³⁹.

4.1.5

Desafios

Apesar de todas as vantagens e pontos positivos em estar em um relação bicultural⁴⁰, os desafios que os casais interculturais podem encontrar são inúmeros, dentre eles, como mencionamos anteriormente, a escolha do lugar onde viver, as características de cada indivíduo e de cada cultura, além da língua em si, como veremos na próxima seção.

Esses desafios frequentemente se direcionam a conflitos, causados por diversos fatores, que podem interferir na relação de maneira devastadora. De acordo com Romano (2008),

Qualquer casamento é como um jogo, mas o casamento intercultural é mais complicado porque cada parceiro vem equipado com um conjunto diferente de regras - valores diferentes, hábitos e visões, formas de se relacionar com os outros e estratégias para negociar as diferenças. Até que um conjunto de "regras de casa" seja acordado, o jogo não funciona, e os parceiros correm o risco de crescer separados em vez de juntos. Decidir quais regras usar (e decidir como decidir) pode ser complicado e pode causar mal entendidos, conflitos ou rupturas, mesmo para duas pessoas que se amam⁴¹ (Romano, 2008, p. 15, t. n.).

³⁹ Entretanto, não podemos nos esquecer de que, ao falarmos sobre cultura, trabalhamos simultaneamente com o indivíduo e o coletivo geral daquele país. Por isso, precisamos ter em mente que as características individuais estarão sempre presentes nestas relações, influenciando de alguma forma seu desenvolvimento.

⁴⁰ Estamos adotando aqui os termos bicultural e intercultural como sinônimos.

⁴¹ Any marriage is like a game, but intercultural marriage is more complicated because each partner comes equipped with a different set of rules-different values, habits, and views, ways of relating to others, and strategies for negotiating differences. Until one set of "house rules" is agreed upon, the game does not work, and the partners risk growing apart rather than together. Deciding on whose rules to use (and deciding how to decide) can be complicated and can cause misunderstandings, conflicts, or ruptures, even for two people who love each other.

Ao perguntarmos se havia alguma parte negativa ou alguma dificuldade em se relacionar com uma pessoa de nacionalidade diferente, a maioria dos entrevistados respondeu que não havia nenhuma parte negativa, mas que acreditavam que havia algumas dificuldades, como:

1. A relação é mais complicada no início porque, além de conhecer a pessoa, é preciso conhecer também a sua cultura e língua;
2. A comunicação nem sempre é fácil porque em alguns momentos você não consegue expressar exatamente o que quer dizer, mesmo que fale o idioma fluentemente;
3. A família, a presença ou ausência dela, vai influenciar bastante a relação;
4. O papel da mulher na sociedade e na casa é diferente em cada cultura.

No entanto, acreditamos que passar por um choque cultural nem sempre é, ao contrário do que muitos podem pensar, um fator negativo. É possível que, após viver um choque cultural, o indivíduo perceba mais rapidamente que há coisas que ele precisa aprender sobre a nova cultura, acelerando, talvez, o processo de adaptação. Compartilhamos, ainda, do pensamento de Romano (2008) quando diz que

“(...) a única maneira de o casamento intercultural poder prosperar é que o casal perceba que há muitas maneiras de olhar para o mundo e encontrar uma maneira de viver suas vidas juntos que seja razoavelmente satisfatória para ambos, idealmente para criar uma mistura das duas culturas”⁴² (Romano, 2008, p. 109, t. n.).

Por isso, acreditamos ser importante falarmos sobre os conflitos e desentendimentos, e tentarmos identificar não somente a sua causa para que se possa evitá-los, mas também a melhor maneira de lidar com eles, quando ocorrem. Sabemos que cada cultura terá uma maneira de identificar e lidar com os conflitos, mas o que todas elas possuem em comum é:

Há sempre tensão entre duas pessoas de culturas diferentes. Em um primeiro momento negamos a existência da diferença e ou queremos convertê-la ou eliminá-la. Após isso, porém, há a aceitação da diferença e o reconhecimento dela. Com isso, há espaço para uma adaptação entre essas duas pessoas e para a integração. Cada vez mais está sendo usado na área o termo “terceira cultura” para definir essa interação.

⁴² (...) the only way intercultural marriage can thrive is for the couple to realize that there are many ways to look at the world and to find a way of living their lives together that is Reasonably satisfactory to both of them, ideally to create a *mélange* of the two cultures.

Eu estou tentando me adaptar a você, você está tentando se adaptar a mim, mas nem eu quero ou posso me tornar você e nem você quer ou pode se transformar em mim. Apesar disso, ambos tentamos entender o mundo um do outro, e isso gera um espaço em comum entre nós, que não diz respeito nem à minha cultura e visão de mundo e nem à sua. Isso, esse espaço, está sendo chamado de “terceira cultura”⁴³ (Bennett, 2011).

Sabemos que diversidade envolve diferenças, e é com este pensamento em mente que, nas próximas seções, percorremos por mais alguns conflitos que podem ocorrer em relacionamentos amorosos entre casais interculturais, sem, no entanto, objetivar sua eliminação, mas somente, tentar preveni-los. Uma vez que acreditamos que só tomamos consciência de nossa própria cultura, e até de nossa língua, quando a comparamos com outras e vemos suas diferenças, comparamos as características das culturas britânica e brasileira, suas diferenças e semelhanças, além de apresentar as sugestões dadas pelos entrevistados de como melhor lidar com elas.

4.2.

A comunicação

“a língua às vezes prega uma peça né? a língua, língua em si... às vezes, um vocabulário eh:: coisa até interessante, acaba trazendo humor né↑ no relacionamento” (Pedro, Brasileiro).

Um dos grandes desafios de qualquer relação, seja ela intercultural ou monocultural, é a comunicação: o meio que usamos para expressar nossos pensamentos, desejos, sentimentos e ideias; o caminho que escolhemos para exteriorizar o que está dentro de nós. No entanto, não possuímos controle total sobre esse caminho e, constantemente - como disse um de nossos entrevistados brasileiros, Pedro - “a língua às vezes prega uma peça”, por isso, devemos estar preparados para evitar possíveis conflitos gerados por ela. Nesta mesma linha de pensamento, Romano (2008) afirma que

“Na melhor das hipóteses, as palavras são comunicadores imperfeitos, e para as pessoas que não têm a mesma língua materna, elas podem ser perigosas. Nem sempre é fácil em outra língua saber quais palavras devem ser usadas quando ou para quem. Diferentes regras se aplicam em diferentes culturas, e uma palavra

⁴³ Revista Época, edição online, disponível em <http://wp.me/s3XP0G-teste5>, acesso em 15/04/2017.

errada ou inadequada pode causar mal-entendidos (...)”⁴⁴ (Romano, 2008, p.98, t. n.).

Entretanto, a dificuldade na comunicação não é limitada aos relacionamentos interculturais. Mesmo nas relações monoculturais, a linguagem pode se transformar em um problema que precisa ser tratado com cuidado. Isso ocorre porque, além da língua em si, o casal precisa desenvolver outras habilidades comunicativas para que a mensagem seja transmitida e recebida com sucesso.

No caso dos relacionamentos interculturais, frequentemente, os casais são obrigados a escolher uma língua para conversar, geralmente a língua com que ambos se sentem mais confortáveis (é comum escolherem a língua nativa de um dos parceiros). Em muitos casos, ao dominar a língua dos parceiros, “(...) eles automaticamente assumem que também compartilham as características extralinguísticas da comunicação”⁴⁵ (Walburg, 1988, 74 apud Romano, 2008, 341, t. n.). O que, de fato, nem sempre ocorre, uma vez que ser fluente em um idioma não faz, necessariamente, com que um indivíduo seja também fluente na linguagem não verbal daquela cultura. O resultado disso se reflete, na maioria das vezes, na ocorrência de falhas na comunicação.

Antes de apresentarmos os dados gerados referentes à linguagem, é importante lembrarmos que as duas nacionalidades selecionadas para esta análise pertencem a duas culturas diferentes, classificadas como cultura de alto contexto (Brasil) e cultura de baixo contexto (Reino Unido), em que a representação e manifestação da linguagem, seja ela verbal ou não verbal, possuem diferenças. Essa informação é importante uma vez que o uso das linguagens verbais e não verbais está diretamente ligado ao tipo de cultura. Como vimos no capítulo 2, em culturas de baixo contexto "o comportamento não verbal é inconscientemente percebido mais como um comentário sobre a mensagem verbal do que como uma parte da

⁴⁴ At best, words are imperfect communicators, and for people who do not have the same mother tongue, they can be dangerous. It is not always easy in another language to know which words should be used when or for whom. Different rules apply in different cultures, and a wrong or inappropriate word can cause misunderstandings (...).

⁴⁵ (...) they automatically assume that they also share the extra-linguistic features of communication.

própria mensagem (...)”⁴⁶ (Bennett, 1998, p. 11, .t. n.), ou seja, não modifica a mensagem verbal.

Por outro lado, nas culturas de alto contexto, “(...) apenas uma pequena porcentagem do significado criado em uma troca de comunicação social é baseada na linguagem verbal, assim entender os aspectos não verbais mais importantes da comunicação é vital para uma compreensão geral dos eventos interculturais (...)”⁴⁷ (Bennett, 1998, p. 10, t. n.). Isso significa que nesse tipo de cultura a língua é extremamente contextual. O português, por exemplo, possui características que representam a forma de pensar de sua população, cujo estilo de comunicação é bem particular. Por isso, Romano acredita que há ainda, além da linguagem verbal e da linguagem não verbal, um terceiro componente para “desvendar os ministérios da comunicação”: o componente estilístico. O autor declara que “todos os três juntos podem causar grandes problemas para duas pessoas que não vêm do mesmo fundo linguístico e cultural, mas que estão tentando alcançar um relacionamento íntimo”⁴⁸ (Romano, 2008, p. 91, t. n.).

Esse problema pode atingir o nível de confiança de cada pessoa. Quando o indivíduo não pode se comunicar ou não se sente confiante com a língua, isso reflete diretamente em sua autoestima e autoconfiança, pois sem a habilidade de comunicação, é preciso confiar no outro e depender dele para qualquer coisa, até mesmo para se expressar. Assim, ele ou ela se sentirá em desvantagem dentro da relação, podendo até se sentir inferior. Por isso é tão importante que esta temática seja abordada em qualquer contexto em que envolva duas ou mais culturas distintas.

A seguir, veremos alguns casos em que a comunicação (ou a falta dela) pela linguagem verbal e/ou pela linguagem não verbal, ou mesmo por estilos linguísticos diferentes, trouxe à relação alguns pequenos desentendimentos.

⁴⁶ Nonverbal behavior is unconsciously perceived more as a commentary on the verbal message than as a part of the message itself. (...).

⁴⁷ (...) only a small percentage of the meaning created in a social communication exchange is based on verbal language, so understanding the more important nonverbal aspects of communication is vital to an overall comprehension of intercultural events.

⁴⁸ All three together can cause major problems for two people who do not come from the same linguistic and cultural background but who are trying to reach an intimate relationship.

4.2.1

Verbal

Quando se trata da linguagem verbal, obviamente o idioma falado pelos interlocutores será crucial para que comunicação seja bem-sucedida. Quando uma das partes fala a língua do outro fluentemente, a comunicação se torna efetiva e consequentemente as frustrações e conflitos diminuem consideravelmente. O oposto também pode ocorrer: quando não há fluência por pelo menos uma das partes, muitos momentos de frustração e desentendimento podem surgir.

Julia e Bill, por exemplo, se conheceram na Costa Rica e, apesar de ainda viverem no país, com uma terceira língua, sempre se comunicaram em inglês, língua que Julia não dominava. O casal conta que, no início da relação, Bill pensava que Julia o entendia muito bem, mas Julia relata que apenas concordava com tudo o que ele falava porque, além da sua falta de domínio do idioma, Bill tinha um sotaque de muito difícil compreensão para um não nativo e ela se sentiria constrangida se falasse a verdade. Isso fez com que muitas vezes o casal não se entendesse perfeitamente, causando muitas frustrações, principalmente, à Julia. Este caso foi o único em nossos dados, pois em todos os outros casais pelo menos um parceiro compreendia e falava bem a língua do outro, mesmo que não fluentemente.

Observamos que todas as mulheres falam inglês e português, mas nem todos os homens falam as duas línguas⁴⁹. Ainda, nos casos dos casais em que a mulher fala as duas línguas, quase todas usam a língua do parceiro para se comunicar, exceto por Larah, que, apesar de falar bem português e viver no Brasil, em casa geralmente usa o inglês com o marido e os filhos. Ao perguntarmos por que fala inglês em casa, Larah relatou que se sente mais confortável porque, como não falava português no início da relação e tiveram que desenvolver o relacionamento em inglês, e só depois aprendeu o português, ela se sentia artificial ao falar a língua com o marido.

⁴⁹ A grande maioria (9 de 10), ainda fala a mesma língua do primeiro encontro, mesmo nos casos em que o parceiro já aprendeu a outra língua. E em quase todos os casos (9 de 10) a língua do homem é a escolhida para a relação.

Perguntamos aos entrevistados que não falavam a língua dos parceiros quando os conheceram se eles se sentiram motivados a aprender o idioma. A grande maioria respondeu que sim, que havia interesse; no entanto, aqueles que estavam vivendo em seu próprio país, como João e Douglas, não estavam estudando de fato a língua, apesar de dizerem que tinham intenção de fazê-lo no futuro. Outros, como Steven e Norton, alegaram que sentem necessidade de aprender a outra língua somente para falar com a família das esposas – ambos já estiveram diante de situações em que não puderam se comunicar, ficando dependentes das esposas para traduzir. Alguns até disseram que se sentiam um pouco ‘estúpidos’ por não falarem a língua local e que se sentiam como se não possuíssem uma ‘voz’ na língua alvo.

Com isso, podemos ver o quanto falar a língua local, ou seja, a língua do parceiro quando está no ambiente dele, dá autonomia ao indivíduo, possibilitando-lhe ser menos dependente do outro. E não ter que depender do outro para expor suas ideias e opiniões para famílias e amigos é muito importante para que o expatriado se sinta parte da vida do parceiro, e que não se sinta excluído. Além disso, ao aprender o novo idioma, a pessoa desenvolve uma identidade na cultura alvo, só possível por meio do aprendizado da língua e, é claro, da cultura. Porém essa necessidade só se mostrou presente entre os nossos entrevistados que moravam no Brasil; aqueles que moravam em outros países não viram esse fato como um problema, já que todos os parceiros brasileiros que moravam fora tinham uma excelente fluência no idioma e declararam que não se viam em situações conflituosas ou embaraçosas por causa da língua (atualmente, pois relatam que no início tiveram alguns episódios embaraçosos).

Para Bill, que durante todo o seu relacionamento com Julia esteve na Costa Rica, a necessidade de falar português nunca tinha surgido. Foi somente quando a mãe de Julia foi visitá-los que Bill se viu, pela primeira vez, em uma situação embaraçosa e relata que se sentiu desconfortável por não poder ter trocado mais de duas frases com a sogra, que também não fala inglês. Sem compartilhar uma língua, é difícil que duas pessoas possam criar um vínculo afetivo, por isso ele planeja aprender português antes de viajar para o Brasil para conhecer o restante da família de Julia.

No processo de aprendizagem e desenvolvimento da língua, os casais se deparam com vários momentos em que a língua lhes ‘prega uma peça’ e é dessa forma que nascem as histórias, os exemplos de situações em que disseram a palavra errada no momento errado. Isso ocorre principalmente no início da relação, mas pode ocorrer também depois. Há alguns desses episódios que são considerados até divertidos pelo casal, há, porém, outros que parecem divertidos apenas para quem os ouviu, mas foram embaraçosos para quem os viveu. Nossos entrevistados trouxeram alguns exemplos dessas situações⁵⁰:

“(...) a Larah foi na escola e teve um surto de:: um surto de eh:: piolho né? ela:: ela foi perguntar pra professora ‘fiquei sabendo que teve um surto de repolho’ hh e eu também às vezes faço erro né? pega esse copo aqui ‘take the glass and put in the chicken’ em vez de falar kitchen hh (...)” (Pedro, brasileiro).

Pedro se diverte muito ao contar essa história da esposa, mas o interessante é que sua esposa conta o mesmo episódio que ele⁵¹, por ter sido um fato recente, achando-o muito divertido também. Larah reconhece que, mesmo vivendo no Brasil há cinco anos, não conhece totalmente a língua e ainda se vê diariamente em situações como essa. Entretanto, o casal, juntos há treze anos, relata que a língua oral nunca foi um empecilho, pois tratam esses pequenos lapsos de vocabulário de forma divertida e bem-humorada.

Pedro e Larah se sentem muito confiantes em sua comunicação, mas este não é o caso de James e Vivi. James, apesar de já morar no Brasil há um pouco mais de dois anos, já ter frequentado aulas de português em uma escola e possuir um nível intermediário do idioma, se sente bastante inseguro e desconfortável ao falar a língua, e ainda culpa Vivi por isso. Ele relata que sua esposa nunca o incentiva a falar português, nunca o ajuda e muito menos o corrige quando comete erros.

“Esse é um problema grande pra mim... eu vou:: fico com raiva por causa disso ... porque quando:: quando eu aprendi português (...) eu disse 'Vivi se:: nós precisamos falar em português mais devagar porque:: se se eu quero trabalhar, eu preciso:: falar português' (...) mas ela sempre, sempre, sempre fala em inglês... eu até às vezes 'desculpa eu não entendi' ela vai falar português um pouco, ela escrever em inglês ou às vezes em português mas eh:: eu:: eu tenho um pouco:: eh:: como se chama ... estou um pouco:: eh:: triste por causa de ela, ela nunca fez mais esforço” (James, britânico).

⁵⁰ Para mais exemplos, ver anexos.

⁵¹ Lembramos que a entrevista foi feita separadamente.

Ao longo da entrevista, James menciona muitas vezes sua frustração e decepção com a esposa por isso. Vivi, por outro lado, assume que não o incentiva muito, mas justifica que para ela é muito mais fácil se comunicar em inglês, mesmo vivendo no Brasil, pois assim evita erros e falta de comunicação. Ainda afirma que tenta falar português com o esposo sempre que estão com outros brasileiros, mas quando ele não os entende, ou quando o tópico é algo mais complexo ou sério, ela desiste e troca de língua.

Vivi nos dá alguns exemplos em que a falta de comunicação ocorre por causa do português e diz que se diverte muito com eles, o que deixa seu esposo um pouco zangado e frustrado em alguns casos, como na situação abaixo:

“(...) a gente foi numa reunião é:: na sexta-feira passada e teve um amigo oculto né? aí nossa:: todo mundo riu muito porque o James começa a ficar perdido porque as pessoas começam a falar muito rápido, aí ele fica me cutucando ‘o que que eles estão falando? o que que eles estão falando?’ aí nessas horas eu tenho que falar com ele em inglês pra eu traduzir o que as pessoas tão falando rápido... aí daqui a pouco, aí as pessoas falavam ‘ah meu amigo oculto, meu amigo oculto, meu amigo oculto’ aí, aí ele ‘quem é amigo oculto? aí eu ‘ah, secret saint, secret saint’, ‘mas por que que estão falando o nome do hospital Miguel Couto? não tô entendendo’. cara hh... aí ele foi a piada da noite né? hh aí todo mundo ‘o meu Souza Aguiar⁵²’, ‘o meu sei que lá’ aí começaram a sacanear muito ele hh é:: faço isso direto, dá pra escrever um livro então:: hh” (Vivi, brasileira).

Por outro lado, no caso de Taylor, que não vive no Brasil mas frequentemente visita seus sogros e por isso faz o esforço de aprender a língua, fazer erros ou troca de palavras não o deixa frustrado, mas o diverte de certa forma.

“hh sim sim tenho uma história muito divertido hh sobre isso então por graduação de Denise:: foi viajando com meus sogros hã:: sem Denise e hã:: no tempo, não falei português muito bem, mas eu digo, com minha sogra, ‘estou muito excitado’ hh sim. aí seis meses atrás, na minha aula, tinha a realização que ... eu precisei dizer ‘estou muito animado’ hh então assim, foi divertido hh” (Taylor, britânico).

Há ainda os casos em que o casal já está tão habituado a falar em uma língua específica que o parceiro nativo pode, até mesmo, se esquecer, por alguns

⁵² James confunde o som de ‘amigo oculto’ com o nome de um hospital próximo à sua casa, Miguel Couto. Por causa disso, os amigos de Vivi começam a citar outros nomes de hospitais, como Souza Aguiar (ambos hospitais públicos localizados na cidade do Rio de Janeiro).

momentos, de que o outro não é um nativo também, exigindo dele um entendimento maior do que ele pode ter. Como nos conta Katty:

“(...) é:: geralmente não tenho problemas, mas às vezes para expressar alguma coisa é difícil porque não tenho um vocabulário para () minha língua e:: porque nós conversamos naturalmente às vezes ele não entende que eu não entendo uma palavra ou eu não tenho o vocabulário. ele esquece que eu estou falando uma outra língua ... então ... por exemplo... eh:: ... coisas como muito ... simples ou básicas às vezes ... outro dia eu lembro que eu não lembrei a palavra para um tipo de ferramenta que ele usa. e ele não entendeu como ((muda a voz)) “como você não sabe o nome para essa palavra” e eu falei você sabe essa palavra em inglês? hh por que ... por que eu preciso saber o nome dessa coisa?” (Katty, britânica).

Concluimos, assim, que o idioma pode ser um grande desafio, ainda que ambos falem a língua um do outro. E sentir-se, em alguns momentos, deslocados, deixados de fora de alguma situação ou perdidos em alguma piada nacional será bastante comum para os parceiros que não compartilham a mesma língua nativa. No entanto, veremos, mais à frente, que somente conhecer o significado das palavras não é o único elemento que ajudará a comunicação, mas será o primeiro passo para conhecer a cultura do outro.

Apesar dos pequenos deslizes com a língua, todos os entrevistados para esta pesquisa acreditam que a língua não seja de fato um problema muito grande e influente em suas relações. E quando há problemas na comunicação, eles acontecem não só por causa do idioma, como argumenta Pedro “(...) a comunicação [é] independente da língua (...) acho que o maior problema da humanidade é a comunicação (...) às vezes se fala uma coisa, entende de outra forma, mas acho que não é por causa do idioma em si mesmo né? (...)”. Os problemas comunicativos quase sempre vêm acompanhados de outros elementos que não unicamente a língua em si.

4.2.2

Não verbal

Quando se trata de relacionamentos entre indivíduos de culturas diferentes, há muitas pessoas que acreditam que os problemas relacionados à comunicação ocorrem unicamente pela fluência da língua. Assim, acham que quando um dos

parceiros é fluente na língua do outro esse problema seria descartado. Entretanto, além da língua, como concluímos na seção anterior, há um segundo componente muito importante para a comunicação e pouco notado pelas pessoas.

Por geralmente acontecer de forma natural e, por vezes, inconsciente, a comunicação não verbal é, frequentemente, ignorada ou não trabalhada em situações de aprendizagem de uma nova língua e cultura. É possível ver esse fenômeno dentro de empresas multinacionais, e até mesmo dentro de salas de aulas de idiomas. Apesar disso, há vários estudos (cf. cap. 2) que comprovam que a comunicação não verbal é, para muitas culturas, tão ou mais importante que a verbal.

Como vimos anteriormente, nas culturas ativo-lineares (geralmente, culturas de baixo contexto – como o Reino Unido), o sentido do que se diz está dentro da mensagem; sendo esta, por si só, importante. Por outro lado, em culturas multiativas, os gestos, a entonação, a expressão facial, muitas vezes, é considerada mais importante e ainda mais definidora do significado do que a própria mensagem. Assim, os indivíduos dessa cultura possuem uma linguagem corporal relevante no processo de comunicação. Por exemplo, em uma conversa com qualquer pessoa, brasileira ou de outra nacionalidade, será normal para um brasileiro tocar o interlocutor e acenar com a cabeça para mostrar que está prestando atenção, concordando ou não com o que está sendo dito. Esse tipo de comunicação não verbal é muito importante para a conversa e, em muitas situações, mais importante do que as palavras ditas.

Ainda que haja pessoas conscientes da importância da linguagem não verbal e que sintam a necessidade de estudá-la quando se estuda a língua do país, Romano (2008) afirma que não é fácil aprendê-la,

“(...) porque a maioria das comunicações não verbais é inconsciente e automática. Em algumas culturas as pessoas gesticulam mais do que em outras, e gestos semelhantes podem ter significados diferentes; Os rostos podem ser inescrutáveis ou abertamente emocionais; Alguns idiomas podem soar alto ou áspero; E algumas pessoas falam o tempo todo, enquanto outras usam o silêncio para transmitir mensagens”⁵³ (Romano, 2008, p. 99, t. n.).

⁵³ (...) because most nonverbal communication is unconscious and automatic. In some cultures people gesture more than in others, and similar gestures may have different meanings; Faces may be inscrutable or openly emotional; Some languages may sound loud or harsh; And some people talk all the time, while others use silence to transmit messages.

Deste modo, a ausência de fluência na língua não verbal pode ser, para o indivíduo aprendiz, ainda mais frustrante do que não dominar a língua verbal. Isso ocorre porque, para entender o elemento não verbal, “você não pode correr para o dicionário para procurar significados; muitas vezes, só pode ser aprendido por tentativa e erro, (...) [mas] algumas coisas podem ser explicadas”⁵⁴ (*idem*, t. n.). Logo, é importante que essa linguagem seja trabalhada dentro de empresas e instituições em que a comunicação intercultural seja necessária, como no caso do relacionamento amoroso.

Vejamos abaixo a declaração da entrevistada Brittany que, consciente do insuficiente domínio da língua não verbal, acredita que a falta de familiaridade com o modo de se expressar do brasileiro, no qual a comunicação corporal é essencial, a fez vivenciar várias situações delicadas.

“(...) acho que eu cheguei num nível em português que eu posso falar:: mais ou menos pra entender, mas acho que a sutileza da língua eu não tô, não tô pegando, então em inglês deve ter dez palavras para vários níveis de força, né. uma coisa que é menos forte mais forte, mas em português eu só conheço uma palavra eu vou falar essa palavra e:: eu tô praticando ainda eu falo uma coisa e eu vou ver a reação de alguém, se ficar muito forte hh então, isso é meu-o que eu tô fazendo agora (...)” (Brittany, britânica).

Usando um sistema de tentativa e erro, Brittany tenta aprender o português não verbal para se comunicar melhor com os brasileiros, elemento comunicativo deixado de fora em suas aulas de português para estrangeiros. Foi, então, na prática, que Brittany aprendeu que não basta apenas saber falar o idioma, é preciso conhecer a cultura subjetiva, suas nuances, suas regras, como funciona o sistema, falado e não falado. Pois, sem dúvida, a língua oral tem o papel de abrir as portas para muitas informações necessárias, mas não será suficiente para uma comunicação eficiente.

Entretanto, é mais comum que os expatriados consigam observar isso na prática, pois estão vivendo no país do outro, em contato diário com sua cultura e seus habitantes. Aqueles que vivem em seu próprio país frequentemente se esquecem de o quão difícil é ter de adaptar-se a viver em um país estrangeiro. Apesar disso, pudemos observar em nossos dados que os parceiros nativos tentavam

⁵⁴ One of the most frustrating things about nonverbal language is that you cannot run to the dictionary to look up meanings; Often, it can only be learned by trial and error. Some things can be explained.

mostrar empatia pelo parceiro expatriado, pelas dificuldades que ele estava encontrando ao tentar viver na nova cultura.

Apesar dos esforços que os nativos alegaram fazer para ajudar o parceiro a se sentir confortável e a participar da cultura, os expatriados disseram que não se sentiam dessa forma. Pelo contrário, por causa dos diferentes padrões comunicativos e, na maioria das vezes, pela cultura, eles se sentiam excluídos, desanimados e frustrados pela falta de compreensão ou pela ineficiência da comunicação. E na tentativa frustrada de se encaixar na comunidade local, é comum que o parceiro expatriado deixe que esses fatores externos influenciem sua relação, pois

“além das próprias palavras, a linguagem muitas vezes afeta o equilíbrio de poder em um casamento intercultural (...) E porque a linguagem é poder, o parceiro mais fluente costuma ter a vantagem e assume a liderança. O cônjuge com facilidade linguística superior, velocidade e vocabulário não só pode direcionar a conversa e definir seu estilo, mas também manipulá-lo para servir fins pessoais” ⁵⁵ (Romano, 2008, p. 98, t. n.).

É assim que James, esposo de Vivi, se sente. Frequentemente fica frustrado porque ninguém o entende, o que tem feito com que ele crie, desde o início da relação, uma grande dependência da esposa, tanto para se comunicar, quanto para entender a cultura e o sistema brasileiros. É somente na casa, fazendo as tarefas domésticas, que ele se sente independente, e assume o papel de, como ele mesmo menciona, “mulher da casa”, uma consequência de ter mais tempo livre, pois não possui um trabalho fixo que tome muitas horas de seu dia.

Uma das características da comunicação não verbal é a demonstração de sentimentos, pois em culturas de alto contexto, como a brasileira, sentimentos podem ser expostos, mas são principalmente, mostrados pelas expressões, pelos gestos, pelo contato físico (cf. seção 4.3). No trecho abaixo, é possível observarmos um bom exemplo de falta de comunicação gerada pela falta de linguagem não verbal. Brittany conta o exemplo de uma situação em que ela se sentiu ofendida por não ter sido compreendida. Ela estava vivendo um momento muito delicado pelo

⁵⁵ In addition to the words themselves, language often affects the balance of power in an intercultural marriage (...) And because language is power, the more fluent partner usually has the upper hand and takes the lead. The spouse with superior linguistic facility, speed, and vocabulary can not only direct the conversation and set its style but also manipulate it to serve personal ends.

estado de saúde de sua avó e, ao contar isso para sua sogra, foi recebida com descaso e se sentiu muito insultada por sua sogra ter ignorado seu momento difícil. Foi necessária a explicação do marido para que Brittany entendesse que o problema não estava na recepção da sogra, mas sim na maneira como a notícia tinha sido dada a ela; e pela diferença em demonstrar emoções na cultura brasileira e na cultura britânica.

“uma vez eu tava na casa da sogra almoçando... e:: na:: nesse momento na minha vida eu tava desesperada, triste, muito deprimida porque a minha avó, a pessoa preferida na minha vida, tava no hospital e:: ela ia morrer tipo per-ela tava perto do fim. então eu cheguei em casa e ela tava “como que tá” e eu “mais ou menos, na verdade tô muito triste por causa disso a minha avó ela vai falecer, agora, agora ou em qualquer momento agora” e:: a:: e a sogra olhou para mim para um segundo e depois mudou assunto para novela. e:: eu falei pro meu ah:: marido eu falei “porque ela fez isso? tipo ela não entendeu? ela não tem ah:: tipo simpatia?” e ele falou “porque você não mostrou com a linguagem corporal”. porque em inglês isso é uma vergonha. é uma vergonha. e brasileiro abre a boca muito e isso é uma vergonha para os ingleses (...) então para eu tive que aprender, além da língua verbal, a língua corporal↓ porque eu acho que muitas vezes eu fui mal-entendida por causa disso que eu sou muito inglesa. talvez eu fico parada eu só:: e para mim acho que a força é só nas letras que a gente fala, pode falar muito forte sem mexer, sem mexer nada e pessoas só escutam em vez de aprender ou entender a mensagem através, então ele falou pra mim “você tem que mostrar que você está desesperada, como tem que falar mais alto tem que falar mais... assim” não sei como dizer, mas falar com mais ah... (...) entonação e mostra mais, mostra, então tem que ser tipo atriz hh” (Brittany).

Naquele momento, Brittany percebeu que, para ser bem interpretada, ela precisava adentrar a cultura brasileira até mesmo com seus gestos e expressões, o que é bastante difícil para ela, pois, como menciona, vem de uma cultura em que gesticular demais “é uma vergonha”. O comportamento de Brittany se encaixa perfeitamente na descrição de Hofstede de cultura individualista, na qual a comunicação é realizada, na maior parte, pela linguagem verbal, assim como exemplifica a expressão inglesa “stiff upper lip” (“lábio superior rígido”) (cf. cap. 2), na qual a exposição de sentimentos é limitada, pois demonstrar emoções pode ser considerado um sinal de fraqueza.

No fragmento abaixo, mais à frente na entrevista, ao ser questionada sobre que conselhos ela daria a uma pessoa que estivesse começando a se relacionar com um (a) britânico (a), Brittany retorna a este ponto, frisando como é diferente para o inglês, como é embaraçoso e não natural demonstrar sentimentos em uma conversa, mas também como é importante que o britânico tenha em mente o que ocorre com os brasileiros e tente se adaptar à cultura deles.

“(…) acho que se foi para britânicos e ingleses essa coisa de mostrar os sentimentos, acho que é muito importante que os ingleses acho que eles têm orgulho de não ter emoção, eles têm muito orgulho de não mostrar ou finge que não existe, não tem. é muita vergonha se outra pessoa está mostrando emoção é muita vergonha que talvez a pessoa britânica vai ficar um pouco trancado vai ficar com vergonha de falar qualquer coisa e:: até o jeito de falar ou explicar. então talvez eles tem que se acostumar que brasileiro também talvez mostra emoção, talvez mexe muito (...) então talvez o britânico:: ele tem que ser mais demonstrativo ou aceitar as pessoas que são demonstrativos (...)” (Brittany).

Como os exemplos acima demonstram, é muito importante que o aprendiz da língua alvo tenha conhecimento das regras de comportamento da sociedade em questão. No entanto, essas regras não vêm em um manual, nem estão escritas em um livro de convivência. Por isso, esses padrões sociais precisam ser apresentados dentro de sala de aula, para que o estrangeiro se sinta, e aja, menos como um estrangeiro e mais como uma pessoa que faz parte da comunidade brasileira.

4.2.3

Estilo

Além da importância da linguagem verbal e da linguagem não verbal, temos, ainda, a influência do elemento estilístico de cada língua que, apesar de estar diretamente ligado a ambas as linguagens verbal e não verbal, também possui bastante influência de cada indivíduo. Romano (2008) o define como “(…) a maneira como as pessoas realizam uma conversa, seus padrões de fala, comportamento e relação com os outros”⁵⁶ (Romano, 2008, p. 101, t.n.). Para o autor, “não há estilos certos ou errados, simplesmente diferentes”⁵⁷ (*idem*, t.n.).

É o elemento estilístico que nos mostra que

“algumas culturas são diretas, enquanto outras têm elaborados sistemas de cortesia linguística ou usam insinuações e sutilezas. Algumas continuamente interrompem o outro para ajudar a conversa, enquanto outros se revezam falando. Alguns fazem uso extensivo de ironia e figuras de linguagem (...) Algumas acreditam menos no valor da palavra falada como um meio de expressar pensamentos e sentimentos do que

⁵⁶ By styles, we mean the way people conduct a conversation, their speech patterns, behavior, and relationship with others.

⁵⁷ There are no right or wrong styles, just different.

outros. Algumas nem sempre dizem o que eles significam, e outros nem sempre significam o que eles dizem”⁵⁸ (*idem*, t. n.).

Como consequência das diferenças estilísticas, muitos casais podem acreditar que "(...) o outro não está escutando, não se importando, ou talvez simplesmente não sendo educado, por causa de suas suposições sobre o que as boas maneiras diferem"⁵⁹ (*idem*, t.n.). A grande maioria dos nossos entrevistados mencionou o fato de os britânicos serem muito educados e polidos, em contradição ao brasileiro, que demonstraria falta de domínio das regras de polidez esperadas.

Observemos o depoimento de Carla.

“(...) o que pega mesmo é quando a gente briga ... porque algumas coisas que eu falo soam muito:: porque o inglês ele é muito assim, muito polido nas palavras, né? (...) eles são objetivos, eu acho, mas eles falam de um jeito que é tipo tudo muito... educado tudo muito assim indireto, no caso (...) por exemplo, pra apagar uma luz, pra pegar uma água, sabe? coisas assim, coisa simples. se eu tivesse na minha casa com a minha mãe e minhas irmãs eu ia falar ‘oh, mãe apaga a luz aí’ sabe uma coisa assim. normal não precisa- então às vezes eu falava assim pra ele quando ele tava saindo do quarto ou tava – eu falava ‘apaga a luz’ e não pedia por favor. nossa! Não, não pode hh não faça (...) é porque tudo aqui pra eles é ‘could you’ would you’ é tudo ‘could’ ‘would’ eles nunca falam ‘você pode fazer isso?’ é sempre meio que indireto . então isso eh:: foi um problema já↓ não um grande problema, mas era uma coisa que incomodava ele assim, e aí eu comecei a me policiar mais principalmente assim per- com a família dele (...) é uma coisa que influencia assim muito eh:: o jeito deles falarem, eles assim, nesse sentido eu acho que eles são muito educados e em outros eu acho que eles já são mais mal educados porque o brasileiro tem aquele jeitinho de falar↓ sabe? pelo menos essa é a minha experiência (...)” (Carla, brasileira).

Para nossos entrevistados brasileiros, os britânicos parecem ser mais polidos que os brasileiros de forma geral. Entretanto, não percebem que o brasileiro não é rude, apenas possui uma forma diferente de mostrar polidez. Para os brasileiros, a forma como as palavras são enunciadas pode transformar totalmente o significado delas, ou seja, a entonação que uma pessoa faz ao enunciar uma sentença é a forma dela de ser polida, sendo a entonação muito mais importante do que uma palavra como ‘por favor’, como explica Meyer (2002):

⁵⁸ Some cultures are direct, while others have elaborated systems of linguistic courtesy or use innuendo and subtleties. Some continually interrupt the other to help a conversation over, while others take turns talking. Some make extensive use of irony and figures of speech (...) Some believe less in the value of the spoken word as a means of expressing thoughts and feelings than others. Some do not always say what they mean, and others do not always mean what they say.

⁵⁹ (...) the other is not listening, not caring, or perhaps simply not being polite, because their assumptions of what constitutes good manners differ.

Voltando aos pedidos, em português a expressão por favor é substituída por estruturas sintáticas que, ligadas a uma entonação específica, significam “por favor”. Assim, nós não diríamos “Abra a porta, por favor.” - “Please, open the door” -, mas algo como “Dá para abrir a porta?”, o que corresponde aproximadamente a “Could you please open the door?”. Percebam que em inglês eu deveria usar a palavra please – por favor – nos dois casos. Em português, a entonação específica aliada à expressão dá para significar por favor por si mesmas (Meyer, 2002, p. 201-207).

Além da polidez, a diretividade é outro elemento que pode influenciar nas relações. Característica de uma sociedade individualista (Hofstede, 2010) (cf. cap. 2), a diretividade está muito presente na cultura britânica, na qual

“Dizer a verdade sobre como se sente é uma característica de uma pessoa sincera e honesta. O confronto pode ser salutar; acredita-se que um choque de opiniões leva a uma verdade maior (...) Os indivíduos adultos devem ser capazes de receber feedback direto de maneira construtiva”⁶⁰ (Hofstede, 2010, p. 106, t. n.).

Por outro lado, para as sociedades menos individualistas, como o Brasil, ser muito direto pode ser considerado bastante rude e até ofensivo, pois, para viver bem em sociedade, os brasileiros acreditam que, muitas vezes, precisam omitir o que pensam; ou, em alguns casos, optam por falar uma verdade maquiada (*idem*, t. n.)

“(...) porque:: a gente tá acostumado que qualquer coisa você se ofende né e eles [britânicos] são muito diretos quanto a isso e aconteceu até ontem mesmo né que:: a gente tava se falando e eu falei pra ele – que ele ia me ligar e eu falei ‘mas eu não tô em casa ainda né então não vai dar pra você me ligar’ e aí ele falou assim ‘então você quer que eu faço o que que eu sente e espere?’ e eu entendi isso como se ele tivesse sendo super rude comigo sabe? e eu até falei pra ele falei ‘nossa, como você é grosso’ ele ‘não, eu tô literalmente eu estou te perguntando, não estou sendo grosso. eu só tô falando se você quer que eu espero você chegar pra mim poder te ligar’ então:: ... então:: hh é assim que funciona então eh:: eles são muito diretos e:: eu até em caso de cultura eu até aprendi a ser mais direta por conta disso” (Nádia, brasileira).

O exemplo de Nádia nos mostra como este é um ponto crucial na relação anglo-brasileira, pois o brasileiro leva muito as situações para o lado pessoal e emocional. Não somente o que uma pessoa diz, mas a forma como diz, fará um brasileiro interpretar uma frase como direta demais. Dessa forma, sinceridade excessiva não é uma qualidade apreciada em culturas coletivas. Quando o estrangeiro percebe essa diferença, compreende também que não poderá ter uma

⁶⁰ (...) telling the truth about how one feels is characteristic of a sincere and honest person. Confrontation can be salutary; a clash of opinions is believed to lead to a higher truth. (...) Adult individuals should be able to take direct feedback constructively.

boa relação com os brasileiros se essa característica permanecer. Mas geralmente esse tipo de conscientização só ocorre quando o indivíduo adquire fluência no idioma e/ou quando ele vive tempo suficiente imerso na cultura, pois é preciso estar bastante conectado com a cultura objetiva para que se possam observar as características da cultura subjetiva.

No caso das relações amorosas, cabe ao parceiro nativo auxiliar o parceiro expatriado a ver essas nuances e a encontrar uma melhor forma de lidar com elas, pois

"(...) tornar-se consciente pode ajudar a eliminar algumas das perplexidades e culpas. E o casal pode achar que, com o tempo, eles ainda se beneficiam de aprender e usar o estilo uns dos outros e compensar os pontos cegos uns dos outros. É preciso muito trabalho, mas os resultados do esforço valem bem o investimento"⁶¹ (Romano, 2008, p. 102, t. n.).

Outro elemento que pode influenciar o que dizemos e como dizemos são as emoções, frequentemente acompanhadas do estilo. Emoções também podem influenciar como ouvimos e entendemos determinada coisa, mas principalmente, como vivenciamos cada situação.

Se por um lado temos culturas como a britânica, na qual se expressar demais fisicamente é negativo (cf. cap. 2), por outro temos culturas como a brasileira, em que se entenderá a mensagem de forma errada se as emoções não forem expressadas adequadamente. Mas como saber qual mensagem é errada e qual é a certa? Isso acontece apenas com culturas diferentes ou poderia acontecer dentro de uma mesma cultura também? A mensagem pode estar codificada de forma errada quando não há uma comunicação efetiva e bem-sucedida entre os envolvidos, o que acontece também entre falantes de uma mesma língua; ou seja, falar o mesmo idioma nem sempre impede que a comunicação seja um fracasso.

Assim como não podemos ler o que se passa na mente de uma pessoa, também não podemos ler suas emoções e intenções, só podemos saber aquilo que nos transmitem, da forma como as percebemos. Ao vermos o nosso interlocutor sorrir,

⁶¹ (...) becoming aware can help eliminate some of the perplexities and blaming. And the couple might find that over time they still benefit from learning and using each other's style and compensating for each other's blind spots. It takes a lot of work, but the results of the effort are well worth the investment.

por exemplo, podemos inferir o que o seu sorriso diz que está feliz, que o sentimento é positivo, mas não podemos dizer se esse sentimento é verdadeiro.

"(...) o que exatamente pode ser 'lido' de faces humanas? Que significados podem ser associados com os comportamentos faciais? E, sobretudo, em que metalinguagem podem ser formulados esses significados (se eles não devem ser formulados em termos de rótulos ingleses como *felizes*, *zangados* ou *tristes*?) É também extremamente importante esclarecer o que queremos dizer com a metáfora de 'Ler rostos humanos'. Queremos dizer 'ler' o estado interior de uma pessoa que é involuntariamente 'espelhado' no rosto da pessoa ou queremos dizer algumas 'mensagens' que podem ou não corresponder ao que está acontecendo realmente 'atrás do rosto' (no 'coração' e na 'mente' da pessoa)⁶² (Wierzbicka, 1999, p. 171-172, t. n.).

Por isso, a comunicação não verbal e o elemento estilístico possibilitam a melhor compreensão da mensagem – que vem acompanhada, muitas vezes, de sentimentos e emoções (muito importantes para culturas como a brasileira) – auxiliando a linguagem verbal. E ao desenvolvê-los, o indivíduo estará desenvolvendo sua competência comunicativa e intercultural, ambas cruciais para atingir sucesso em suas relações sociais.

Dessa forma, é importante que as pessoas envolvidas em relacionamentos interculturais estejam conscientes dos diferentes estilos de cada indivíduo, pois, ao tomar consciência deles, torna-se mais fácil saber como lidar com eles. Entretanto, "é importante que eles também aprendam a aceitar o fato de que provavelmente nunca entenderão completamente o estado de espírito do outro e que os problemas não desaparecerão automaticamente apenas porque eles se tornam conscientes do estilo diferente do outro"⁶³ (Romano, 2008, p.101, t. n.).

⁶² (...) what exactly can be 'read' from human faces? What meanings can be associated with that facial behaviors? And, above all, in what metalanguage can these meanings be formulated (if they are not to be formulated in terms of English labels like happy, angry, or sad?) It is also extremely important to clarify what exactly we mean by the metaphor of 'reading human faces'. Do we mean 'reading' a person's inner state which are involuntarily 'mirrored' in the person's face or do we mean some 'messages' which may or may not correspond to what is actually going on 'behind the face' (in the person's 'heart and 'mind').

⁶³ (...) important that they also learn to accept the fact that they will probably never completely understand the other's state of mind, and that the problems will not automatically go away just because they become aware of each other's different style.

4.3

A cultura

“(...) quando você conhece as pessoas do seu país eh:: naturalmente uma parte da personalidade da pessoa é uma parte da sua cultura também, mas quando você não tem isso você conheceu uma pessoa de outro jeito. sobra só a personalidade mesmo. não com mistura da sua cultura também” (Katty, sobre benefícios de um relacionamento intercultural).

Nesta seção discursamos sobre os desafios das relações interculturais pertinentes à cultura apontados por nossos entrevistados, a saber: a família; o papel da mulher na família; tarefas domésticas; ciúmes, traição e dependência; e emoção.

4.3.1

A família⁶⁴

Família é, geralmente, uma das primeiras instituições a fazer parte da vida de um indivíduo. É por meio dela que ele é introduzido à sociedade e submetido às regras que esta estabelece. Ao longo dos anos, essa instituição vai tomando maior ou menor espaço na vida das pessoas, e seu grau de influência pode variar a depender muito de cada indivíduo e da cultura a qual ele pertence. Essa influência pode ocorrer em várias áreas da vida, como na educação das crianças, na profissão, nos relacionamentos amorosos, entre outros.

Como vimos anteriormente, em culturas de alto contexto e coletivistas, a família é considerada um dos pilares fundamentais da sociedade. Desde muito cedo, a criança aprende que deve respeitá-la e sempre levar em consideração tudo o que diz e pensa: “Na família coletivista, as crianças aprendem com os outros qual rumo tomar quando se trata de opiniões. As opiniões pessoais não existem: as opiniões são predeterminadas pelo grupo (...)”⁶⁵ (Hofstede, 2010, p. 107, t. n.).

⁶⁴ Adotaremos, neste trabalho, a definição de ‘família’ descrita no dicionário Houaiss (2001): “Núcleo social de pessoas unidas por laços afetivos, que geralmente compartilham o mesmo espaço e mantêm entre si uma relação solidária”. Neste núcleo, incluiremos pessoas que moram na mesma casa ou não, conectadas por laços sanguíneos ou não.

⁶⁵ In the collectivist family, children learn to take their bearings from others when it comes to opinions. Personal opinions do not exist: opinions are predetermined by the group (...).

Frequentemente, essas famílias, por excesso de conexão afetiva, não permitem que os filhos cresçam sozinhos, mantendo um elo entre eles até mesmo na vida adulta, podendo até torná-los adultos dependentes.

Em culturas individualistas, por outro lado, não é comum que a família tenha tanta influência na vida do indivíduo: “as crianças são esperadas e encorajadas a desenvolver opiniões próprias, e uma criança que sempre só reflete as opiniões dos outros é considerada como tendo um caráter fraco”⁶⁶ (*idem*, t. n.). Em culturas como a anglo-saxônica, por exemplo, os filhos são educados, desde muito pequenos, para serem responsáveis por si mesmos, para serem independentes. Um exemplo disso é quando os filhos atingem a maioridade (na maioria dos países, aos 18 anos) e são incentivados a saírem de casa, como afirma Hofstede: “Nas culturas individualistas, a maioria das crianças espera, e espera-se delas, que saia da casa de seus pais e viva sozinha quando elas começam a cursar o ensino superior. Nas culturas coletivistas, esse é menos o caso”⁶⁷ (*idem*, t. n.).

Consequentemente, ao crescerem, as crianças de ambas as culturas terão perspectivas diferentes quanto à importância da família em suas vidas. Quando se trata de relacionamentos, por exemplo, há muitas culturas em que a relação amorosa do indivíduo é ainda um evento decidido pela família (países em que a influência religiosa é bastante grande), podendo até levar os indivíduos a casamentos arranjados.

No caso do Brasil, apesar de os familiares não decidirem com quem a pessoa irá se casar, nota-se que a aprovação daqueles mais próximos é muito importante para o brasileiro, uma vez que o parceiro que entra em sua vida está entrando também em sua família e, consequentemente, em sua dinâmica e rotina familiar, na qual a interação com todos os membros é fundamental. Isso não significa que a pessoa deixará de se casar com o outro somente porque estes não aprovam, mas espera-se que a família faça, no mínimo, um pouco de esforço para gostar do

⁶⁶ In the individualist family, on the contrary, children are expected and encouraged to develop opinions of their own, and a child who always only reflects the opinions of others is considered to have a weak character.

⁶⁷ In individualist cultures, most children expect, and are expected, to move out of their parents' home and live on their own when they start pursuing higher education. In collectivist cultures, this is less the case.

escolhido. Da mesma forma, espera-se que o escolhido também faça esforços para aceitar e entender essa nova relação.

Como apresentado no capítulo 1, uma de nossas hipóteses é a de que a cultura dos países de origem dos casais interculturais iria influenciar de forma significativa o relacionamento deles. Para levantar esta hipótese, levamos em consideração que a família brasileira é bastante presente e que, assim como em muitos casamentos brasileiros, em casamentos biculturais ela estaria também envolvida. No entanto, ao observarmos nossos dados, vimos que este é o caso somente em alguns relacionamentos, não em todos.

Ao serem questionados sobre a relação deles com a família do parceiro, todos os nossos informantes, tanto os brasileiros quanto os britânicos, disseram ter um bom relacionamento. Ainda que tenham surgido algumas menções a interferências da língua e da distância, as relações foram, de forma geral, descritas como boas ou muito boas, sem conflitos diretos com a família do outro. Os britânicos sempre mostravam como a família era importante para o brasileiro:

“(...) muito diferente, porque aqui no Brasil eh:: é mais, é mais familiar. vó ajuda, cunhada ajuda e todo mundo fica juntos (...) todo mundo ajuda. mas na Inglaterra, não é assim. os parentes são muito mais, eh:: ninguém vai fazer se eu não pedi, se eu não pedir...” (Larah).

Alguns disseram que ainda não se adaptaram à ideia, como Brittany: “(...) e também a família é muito importante, para mim, amigos são mais importantes que que família, mas aqui no Brasil a família é tudo e:: isso é estranho pra mim também”. Enquanto outros afirmam que gostam desse modo de vida e já se adaptaram a ele, como Steven: “eu acho que os diferentes entre brasileiros e ingleses no total, por exemplo, a família é mais importante hã:: e agora é mais importante pra mim também (...)”.

Por outro lado, algumas das mulheres brasileiras reclamam do não-envolvimento (ou ao menos, não o suficiente) dos homens britânicos na dinâmica familiar delas.

“(...) eh:: aí fica mais com a família sempre faz coisa em casa então assim, porque aqui as famílias, eu noto, aqui são muito individuais, oh, eu falo assim as famílias, a família, né, que eu convivo é mais individual então, na minha família não, se eu fosse sair assim, sei lá ir pra um lugar legal, eu chamaria minha irmã pra ir ou minha mãe, sabe? a gente assim já junta mais todo mundo, aqui não tem muito isso, aqui

[Inglaterra] não. a gente vai e ninguém fica sabendo só pelo Facebook ninguém precisa falar isso (...)” (Carla, brasileira).

Em culturas coletivistas, os indivíduos criam uma dependência familiar, muitas vezes impossível de ser entendida por uma pessoa de fora dessa cultura. Ao mesmo tempo em que são dependentes, são também muito conectados emocionalmente e, na maioria dos casos, quando um filho casa, o sentimento para os pais é de acréscimo à família: temos mais um filho (Romano, 2008, p. 73, t. n.). Por isso, é esperado que o novo membro da família aja como tal, participando da rotina, dos eventos familiares.

“(...) eu fico muito ofendida quando ele não vai comigo nos eventos de família. até hoje eu fico e:: eu tento não ficar, hoje em dia porque eu entendo que isso não é parte da cultura dele, mas acaba que no fundo no fundo eu fico (...) a gente gosta de incluir o nosso parceiro na nossa dinâmica familiar... e:: lá [Reino Unido] não tem muita essa necessidade, eu acho, entendeu? e aí isso pra mim ainda é um pouco ruim eh:: (...) eu tento levar ele, é um parto hh ele nunca quer ir e tal, aí é complicado. aí eu falo ‘Mike, pelo amor de deus, sabe, por educação vai’, sabe? (...) é muito difícil levar ele, tipo muito difícil mesmo e as pessoas não entendem né porque que ele não tá ali. aí fica uma coisa meio chata porque parece que ele não tá ali porque ele não liga nem pra mim nem pra família (...)” (Cintia, brasileira).

Além da exigência da família brasileira por um contato mais frequente, o próprio parceiro brasileiro também sente a necessidade de estar envolvido em uma dinâmica familiar, seja com a sua própria família, seja com a família do outro:

“o que eu acho assim diferente do Brasil que eu sinto falta:: eh:: eu acho que é mais difícil ter aquelas reuniões de família (...) [no Brasil] todo domingo tá a família toda reunida (...) [em] Londres cada um tem a sua vida. e eu sinto falta disso um pouco, de ter aquele contato (...)” (Carla, brasileira).

Em adição, no Brasil ainda existe a preocupação em cuidar dos pais quando estes se tornarem idosos, principalmente pelas filhas, mas pode ocorrer com os filhos também, como menciona Denise: “os meus pais já são mais velhos e a gente [esposo e ela] já teve essa conversa de chegar uma época que:: não sei:: meus pais estão precisando de cuidado mais próximos e aí a gente fala que voltar pro Brasil um dia não está descartado não”. Neste caso, já conhecendo as características da cultura britânica, Denise fez questão de deixar essa informação bem clara desde o

princípio, para evitar possíveis problemas no futuro. E seu esposo Taylor declara que não vê problemas em ter que viver no Brasil, caso seja necessário.

É bem claro que a instituição família ocupa lugares diferentes na cultura britânica e na cultura brasileira; no entanto, muitos dos maridos britânicos se mostram dispostos a abraçar a família da esposa brasileira por saber o quão isso é importante para ela. Já no caso dos maridos brasileiros, como a conexão com a família geralmente não é tão próxima se comparada com a da esposa brasileira, estar em uma relação com uma britânica não aumenta ou diminui a interação com a família dele. Ainda assim, o contato com a família brasileira é maior do que com a família britânica: ao compararmos quando estão no Brasil e quando estão no Reino Unido, proporcionalmente o contato com a família brasileira é maior, em geral.

Além da importância e da influência da família na relação do casal, há outro fenômeno pertinente às relações interculturais e que se origina dentro da família e da maneira como cada família vê a sociedade e sua participação nela: o papel do homem e da mulher no seio familiar.

4.3.2

“Qual é o meu papel?” – a (re) definição de papéis na relação

“(…) na Europa homem e mulher são muito equivalentes né? (...) aí levou mais tempo a gente encaixar (...) foi mais difícil que a gente entendesse o papel de cada pessoa:: de cada pessoa no casamento (...)” (Pedro, brasileiro).

Inúmeros autores, dentre eles Oliveira (2015), acreditam que durante muitos anos, o homem foi visto pelas sociedades ocidentais como o provedor da casa, cujo papel era o de sustentar a família, prover o alimento de cada dia, além de ser o responsável pela segurança e estabilidade familiar. Enquanto isso, a mulher era vista como um ser mais frágil, que precisava da proteção do esposo, mas ao mesmo tempo suficientemente forte para cuidar do lar, dos filhos, da harmonia familiar. Até o início do século XIX, as sociedades ocidentais pareciam responder positivamente a essa divisão de tarefas, na qual a mulher quase sempre assumia uma posição de inferioridade ao homem, uma vez que era vista como ‘o sexo frágil’,

tendo que responder às necessidades e desejos do marido (Oliveira, 2015, p. 54-55).

Com os movimentos feministas, iniciados no final do século XIX, em muitos países ocidentais as mulheres começaram a mudar sua forma de ver a sociedade e, conseqüentemente, o seu papel nela. De acordo com Vaitsman (1994, apud Baroncelli, 2011, p. 164), os papéis de gênero eram baseados em uma visão essencialista dos sexos, sendo a individualidade feminina direcionada para sua essência como esposa e mãe. E “somente a partir da ruptura da dicotomia entre público e privado, materializada na participação das mulheres no mundo do trabalho, é que tais normas tradicionais sobre os papéis sexuais no casamento e na família são, finalmente, questionadas” (Baroncelli, 2011, p. 164). Assim, por meio dos movimentos feministas, as mulheres iniciaram uma luta para conseguir mais espaço fora da casa. Essa luta, existente até hoje, trouxe sérias e importantes mudanças para a sociedade de forma geral, como era seu objetivo inicial, em busca de igualdade entre os gêneros e mais direitos às mulheres na sociedade como um todo.

Como é de conhecimento geral, esses movimentos trouxeram alguns direitos para as mulheres em vários âmbitos, como na política e no mercado de trabalho, assim como muitos homens ganharam mais espaço dentro da casa, como o direito de assumir o papel de cuidar do lar e dos filhos. Entretanto, mesmo com todas as mudanças significativas em algumas culturas, em outras o papel da mulher não mudou muito, pois ainda existem muitos países, como o Brasil, por exemplo, onde a sociedade continua bastante patriarcal.

Adotamos o termo patriarcal como definido por Alves e Cavenaghi (2012, p. 112):

O patriarcado é um sistema social no qual o homem (no papel de marido ou de pai) é o ator fundamental da organização social, e exerce a autoridade sobre as mulheres, os filhos e os bens materiais e culturais (...). No patriarcado tradicional existe uma rígida divisão sexual do trabalho e uma grande segregação social, em geral, com as mulheres ficando confinadas ao mundo doméstico e os homens monopolizando o mundo público.

E, apesar de o Brasil ter passado “(...) por um processo de redução das desigualdades de gênero e de desconstrução do patriarcado” (*idem*), essa mudança

ainda está muito mais conectada com adição de tarefas às funções que a mulher já possuía, e menos relacionada ao compartilhamento igualitário das tarefas entre os homens e as mulheres. De tal modo, na luta pela igualdade de direitos, a mulher tem recebido mais funções, sem ter perdido outras. Nesse processo, continuamos em uma sociedade patriarcal, na qual o homem exerce a maior autoridade, e a divisão do trabalho por gênero é ainda muito marcante.

Por outro lado, um dos países precursores do movimento feminista, o Reino Unido está entre os vinte países com menor índice de desigualdade por gênero no mundo, enquanto o Brasil está na 85ª posição⁶⁸. Ao comparar ambos os países, podemos observar alguns pontos cruciais para entender determinados comportamentos em uma cultura e em outra, principalmente quando se trata do papel da mulher dentro dos relacionamentos amorosos.

A busca pela emancipação das mulheres em países como o Reino Unido, permitiu-lhes ter um pouco mais de liberdade na escolha de qual papel assumir dentro da relação. Essa flexibilidade fez, e tem feito, com que o casal britânico passe por outros tipos de processos, em que a redefinição de papéis pode não ser tão simples e fácil, pois, de acordo com Vaitsman (1994, p. 35 apud Rittiner, 2006, 29).

“(...) quanto maior a possibilidade efetiva de escolher, maior o espaço para o conflito entre o individual e o coletivo se expressar. Quando a divisão sexual do trabalho e o individualismo patriarcal são redefinidos e homens e mulheres passam a se ver como iguais, criam-se condições sociais particularmente favoráveis para que este conflito se manifeste, levando a um maior número de separações”.

Dentro dessa nova estrutura, alguns homens britânicos têm encontrado dificuldades em se relacionar com mulheres britânicas, ou mesmo, já não se sentem mais tão atraídos por esse tipo de relacionamento, e acabam buscando em outras culturas o que acredita que a sua já não lhe proporciona mais. Consequentemente, temos um crescente aumento no número de homens britânicos que buscam relacionamentos amorosos com estrangeiras, principalmente estrangeiras

⁶⁸ Fonte: BBC, disponível em http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2015/11/151118_100w_calculator_vj_2015, acesso em 18-03-2017.

provenientes de culturas nas quais a função social da mulher sofreu poucas mudanças.

Como este comportamento tem sido notado tanto em homens como em mulheres, tem surgido a necessidade em alguns homens de formarem família e terem consigo uma esposa que possibilite uma espécie de retorno aos tempos tradicionais, ou seja, tempos onde modos de fazer, agir e pensar eram passados de geração em geração, onde a familiaridade era presente e o que vinha d'outrora ou de antepassados não sofria mudanças radicais. E para que esse retorno seja possível, muitos deles buscam sua complementaridade em países em desenvolvimento como o Brasil, a República Dominicana, a Tailândia, onde as mulheres ainda não estão tão acirradamente empenhadas na "luta" pela igualdade. Onde ainda há espaço para o "nós" e há menos competição em relação ao "eu" seja ele de quem for (Rittiner, 2006, p.37).

Assim, muitos homens britânicos buscam em países como o Brasil o que há muito tempo as mulheres britânicas lutam para não existir: definição de papéis por gênero na casa, na família e na relação. Acreditamos, como Rittiner (2006), que esses homens britânicos, na ânsia de formar uma família como as famílias com características das culturas de alto contexto, com ênfase na qualidade de vida e na diferenciação dos papéis masculino e feminino, acabam por se sentirem mais atraídos por mulheres provenientes dessas culturas.

No Brasil, ainda em processo de mudança dos papéis das mulheres na sociedade, a mulher é, não raramente, submetida a atitudes machistas e sexistas enunciadas pela mídia (desde comerciais de cerveja a variados tipos de programas de televisão, com mulheres jovens seminuas em situações que pouco exploram sua inteligência), que coloca a mulher como objeto de desejo do homem, como conclui Oliveira (2015) em seu trabalho sobre estereótipo da mulher brasileira nas propagandas de cerveja no Brasil:

"Podemos afirmar que as propagandas de cervejas brasileiras reforçam o estereótipo da mulher-objeto em nossa sociedade, uma vez que nove das dez propagandas analisadas fizeram uso desse estereótipo como forma de vender o produto (Oliveira, 2015, p. 66).

Muito frequentemente,

a figura feminina, nesses textos publicitários, é veiculada como uma mercadoria a ser consumida, tal qual a bebida que está sendo anunciada. Constantemente, o argumento para que a cerveja seja consumida está relacionado a motivos eróticos, criando uma identidade da mulher como uma pessoa sexualmente disponível para

aqueles que sabem “aproveitar a vida”, o que seria feito por meio do consumo da bebida alcoólica (Silva, 2010, p. 6 apud Oliveira, 2015, p. 42).

Consequentemente, embora o papel da mulher na sociedade brasileira esteja mudando, muitas mulheres brasileiras ainda vivem situações cotidianas nas quais precisam, além do papel de mulher-objeto, se encarregar das tarefas domésticas, cuidar dos filhos e ainda servir o marido. Por causa disso, muitas brasileiras também têm buscado em terras estrangeiras um parceiro menos conservador, menos machista e que veja a mulher de forma mais igualitária.

Quando se trata da mulher britânica, o oposto acontece. Geralmente acreditam que a sociedade brasileira ainda é muito tradicional com relação ao papel da mulher, mas que ao mesmo tempo isso pode trazer de volta um pouco do romantismo e de algumas outras características que se perderam durante a luta pelos direitos iguais na Inglaterra, como menciona nossa entrevistada Brittany:

“(...) ah:: aqui no Brasil... parece que os papéis de mulher e homem são muito tradicionais, para mim, muito fora da moda muito antigo↓ tipo dos tempos antigos que pessoas falam umas coisas que eu pensei que era da:: de centenas de anos atrás de:: nossa eu não acredito que hoje em dia homem nem mulher ainda são eh:: tipo... pensam assim. isso não é crítica, isso não é ruim nem bom porque em algumas maneiras, acho que é um pouco romântico” (Brittany).

Para Brittany, foi muito difícil entender o tipo de comportamento que a sociedade brasileira exige que a mulher tenha, mas, ao mesmo tempo, ela acredita que, depois de alguns anos vivendo aqui, ela já consegue entender um pouco mais a cultura e confessa até que já incluiu algumas dessas características em sua vida. Para a britânica, é importante se adaptar à cultura do país em que vive, e que o expatriado não deve tentar mudá-la e sim, abraçá-la. Podemos dizer que Brittany é um exemplo dos casos de *compromisso*, apresentados por Romero (2008) (cf. cap. 2), no qual o expatriado se ajusta à realidade do outro, sem deixar de perder, na maioria das vezes, algumas características de sua própria cultura.

Em relações interculturais, muitas vezes, os papéis da mulher e do homem podem não estar muito claros para cada um, e é comum que um dos parceiros tome para si um papel que não necessariamente corresponde àquilo que sua cultura de origem prevê. No caso de casais formados por mulheres brasileiras e homens

britânicos, é comum a mulher assumir o papel que seria designado ao homem no Brasil, como menciona o brasileiro Pedro:

“(...) então a mulher latino-americana, brasileira, que casa por exemplo com um europeu, ela terá uma:: como se diz... na verdade ela vai ser a chefe, vamos dizer assim... a líder da casa... geralmente é assim () eu acredito que é por causa da emancipação da mulher na Europa. então o homem, ele tende a ser mais retraído e a mulher acaba:: assumindo assim... o homem vai trabalhar, tudo normal, provir e tal, mas ele lava, passa, cozinha e:: eu também faço isso, mas ele tem um papel assim que a mulher ela passa a observar... ela:: você:: como diz os próprios ingleses né 'as mulheres vestem as calças' hh os próprios ingleses dizem isso, né? (...)” (Pedro)⁶⁹

Por outro lado, a mulher brasileira, ainda que em busca de sua independência, nem sempre se sente confortável com todas as consequências que essa emancipação pode trazer. Vejamos o exemplo de Cintia que, logo após se pronunciar sobre o machismo no Brasil e de como isso a desagrada, declara que levou um tempo para se adaptar à diferença e que em algumas situações ainda precisa trabalhar os reflexos que a independência feminina pode trazer em seu relacionamento com um britânico.

“Assim. e:: com os estrangeiros com quem eu já me relacionei eu nunca tive esse problema. sabe a gente se tratava de igual pra igual e tal . inclusive no começo com Mike, eu achava muito:: esquisito o fato dele parecer que não estava cuidando de mim, sabe? do tipo, teve uma vez que a gente tava num lugar. e:: aí ele não foi me levar no ponto de ônibus. e eu achei aquilo uma coisa muito ofensiva, foi bem no começo o fato de ele não se importar em me levar no ponto de ônibus. mas aí, e eu falei isso com ele aí ele falou assim ‘ué, mas você precisa que alguém cuide de você?’ aí eu fiquei pensando assim é verdade, sabe? por que que eu preciso que ele me leve no ponto de ônibus? eu não preciso que ele me leve no ponto de ônibus, entendeu? então tiveram vários acontecimentos tipo esse, ao longo do nosso relacionamento, que:: até pra mim que me queixava de certas coisas com relação aos brasileiros, até eu↑ achava estranho porque parecia uma falta de cuidado dele... só que na verdade não, ele não se via, né, no papel de ter que cuidar de mim porque eu sou autossuficiente, suficiente pra:: me cuidar, sabe? e é verdade, hoje em dia eu já vejo isso assim, graças a Deus, depois que eu tive essa experiência com Mike e:: . a gente se adaptou bem, sabe?” (Cintia).

No seu depoimento, Cintia declara sua estranheza e inexperiência ao se relacionar com seu namorado britânico. Apesar de Cintia buscar em um relacionamento intercultural a igualdade de direitos e deveres que não encontrava

⁶⁹ É importante lembrar que Pedro e sua esposa são evangélicos e por isso possuem não somente a influência da cultura do país de cada um, mas também a cultura cristã evangélica, na qual o homem é sempre o provedor e a mulher, a mantenedora do lar.

no relacionamento com um brasileiro, a atitude de Mike a fez se sentir ignorada, desprezada, enquanto Mike pensava estar dando à namorada o espaço que ela precisava, já que acredita que ela é independente. O que é intrigante na história de Cintia é que ela se autodenomina independente, mas se sente ameaçada quando o namorado lhe dá mais espaço e liberdade.

Assim como outras brasileiras, Cintia está acostumada a receber, dos homens, ações que mostrem gentileza, cuidado, atenção especial. Neste caso, é possível observar o paradoxo entre os desejos de Cintia e suas atitudes. Ao mesmo tempo que não quer viver uma relação, como diz, “sufocante”⁷⁰ com um brasileiro, não consegue lidar com a liberdade que o namorado britânico lhe proporciona. Ou seja, por um lado Cintia parece exaltar a forma como os homens britânicos proporcionam liberdade e independência às mulheres, mas por outro, ela parece desejar manter o lado mais romântico e tradicional dos brasileiros.

Essas, entre outras, são características de algumas culturas ocidentais, nas quais o machismo e a dominância sobre a mulher podem ser bem visíveis ou bem sutis. No Brasil, entende-se em geral que é papel do homem garantir que a mulher volte para casa em segurança e, para isso, ele frequentemente a deixará na porta de casa ou, ao menos, dentro de um meio de transporte seguro. Esse tipo de comportamento masculino costuma ser denominado cavalheirismo, segundo o qual caberia ao homem, entendido como o ‘sexo forte’, o papel de proteger a mulher, independentemente do tipo de relação que tenham. Essa atitude pode ser caracterizada como uma estratégia sutil de mostrar que o sexo feminino seria frágil, que precisaria de proteção. Outros exemplos de ações do cotidiano, representantes do que alguns consideram machismo, seriam abrir a porta de um carro, pagar a conta de um restaurante ou mesmo a mulher adicionar o nome do marido após o casamento (Romano, 2008, p. 48, t.n.).

Assim como Cintia, nem todas as mulheres têm o interesse em continuar vivendo sob as regras de sua própria cultura. Muitas delas podem desenvolver o desejo por agir de acordo com a cultura do parceiro, ainda que não saibam muito bem como esta funciona. Como Romano (2008) argumenta:

Claro, hoje mais e mais parceiros estão bem viajados e esperam que a cultura de seu cônjuge seja diferente. Além disso, nem toda pessoa adere às crenças e

⁷⁰ Termo que ela mesma usa ao descrever suas relações anteriores.

comportamentos de sua própria cultura. Muitos também não gostam da maneira como sua própria sociedade atribuiu papéis de gênero. Algumas mulheres podem querer escapar das responsabilidades de sua própria cultura e estar dispostas a sacrificar parte de sua liberdade em troca de serem servidas. Alguns podem preferir uma cultura em que o papel de esposa e mãe é glorificado e é claro em relação aos deveres e direitos⁷¹ (Romano, 2008, p. 50, t. n.).

No entanto, independentemente dos papéis que os parceiros decidam assumir, e ainda que sejam marcados pela ambiguidade, como mostra a fala de Cintia, é importante que ambos os parceiros envolvidos na relação estejam de acordo com o (s) papel (éis) de cada um, ou mesmo que optem por não definirem um papel específico, pois a luta por esses papéis pode desencadear ainda outros conflitos dentro da relação.

4.3.2.1

Tarefas domésticas

Outro ponto a ser discutido dentro da (re) definição de papéis na relação, e considerado uma das características do machismo, é o não compartilhamento das tarefas domésticas que existiria na vida dos casais brasileiros. Embora inúmeras pesquisas demonstrem que nas novas gerações essa tendência tem diminuído, mostrando ser provável que, em alguns anos, com a influência, não apenas do feminismo no Brasil mas também de diversos outros fatores – como a redução da presença da empregada doméstica nos lares, o aumento da carga de trabalho da mulher, entre outros – essa situação venha a mudar, ainda sentimos hoje uma forte pressão para que seja a mulher a responsável por limpar e cuidar da casa, e por educar os filhos.

A cultura brasileira ainda

⁷¹ Of course, today more and more partners are well traveled and expect their spouse's culture to be different. Moreover, not every person adheres to the beliefs and behaviors of their own culture. Many also dislike the way their own society has assigned gender roles. Some women may want to escape the responsibilities of their own culture and be willing to sacrifice part of their freedom in return for being served. Some may prefer a culture in which the role of wife and mother is glorified and clear in regard to duties and rights.

(...) incumbe preferencialmente às mulheres as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos e os idosos no domicílio [tornando] mais difícil a compatibilidade entre o emprego fora do local de residência e os afazeres domésticos. Enquanto o homem pode optar por um emprego que o afaste a maior parte do dia (ou da semana) da rotina familiar, a mulher precisa, em geral, conciliar trabalho e família e suas opções são mais limitadas (Alves e Corrêa, 2009, 164).

Alves e Corrêa (2009) ainda sustentam que no Brasil “a defasagem é enorme, com as mulheres despendendo em média cerca de três vezes mais horas do que os homens nas tarefas da casa (...) (*idem*)”. Observamos, a partir de nossos dados, que, apesar de as mulheres brasileiras acreditarem que os homens devem compartilhar das tarefas, muitas não sabem como poderiam mudar esse costume, ou mesmo não sabem que podem mudá-lo. Por isso, fica mais fácil se relacionar com homens de novas culturas. Dentre nossas entrevistadas brasileiras, todas apontaram essa característica como um ponto positivo ao se relacionar com um britânico:

“(...) onde eu moro no Brasil eh:: eh:: totalmente diferente. na minha área lá o homem não lava roupa, homem não lava o prato, homem não faz comida, homem só faz trabalhar hh então tipo uma coisa que me atrai na cultura dele é isso (...) normalmente quando eu falo com as minhas amigas lá:: eles são muito das cavernas, sabe? os maridos das minhas amigas hh (...)” (Paula, brasileira).

Para Paula, falar sobre as diferenças culturais entre um marido brasileiro e um marido britânico é um dos seus tópicos favoritos. Ela nos conta que adora mostrar para suas amigas que no Reino Unido os homens são diferentes, e que elas podem incentivar seus maridos a serem como os britânicos. Pelo seu discurso, podemos observar que Paula está muito feliz em não precisar viver as mesmas histórias de suas amigas, e em alguns momentos de sua entrevista ela frisa como não só está feliz, mas até prefere não estar em um relacionamento com um brasileiro, em especial pela questão do machismo.

Entretanto, a questão de compartilhar as tarefas domésticas não foi trazida somente pelas mulheres brasileiras. Os homens britânicos também mencionaram a surpresa ao descobrir que isso não fazia parte da cultura delas, como Steven, esposo de Paula:

“Lá [Brasil] não é normal pra um homem fazer coisas da casa, né? e pra mim é bem difícil eu queria:: lavar, lavar os ‘dishes’⁷² e outras coisas e a mãe dela não queria::

⁷² pratos

eu fazer essas coisas, então eu não entendi por quê. não sei:: uma diferença da cultura” (Steven).

Essas características apontam a cultura brasileira como bastante masculina, de acordo com a categoria de Hofstede (cf. cap. 2). No entanto, há outras características que a apontam mais como feminina, confirmando a categorização de Hofstede (2010) de que a cultura brasileira é bem dividida (49 pontos) entre masculinidade e feminilidade, pois, ao mesmo tempo em que possui definição de papel na sociedade (característica da masculinidade), tanto homens quanto mulheres brasileiras compartilham sentimentos e emoções, e frequentemente ambos visam a qualidade de vida da família (característica da feminilidade).

Por outro lado, verificamos que a cultura britânica não é tão masculina quanto apontada por Hofstede (2010) – 66 contra 49 brasileira – pois, apesar de focarem na meritocracia e buscarem sempre ser melhores, os britânicos não se preocupam tanto com a qualidade de vida, pois na maior parte do tempo estão focados no trabalho e, principalmente, possuem muito menos distinção de papéis do que na cultura brasileira. Assim, não acreditamos ser possível classificar a cultura britânica como mais masculina que a cultura brasileira⁷³.

4.3.3

Ciúme, traição, dependência

Ao percorrermos a literatura, é possível observar muitas mudanças, ao longo das últimas décadas, quanto à duração dos relacionamentos amorosos. Vemo-nos diante de uma sociedade mudada, com pessoas diferentes, mulheres que possuem mais voz, que buscam outros tipos relações que satisfaçam suas necessidades atuais. Obviamente essas necessidades serão de acordo com cada indivíduo, influenciado por sua cultura. Em muitas culturas, como a brasileira, por exemplo,

(...) no lugar do amor eterno do passado, hoje qualquer coisa pode acontecer, principalmente o fim do amor, é compreensível que alguns indivíduos busquem num

⁷³ Estamos tomando como base nossos dados. Talvez uma pesquisa com outro corpus possa trazer resultados diferentes.

controle ciumento da relação uma resposta possível. Com isso, polariza-se: deixa de haver individualidade, liberdade e diferença na relação, ou, pelo menos, tenta-se ignorar que haja, na medida em que se tenta fazer de si uma sombra do outro. Para tanto, busca-se saber onde o parceiro está, com quem e como, conhecer tudo sobre seu passado, investigar o seu presente e controlar o seu futuro (Baroncelli, 2011, p.168).

Temos, assim, relações que dizem ser mais livres que as do passado, pois todo indivíduo pode escolher com quem se relacionar, mas, ao mesmo tempo, vivemos relações sem tanta liberdade, em que pode haver a demanda por explicações e relatórios de onde e com quem se está e o que se está fazendo. “Constrói-se, dessa forma, uma relação em que não se é mais ninguém sozinho, em que se é dependente e indissolúvelmente ligado ao outro, numa oposição clara à liberdade e fluidez que marcam a experiência amorosa contemporânea” (*idem*).

Tópico muito discutido, o ciúme é um dos elementos frequentes em relacionamentos amorosos entre brasileiros de forma geral. E apesar de não perguntarmos diretamente sobre o tema aos nossos entrevistados, ele surgiu em todas as entrevistas dos brasileiros e em quase todas dos britânicos. Com uma perspectiva diferente quanto ao tema, brasileiros e britânicos podem se ver diante de situações conflituosas por decorrência da forma de pensar e tratar os ciúmes na relação.

Como vimos anteriormente, a cultura britânica é uma cultura mais individual, que preza o espaço próprio, no qual a vida profissional e a vida pessoal são claramente separadas⁷⁴. Isso se dá também dentro dos relacionamentos amorosos. E os britânicos não só desejam, como também exigem essas características: por ter por base a confiança, é comum que o casal saia separadamente, cada um vivendo sua vida, usufruindo de sua individualidade e buscando satisfazer seus próprios desejos dentro do que entendem como respeito mútuo.

Os casais brasileiros, por outro lado, ainda vivem uma relação em que o ‘estar sempre junto’ é essencial para o casal, como relata Nádia (abaixo). Em encontros familiares, a presença do outro é quase que obrigatória, e caso não aconteça, deve ser sempre justificada para que a família não pense que o novo membro da família

⁷⁴ Característica das culturas ativo-linear descrita por Lewis (ver cap. 2)

não só não dá suficiente importância ao seu parceiro, mas também a seus entes queridos.

“Eu acho que assim eh:: estrangeiro tem a mente mais aberta eh:: principalmente em relação a ciúmes sabe? porque antes de eu namorar com ele, era assim eh:: meus relacionamentos com brasileiros que eu tive era aquela relação com limites ... então assim eh:: ‘não, você não vai sair com suas amigas’ ou eu falava ‘você não vai sair com seus amigos’ por insegurança e também porque eu falava ‘não se você quiser sair tem que sair comigo, só comigo, né?’ então, quando eu comecei a namorar com o Will, eh:: ele me fez enxergar isso. que não é porque você tá em um relacionamento que você tem que esquecer que você também tem seus amigos e sua vida pessoal... entendeu? então é isso que eu acho que é especial sabe? (...)” (Nádia).

Segundo Giddens, nas relações atuais, em que a separação é mais naturalmente aceita, ou seja, sem a proteção da tradicional relação que fazia com que um indivíduo tivesse que passar toda a vida ao lado do cônjuge, as pessoas precisam confiar mais umas nas outras. Caso essa confiança seja abalada, os indivíduos podem se sentir mais vulneráveis em determinadas situações, despertando sentimentos desagradáveis. (Giddens, 2002 apud Baroncelli, 2011, p. 167). Assim, ao se sentir ameaçado, o indivíduo pode tentar proteger-se e proteger seu parceiro para que este permaneça ao seu lado e nada afete seu relacionamento. Com isso nasce o ciúme, a personagem quase sempre presente nos relacionamentos amorosos envolvendo brasileiros.

As palavras ciúme e zelo são, muitas vezes, utilizadas pelos brasileiros como sinônimas. Com a mesma origem do latim *zelumen*; *zelus* e do grego: *zelos*, elas foram adquirindo, ao longo da história, usos diferentes no português. Atualmente, ‘zelo’ é definida como:

Zelo⁷⁵ - 1. Dedicção extrema a alguém ou algo; desvelo; 2. Estado de quem se empenha na realização de algo; diligência; 3. Sentimento forte de amor ou afeição por alguém ou algo; 4 [mais usado no plural] Sentimento que provoca dor, tristeza por se pretender exclusividade no amor de alguém; ciúme.

Já a palavra ‘ciúme’ é definida como:

Ciúme⁷⁶ – 1. Sentimento negativo provocado por receio ou suspeita de que a pessoa amada dedique seu interesse e/ou afeto a outrem; 2. Receio de perder algo; 3. Sentimento negativo em que se mesclam ódio e desgosto, provocado pela felicidade ou situação favorável de outrem; inveja.

⁷⁵ Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=zelo>, acesso em 20 de abril de 2017.

⁷⁶ Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ci%C3%Bame>, acesso em 20 de abril de 2017.

Na cultura brasileira, a palavra *ciúme* aparece em geral em conexão com relacionamentos amorosos, sendo usada, muitas vezes, para mostrar que uma pessoa não quer perder uma pessoa querida para outra, mas, principalmente, por uma crença de propriedade do sentimento, e algumas vezes, da vida do outro. Por causa disso, muitos casais têm se fechado cada vez mais, para proteger o relacionamento de conflitos como este, que pode levar a seu fim. Logo, é muito comum na cultura brasileira que o casal faça atividades sempre juntos, não só com família, mas com amigos também.

É curioso observarmos que, ao traduzir a palavra *ciúme* para o inglês, temos a palavra ‘*jealousy*’, definida como “‘*jealousy*⁷⁷ - substantivo – um sentimento de infelicidade (...) porque alguém tem alguma coisa ou alguém que você quer”⁷⁸ (t. n.). Ou seja, *jealousy* se traduz tanto por inveja quanto por ciúme.

Ao compararmos as definições em português e em inglês podemos ver uma pequena diferença de significados. Tanto em português quanto em inglês as palavras são descritas como negativas, pois evocam sentimentos como infelicidade e inveja. Mas o interessante é que, pela descrição do inglês, não há conexão direta com relacionamentos amorosos, podendo ser traduzida no português como inveja ou ciúme a depender da situação. Enquanto no uso popular do inglês a palavra *jealousy* pode ser usada para falar sobre uma coisa que você tem e não quer dividir e uma coisa que você não tem e quer ter, em português utilizamos ciúme apenas como o primeiro.

Ao ser despertado por este sentimento, cada indivíduo responderá de uma forma própria, e essa reação poderá trazer ou não conflitos para o relacionamento. No caso dos brasileiros, é comum responder a ameaças externas à relação com sentimentos de proteção ao ser querido. No entanto, em vez de proteger a relação, os brasileiros muitas vezes tendem a querer controlar e dominar o parceiro como se este fosse seu objeto de posse. Atingido pelo medo de ‘perder o controle do outro’, parece ser frequente a estratégia de procurar manter-se perto a todo custo. O ‘estar sempre junto’, o ‘fazer tudo junto’ seria então uma das formas que o brasileiro encontra de manter o ser amado, seu parceiro, sempre à vista. Não estamos dizendo,

⁷⁷ Fonte: <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/jealousy>, acesso em 20 de abril de 2017.

⁷⁸ “*noun* - a feeling of unhappiness (...) because someone has something or someone that you want”.

é claro, que não há o verdadeiro desejo de estar junto à pessoa querida, pelo contrário, muitas vezes o desejo é tão grande que se sente essa necessidade a todo momento. Em outros casos, porém, o desejo de estar junto pode ser substituído por um sentimento de posse, fazendo com que um dos parceiros, ou até mesmo os dois, sintam sua liberdade comprometida.

É somente ao entrarmos em contato com culturas em que isso já não existe mais que nos deparamos com um choque positivo de realidade, com a qual nos identificamos e imediatamente nos redirecionamos.

“(...) eu sempre tive muita dificuldade com os meus relacionamentos brasileiros, principalmente com um específico assim, por conta da possessividade e do controle. enfim uma coisa que eu vi muito em todos os meus relacionamentos brasileiros foi essa coisa da posse, sabe? não ter um relacionamento porque você quer. se completar, um relacionamento:: não sei você tem:: você desenvolve a coisa da posse sobre a pessoa, sabe? e:: muito doentio, mesmo, mesmo antes assim, desde muito jovem. e eu não relacionada isso a machismo nada disso, sabe. eu relacionava isso a ser normal, achava que era uma coisa normal dos garotos serem assim comigo. Sendo que eu não tinha esse tipo de pensamento com ele e nem gostaria que alguém tivesse assim comigo, mas eu acaba assumindo que isso era normal... e aí depois, ↓durante esse meu relacionamento com esse alemão, que foi um pouquinho longo assim, durou uns dois, três meses, eh:: eu vi que isso não era normal, isso era uma coisa doentia, bizarra, e que eu não precisava me sujeitar a isso. então depois, pra mim foi muito, muito, difícil, assim tipo. muito mesmo. sair com brasileiro, entendeu? (...)” (Cintia, brasileira).

O depoimento de Cintia pode exemplificar o tipo de relacionamento que os brasileiros têm desenvolvido nas últimas décadas. E a questão da posse parece já estar tão enraizada que muitos não percebem como isso pode prejudicar a relação. Muitas vezes descobrem isso já tarde, quando as chances de recuperar o elo entre o casal já são bem menores. Nutre-se uma fantasia de domínio sobre o outro (Baroncelli, 2011, p. 168), construindo uma relação em bases não seguras.

Em consequência, aquele que é alvo do ciúme, num movimento de contra-ataque e defesa, posiciona-se frequentemente no lado oposto, na luta pela própria individualidade, independência e discriminação de si. Nesse caso, longe de uma vida em comum, seus interesses são opostos: se um lado vence, o outro sai derrotado, o que torna impossível, a não ser num movimento de fusão que anularia irremediavelmente a diferença, vencerem juntos (*idem*, p. 169).

Por consequência disso, são frequentes as situações nas quais um estrangeiro se depara com o ciúme numa relação com uma brasileira, ou vice-versa. Brittany

(no trecho abaixo) menciona a questão de ter amigos homens brasileiros e de como isso é visto de forma negativa por seu marido. Ao mesmo tempo que critica o comportamento da mulher brasileira por ser submissa, ela assume que teve que se submeter aos desejos do marido, alegando ser importante adquirir comportamentos culturais brasileiros uma vez que ela está morando no Brasil e precisa se adaptar às regras, do contrário poderia vir a ter problemas com o marido.

“(...) então eu aceito essa coisa de não ter amigos homens sim eu aceito mais ou menos. então eu tipo não faço novas amizades com brasileiros homens, quase nunca e eu tento minimizar o contato, eu tento não falar nada que pode ser construído como uma coisa um pouco né fora do lugar de uma mulher casada então eu aceito isso. eu tento deixar nada não deixo ah:: meu homem com mais ciúmes pra não deixar ele com mais ciúmes, mas se fosse no meu país, eu não me preocupava- eu não me preocuparia porque acho que ele também na hora que ele chega na Inglaterra ele vai ver que:: os homens ingleses são muito chatos eles não têm essa obsessão com sexo igual brasileiros (...)” (Brittany).

Por outro lado, temos Katty, que também critica a forma de os brasileiros pensarem sobre isso, mas, diferentemente de Brittany, não se adequa ao comportamento local. É seu esposo (João) que, por sua vez, acaba se adaptando à realidade dela, mesmo que vivendo no Brasil. Acreditamos que, apesar de a origem ser a mesma, as duas inglesas se comportam de forma diferente por influência dos próprios maridos, pois enquanto João já conviveu com várias estrangeiras, tendo inclusive morado com uma antes, Douglas não tem tanta familiaridade com a cultura britânica e, talvez por isso, seja menos aberto a comportamentos diferentes. Logo, Brittany é quem precisa ser mais flexível e acaba buscando uma adaptação à cultura do esposo.

Com isso, temos, de um lado, o brasileiro que, em sua dependência do outro por vezes esquece sua própria individualidade e de outro, o britânico que, ao tentar manter sua individualidade a todo custo, acaba, muitas vezes, por se afastar demais do parceiro. Sobre esse comportamento, Miller (1995, apud Baroncelli, 2011, p. 166) acredita que, em vez de desenvolverem uma relação mais profunda e intensa com o cônjuge, de maneira geral, as pessoas estão cada vez mais construindo relações baseadas em disputa e interesse individual. Afirmar ainda que, para que a relação de independência funcione bem, é necessário que haja muito respeito, confiança e sinceridade entre o casal.

Em paralelo, vivemos em uma época focada no consumo, em que consertar produtos está cada vez menos popular e pode ser considerado muito trabalhoso. Acredita-se ser mais fácil trocar o velho produto por um novo, intacto, em que há esperança de um bom funcionamento (como um eletrodoméstico, por exemplo), do que consertar aquele que já se sabe ser frágil. Podemos fazer uma analogia com as relações amorosas, as quais são por si só trabalhosas e complexas, independentemente de serem monoculturais ou interculturais, pois manter um relacionamento exige muito de ambos os parceiros. Quando por algum motivo a relação de confiança é quebrada, ou mesmo só ameaçada, nasce o medo, ao menos em uma das partes, de que o parceiro vá buscar em outra pessoa a felicidade que acredita já não ser tão provável naquela relação. Temos, assim, a consagrada definição de relação *descartável*.

“Sem o sentimento de confiança, o indivíduo tende a se sentir vulnerável diante da realidade cotidiana de um compromisso amoroso, amedrontado com a possibilidade, sempre presente, de dissolução do mesmo e, ainda, com a responsabilidade que possui em sua manutenção e desenvolvimento” (Rittiner, 2006, p. 167).

Com isso, nasce outro elemento que surge frequentemente em conversas entre os brasileiros: a traição. Tópico de bar, revistas, conversa entre amigos e trabalhos acadêmicos, a traição faz parte do cotidiano de muitas culturas, se manifestando mais em umas do que em outras. Uma das possíveis razões para que esse fenômeno ocorra parece ser a forma como as culturas veem a traição.

Para os brasileiros, muitas vezes a traição é relacionada ao descuido de um parceiro em relação ao outro parceiro. Ou seja, quando há uma traição, frequentemente o sentimento que as pessoas têm pela pessoa traída é “coitado, não soube segurar o/a “marido/mulher”. Como diz Júlia,

“(…) no Brasil (…) é um exemplo, se a mulher trai o homem, o culpado é o homem, vão chamar de corno... e eu acho que:: na cultura deles [britânicos] não tem uma palavra pra isso, eu tentei... mas eu acho que é muito mais confiável a relação (...) no Brasil... é tipo:: quanto mais homens você ficar, melhor... e na cultura deles [britânicos] parece que:: casamento é uma coisa boa e pra gente casamento é coisa ruim, é tipo uma coisa 'game over', acabou sua vida e pra eles é tipo 'meu Deus que legal, parabéns' (...) o que eu reparei é que por exemplo na música, na televisão ou no que ele [marido britânico] conta da vida dele é tipo... o homem tem uma mulher e que bom que é só uma mulher” (Julia, brasileira).

Para a cultura britânica, por outro lado, a traição não é vista como consequência de atos da pessoa traída, mas sim do traidor que, por isso mesmo, deve ser punido, não somente pelo parceiro, mas pela família e pelos amigos, sendo considerado o vilão da história, como Will declara em sua entrevista⁷⁹:

“(...) eu acho que o Brasil ainda é um país muito machista e:: tipo ele acaba ficando no lugar quando pra trair na sua namorada na frente de seus amigos é tipo uma coisa positivo tipo, eles te dar parabéns e:: se você faz isso aqui na Inglaterra, se você pega uma mulher na frente dos seus amigos, eles vão tipo te dar bronca sabe tipo:: se eu tava com amigos e aí eu vi alguém que eu sei que tem namorada e ele tá falando, fazendo coisa com outra mulher, eu vou lá falar com ele” (Will, britânico).

No passado, “a sexualidade do casal era vivenciada de forma diferente, o homem tinha uma liberdade sexual ampla e estimulada. Enquanto a mulher devia manter-se fiel ao marido” (Hintz, 2001, p.10). Atualmente, na cultura brasileira, continua assim, ao menos nos bastidores da sociedade; como diz nossa informante, o Brasil tem “(...) uma cultura que preza que o homem tenha muitas mulheres e que a mulher não tenha (...)” (Julia). Ou seja, se a traição é feita por um homem, muitas vezes ele é visto como o conquistador, o que se evidencia no uso da metáfora ‘o garanhão’, chegando a traição até a ser incentivada pelos próprios amigos e colegas. Já quando a traição ocorre por parte da mulher, esta geralmente é vista pelos amigos e pela família como uma promíscua, desmerecedora do lar e, se tem filhos, pode ser ainda mais julgada e até condenada, perdendo a sua guarda em caso de separação. Esse tipo de comportamento é frequente em sociedades machistas, nas quais um dos principais papéis da mulher ainda é servir às necessidades do homem (Hintz, 2001, p.10).

Enquanto para os brasileiros homens a traição geralmente é vista como um deslize, um lapso na relação, que nada tem a ver com o caráter do indivíduo, mas sim com todo o contexto ao seu redor, para os britânicos a traição pode ser vista como falta de honra, falta de caráter do indivíduo:

“(...) se ela [a mulher] sai, ela só pode sair com amigas... eu não ... eu nunca pensei nisso na minha vida porque no meu país eh:: acho que tem mais confiança no relacionamento, então não importa se a mulher sai da casa, com um amigo seja homem ou mulher, porque não vai trair, e homem não pensa que a mulher vai trair eles... então ah:: então, para mim não existe essa ideia de traição. eu nunca trai. eu

⁷⁹ É impoente mencionarmos que esses foram os resultados obtidos em nossos dados, e ainda que não corresponda à cultura de forma unificada, serve para mostrar que, ao menos esta é a visão de um pequeno grupo de brasileiros.

nunca conheci alguém que traiu alguém eu nunca... conversei com alguém que tinha medo de alguém trair, então não existe essa ideia... (...) para, especialmente para pessoa tipo, educada ou pessoa com escolaridade, uma pessoa com cultura porque é uma questão de auto respeito... é tipo, talvez um ladrão, um mendigo↓ que rouba, que mente talvez ele não tem auto respeito suficiente para... pra namorar sem- sem trair, mas uma pessoa que tem... o que é status ou:: tipo escolaridade ou tá feliz na vida, tá todo contente, não existe esse problema e:: igual que eu não roubar eu não vou roubar de você eu não roubar dessa loja... então, para mim é a mesma uma coisa que se alguém tá:: pensando em trair... é a mesma coisa de tipo... um criminoso, desonesto e que eu fico insultada de alguém pensar que eu sou assim... e se a pessoa... pessoas que acusam outras pessoas em fazer isso, eu acho que é uma grande falta de respeito, só falar nessa coisa eu acho que é uma grande falta de respeito. só em pensar ou falar porque ah:: porque não existe não precisa, se você aceita ah:: namorar você aceita que não vai trair, entendeu? então essa ideia é muita estranha para mim” (Brittany).

Para Brittany, a fidelidade não é relacionada com a monogamia, mas com ética, moral, princípios e valores. E ser fiel não é somente uma questão de ser leal ao parceiro, mas de respeitar a ele e a si mesmo. Assim, é muito difícil para ela entender a razão de uma pessoa trair a outra, já que o indivíduo teve a liberdade de escolha ao iniciar sua relação. Para ela, da mesma forma que uma pessoa é independente dentro do relacionamento, ela deve ser também livre para sair sozinha quando quiser, sem ter que se preocupar constantemente se será traída ou não pelo parceiro.

No entanto, nem todos os casais vivem esse conflito. Katty, nossa outra entrevistada britânica, ao narrar a história de seus relacionamentos com brasileiros, menciona que não sentia confiança em sua última relação com um brasileiro, mas que felizmente seu atual marido é diferente:

“(...) eu não gosto de ter um relacionamento com uma pessoa que eu não tenho confiança por exemplo↓ eu não gosto de ter um relacionamento com um homem que não permite que eu estou com meus amigos ou:: com homens, homens ou mulheres eu posso fazer minhas coisas com meus amigos amigas e ele também não tem esse problema de ciúmes eu nunca tinha essa coisa de ciúme nos relacionamentos na Inglaterra e aqui no Brasil eu posso ver isso o tempo todo ... mas com João não é como isso ... então não tenho problema com ele” (Katty).

Em contrapartida, os homens brasileiros relatam que é justamente esse um dos pontos positivos em se relacionar com uma britânica: a ausência, ou a presença com menor intensidade, de demonstração de ciúmes. De acordo com Baroncelli, “a infidelidade do homem e da mulher é um aspecto revelador da desigualdade de gênero” (2011, p.66), umas das características da cultura com mais masculinidade

(Hofstede, 2010). Dessa forma, é possível compreender por que os brasileiros são descritos como menos fiéis que os britânicos, pois, como vimos, a desigualdade de gênero é ainda muito marcada nesta cultura.

A partir do momento em que a mulher começa a questionar o seu papel como esposa, mãe e dona de casa, mostrando que não quer ser limitada a exercer apenas essas funções na sociedade, a relação, que antes poderia ser vista como estável, pode começar a ser questionada, e consequentemente o casal pode sofrer com isso. Assim, “(...) a busca de direitos entrecorta a família pelas suas diversas linhas hierárquicas, realçando valores em competição e promovendo uma percepção e formação mais e mais fragmentada de família” (Rittiner, 2006, p. 55).

Com a influência dessas mudanças, “(...) o individualismo aparece como um dos fatores principais para a ruptura na família nas últimas gerações” (*idem*, p. 83). Como consequência dessa individualidade, os casais, principalmente de culturas ativo-lineares como o Reino Unido, têm cada vez menos objetivos em comum, fazendo com que o seu tempo juntos seja menor que no passado. Assim, nasce a busca pela independência dentro da relação.

Se de um lado temos essa independência entre os casais nas culturas individualistas, de outro, nas culturas coletivistas, ainda há a forte presença da dependência emocional, o desejo de ‘fazer tudo junto’ seja em comunidade, seja com amigos, seja com a família. O ‘estar junto’ é muito importante para essas culturas. Como observa Carla,

“(...) então, assim, aqui [Londres] eles são muito mais individualistas, eu vejo isso tanto no meu marido quanto nos amigos dele (...) talvez né seja porque eu vim, eu fazia mais tudo com o meu namorado, às vezes, mas eu vejo muito, pelo menos o meu grupo de amigos eles têm muito isso e quando os amigos do Norton foram aí pro Brasil, pro casamento, meus amigos, eu tenho dois amigos que moraram aqui na Irlanda por um ano, e eles falaram ‘Carla, é muito muito legal isso (...) assim os casais aqui, tá todo mundo em casal, mas tá todo mundo conversando junto’, sabe? assim, não fica assim as meninas dum lado e os meninos do outro ou só o casal, não, nossa. eles repararam isso, mas aqui é que a forma é assim, aí depois eu reparei ‘é verdade mesmo’” (Carla).

Brittany também aborda essa questão. Conta que, mesmo quando um casal britânico vai junto a um evento, é comum que os dois não fiquem o tempo todo juntos:

“(...) e:: e também se eu sair para uma festa com ele ou, por exemplo, um namorado inglês a gente ia tipo... ficar tipo ficar na festa sozinho ou tipo ah:: conversando com outras pessoas, sem ele no meu lado... porque se a gente fica junto é tipo uma coisa entediante que quando chegar em casa depois não tem nada para contar e:: também você pode, a gente vê como trabalho de fazer contatos. em vez de conhecer a metade de pessoas sozinho a gente conhece duas vezes mais pessoas ao mesmo tempo para apresentar “ai eu conheci uma pessoa importante pra você, eu vou te apresentar” esse tipo de coisa” (Brittany).

Carla ainda menciona que na Inglaterra é muito comum os namorados saírem sem as namoradas e vice-versa e que para ela isso foi muito difícil e exigiu um esforço maior de adaptação ao modo de se relacionar dos britânicos: “(...) pra entender isso no começo eu tive muita dificuldade hh porque eu me sentia assim que eu tava sendo excluída↑ de todas as programações”.

Acreditamos que, enquanto para algumas mulheres, como Brittany, a independência do parceiro é o que possibilita o sucesso de sua relação, para outras, como Carla, ainda que objetivem ter mais independência emocional dos parceiros, podem não saber como lidar com essa liberdade.

“(...) na contemporaneidade, o indivíduo corre o risco de não saber muito bem o que fazer com a liberdade conquistada e, sem referências sociais consistentes para além da lógica imediatista do consumo, pode acabar desbancando para um individualismo extremo que acabe se chocando frontalmente com os anseios, igualmente presentes, de cumplicidade, proteção e compromisso” (Baroncelli, 2011, p. 165).

O esposo de Carla, Norton, também menciona que para ele não foi muito fácil se adaptar à ideia de ter sempre que fazer todas as atividades junto não só com Carla, mas com os amigos e a família dela. Porém, diz que por um lado isso foi bom porque foi mais fácil para fazer amigos e se relacionar com pessoas no Brasil, já que ele não tinha amigos brasileiros antes. Então, por um lado, ao estar na Inglaterra, Carla se sente um pouco excluída por não fazer parte de todas as programações de Norton; por outro, ele se sente muito acolhido por Carla e seus amigos e familiares, ao fazerem sempre coisas juntos, ainda que isso às vezes possa ser um pouco excessivo para ele.

Assim, “novamente surge o dilema de estarmos divididos entre a busca por liberdade e independência e, simultaneamente, por uma fusão ideal” (Rittiner, 2006, p.43). O importante parece ser, portanto, tentar articular essa característica para que ela não interfira de forma negativa na relação do casal.

Em paralelo a todos esses fenômenos, há a questão da demonstração de emoções, tão importante para as culturas de alto contexto. Vejamos a seguir sua definição e características.

4.3.4

Emoções

Com a teoria de Lewis (2006), vimos que a não demonstração de sentimentos e emoções é uma das características das culturas classificadas como ativo-lineares; encontramos, portanto, esse comportamento na cultura britânica. E que, por outro lado, representando a cultura multiativa, na cultura brasileira é comum demonstrar sentimentos e emoções em público. Mas isso significa dizer que a cultura britânica é menos emotiva que a cultura brasileira?

Dizer que uma cultura é mais emotiva que outra não significa que uma possui mais sentimentos, pois compartilhamos das ideias de Wierzbicka (1999), quando diz que *emoção* e *sentimento* são duas palavras com significados diferentes que, por consequência, representam fenômenos distintos. Assim, por não ser ligado à cultura, o *sentimento* se caracteriza como algo universal, que se manifesta em qualquer indivíduo e em qualquer cultura, enquanto *emoção* exige uma combinação de três elementos: pensamentos, sentimentos, e eventos/processos físicos (*idem*, p. 2).

Logo, quando descrevemos a cultura britânica como menos emotiva (Hofstede (2010), Lewis (2006), Romano (2008), Wierzbicka (1999)), não significa que os britânicos não sintam nada: obviamente, eles têm sentimentos. No entanto, para transformá-los em emoção é necessário combiná-los em um processo que exige corpo, mente e sentimentos. E a forma de demonstrar essa emoção pode ocorrer de diversos modos, a depender de cada indivíduo e de cada cultura, podendo, até, não ser demonstrada de maneira alguma.

Podemos afirmar, de acordo com nossos dados, que na cultura brasileira a demonstração de sentimentos, em privado ou em público, é maior do que na cultura britânica, confirmando as teorias de Hofstede (2010) e Lewis (2006). É comum que

tanto o homem quanto a mulher demonstrem, com gestos e palavras, seu carinho e afeto por seu (sua) parceiro (a). Estar em uma relação em que isto não acontece é, para o brasileiro, no mínimo, estranho, podendo até gerar conflitos entre o casal, como foi o caso descrito por Pedro.

“(...) não existe muito essa questão do:: como é que eu posso dizer? de expressar sentimentos né... esse negócio de falar 'meu amor, meu amor' isso é muito nosso, né? tanto que a Larah, quando eu comecei a namorar ela, eu briguei com ela porque três meses, quatro meses ela não me chamava de 'meu amor' né. hh 'eu não posso falar isso' ela dizia 'porque eu ainda não te amo' olha se uma brasileira falava isso” (Pedro).

No entanto, mesmo que assumamos o estereótipo de que os britânicos seriam menos emotivos que os brasileiros, há casos em que o relacionamento com uma brasileira pode influenciar de tal maneira o britânico que ele passe a assumir um pensamento diferente do seu original e passe a admitir a forma ‘brasileira de ser’.

“Eu acho ... é um tipo de estereótipo do povo britânico que é ... não é bom ser muito aberto e emocional como eu (), mas eu sinto quando estou com Julia eu sinto que eu posso ser mais aberto e um pouco emocional ... nós compartilhamos muito. eu acho que é também um tipo de estereótipo brasileiro também que ... nós meio que compartilhamos tudo, que não há tantas barreiras como seria em um tipo de relacionamento britânico (...)”⁸⁰ (Bill, t.n.).

Bill, apesar de vivenciar um tipo de relacionamento com o qual não está habituado, mostra-se bastante aberto a viver um pouco do jeito brasileiro de se relacionar. Compartilhar suas emoções com sua parceira é, para ele, uma novidade interessante e que os aproxima ainda mais, diminuindo “as barreiras”, como ele mesmo diz, muito frequentes em relacionamentos entre britânicos.

Podemos concluir que, embora não acostumados com o jeito brasileiro de demonstrar suas emoções, uma vez que são ensinados a controlá-las desde muito jovens, ao se relacionarem com os brasileiros, os britânicos entrevistados mostraram uma tendência a aceitar e a abraçar essa forma de ser. Mesmo pensando ser um pouco dramático, em alguns momentos, os britânicos afirmam que essa é

⁸⁰ “I think... it's kind of stereotype of British people that is... not good to be very open and emotional as I () but I feel when I am with Julia I feel I can be more open and a little bit of emotional... we share a lot I think that is also a Brazilian kind stereotype as well that... we kind of share everything there are not as many boundaries as it would be in a kind of British relationship (...)” (Bill)

uma característica interessante dos brasileiros, classificando-a como positiva de maneira geral – a partir do momento que os estrangeiros aprendem a lidar com ela.

4.4

Conselhos

Após falarmos sobre as diferenças, as semelhanças culturais, os desafios, os benefícios, as pessoas, etc., apresentamos aqui alguns conselhos, sugeridos pelos próprios entrevistados, de como ter uma melhor relação intercultural, tentando evitar os possíveis conflitos originados pelas diferenças. Vejamos a seguir alguns dos conselhos mencionados.

O primeiro se apresenta como: deve-se ter consciência de que serão encontradas muitas diferenças entre as duas culturas, e tentar entendê-las e aprender o máximo sobre elas. Para isso, o indivíduo terá que ter muita paciência e curiosidade para conhecer culturas e aprender línguas de forma geral. Além disso, é aconselhável tomar muito cuidado ao interpretar o que o outro diz, porque uma má interpretação pode gerar problemas, principalmente quando alguém está falando uma língua não nativa.

É importante também estar preparado para viver longe do parceiro em algum momento da relação, seja por tempo curto ou longo. Quando em uma relação intercultural, é comum que se precise passar um período vivendo uma relação à distância, pois um dos parceiros pode necessitar voltar para o país nativo e nem sempre o outro poderá acompanhá-lo.

Como todo relacionamento, é bom tomar tempo para conhecer o outro, sua família e seus amigos; mas em um relacionamento intercultural, torna-se ainda mais necessário conhecer sua cultura, seus costumes, suas tradições. E, do mesmo modo, quando vivendo como expatriado, deve-se tentar abraçar a cultura local, se envolver com os habitantes nativos, com a língua, com os rituais, com todos os elementos das culturas objetiva e subjetiva, principalmente. Estar em constante aprendizagem pode ajudar a adentrar melhor a nova cultura e, conseqüentemente, a evitar levar conflitos externos para o relacionamento.

Em especial para os parceiros brasileiros, ao se relacionarem com britânicos, surgiram as seguintes recomendações:

- É importante procurar entender e aceitar a individualidade deles; além de tentar ser um pouco mais polido e usar expressões como *obrigado* e *por favor* com mais frequência.
- Além disso, é preciso tentar ser um pouco mais direto, menos emotivo e mais discreto, tentando usar muito as palavras para se expressar, pois os britânicos apreciam essas características.

Já para os parceiros britânicos, como vimos que os brasileiros podem ser bastante emotivos, é aconselhável:

- Tentar mostrar mais as emoções e os sentimentos, além de se expressá-los com todo o corpo, pois os brasileiros vão sempre contar com todos os recursos para compreender um determinado evento, e nem sempre usarão palavras para demonstrarem suas intenções.
- Especialmente para os britânicos que vivem no Brasil, é extremamente aconselhável que evitem ser arrogantes, e não tentem mudar a cultura do brasileiro, muito menos falar mal do país, pois frequentemente os brasileiros vão entender a crítica como algo pessoal.

Para concluir, ainda que não seja fácil para pessoas de culturas com características diferentes se relacionarem, pudemos ver que os entrevistados deste trabalho estão muito felizes com seus parceiros e suas novas vidas. Cientes do trabalho extra, buscam por ferramentas que os auxiliem a lidar melhor com os conflitos e, com isso, melhorar suas relações; estão ainda abertos, de forma geral, a fazerem o melhor para manter uma relação intercultural com o menor número de conflitos possível.

5.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capacidade de ver o mundo como o parceiro vê, entender a vida do ponto de vista do outro, simpatizar com este outro ponto de vista, se permitir a isso e encontrá-lo no meio do caminho, pode ser o verdadeiro segredo para superar os outros obstáculos para um casamento intercultural bem-sucedido. A falta dessa habilidade talvez seja uma das maiores armadilhas⁸¹ (Romano, 2008, p. 109).

Iniciamos este trabalho acreditando que muitos estrangeiros, atraídos pela cultura objetiva (música, cinema, arte, culinária, etc.) têm quase nenhum ou muito pouco conhecimento da cultura subjetiva brasileira (valores, crenças, opiniões, normas sociais, etc.) (cf. cap. 2). Notamos esse fenômeno ao observarmos que, frequentemente, alunos de PL2E entram nas aulas para aprender a língua, acreditando que aprenderão também tudo sobre a cultura, porém nem sempre são contemplados com o ensino da cultura subjetiva. Pensando nisso, este trabalho se propôs a enfatizar a importância de ter as duas culturas trabalhadas em sala de aula de PL2E, mostrando como tanto o professor quanto o aprendiz podem se beneficiar, pois ao entrar em contato com a cultura subjetiva, o aluno irá verdadeiramente aprender o idioma e suas nuances.

Dessa forma, selecionamos um dos diversos elementos inseridos na cultura subjetiva para mostrar que inclui-la nas aulas de PL2E é fundamental. Logo, este trabalho teve como objetivo principal, investigar como são os relacionamentos amorosos interculturais entre britânicos e brasileiros, focando na comparação entre as duas culturas, pontos positivos e negativos desse tipo de relação, além de verificar a influência das culturas objetiva e subjetiva e da língua na vida do casal. Identificamos, ainda, situações em que há choques culturais e como eles surgem, além de dar sugestões de como evitá-los, a partir dos depoimentos dos próprios entrevistados. E é a partir dessas sugestões que tentamos mostrar como é importante

⁸¹ The ability to see the world as one's partner sees it, to understand life from the other's vantage point, to empathize with this other point of view, to allow for it and meet it halfway may be the true secret to overcoming the other obstacles to a Successful intercultural marriage. Lack of this ability may be one of the biggest pitfalls.

para os aprendizes de PL2E serem expostos a este tipo de conhecimento, com o objetivo de ajudá-los em seus relacionamentos com os brasileiros.

Para atingir nosso objetivo geral, ao longo desse trabalho, nós: (i) descrevemos como o brasileiro e o britânico veem sua própria cultura e a cultura do parceiro, além de confirmar que algumas dessas impressões motivam choques culturais; (ii) identificamos que há alguns elementos geradores de conflitos, entretanto, possivelmente há outros que não ocorreram em nossos dados; (iii) buscamos entender como esses se originam, nos limitando a essas duas nacionalidades, e observamos que apesar de existirem, os conflitos linguísticos são considerados bem menores e menos relevantes para o sucesso da relação. Enquanto os culturais, muito mais densos e difíceis de solucionar; (iv) verificamos que há influência das famílias nas relações, no entanto, menor do que esperávamos, e menos significativa, não causando problemas aos casais; e, finalmente, (v) descrevemos alguns padrões culturais discursivos e comportamentais frequentes nos discursos dos britânicos e dos brasileiros, relevantes para entender a relação entre eles.

Por uma questão de organização, apresentamos esta dissertação da seguinte forma: no segundo capítulo, discutimos todo o nosso embasamento teórico, seguindo quatro principais autores: Bennett (1998), Lewis (2006), Hofstede (2010) e Romano (2008). De suas teorias, tomamos os conceitos de cultura objetiva e subjetiva, de Bennett – na primeira estariam todos os elementos visíveis e na segunda todos os invisíveis de uma cultura; de Lewis, cultura multiativa e ativo-linear – a primeira descreveria o Brasil e a segunda, o Reino Unido; de Hofstede, individualismo/coletivismo e masculinidade/feminilidade – sendo o Reino Unido mais individual e masculino e o Brasil mais coletivo e feminino (cf. cap. 2)⁸²; além das sugestões de possíveis problemas encontrados em relacionamentos interculturais na pesquisa de Romano. Dentre estas sugestões, selecionamos alguns aspectos que influenciam na relação intercultural dos casais aqui entrevistados: família do parceiro (ainda que não em grande quantidade); língua (verbal, não verbal e estilística); país escolhido para residência; função homem – mulher.

⁸² Mais à frente apresentaremos um quadro sinóptico com essas teorias.

No capítulo 3, apresentamos a metodologia adotada, de natureza qualitativa e interpretativa. E como instrumentos para geração de dados, escolhemos a entrevista semiaberta e um questionário sociocultural fechado. No total, 10 casais participaram de nossa pesquisa, dentre os quais cinco vivem no Brasil, três vivem no Reino Unido, 1 vive na Costa Rica, e 1 vive separado, cada parceiro vive em seu próprio país. Neste capítulo, conhecemos um pouco do perfil dos entrevistados, e descobrimos que não há um perfil único para definir as pessoas inseridas em relacionamentos interculturais. Ainda assim, notamos que há algumas particularidades em comum, como o interesse por conhecer novas culturas, o desejo de aprender um novo idioma (na maioria dos nossos entrevistados), e a predisposição para adaptação.

No capítulo 4, a análise dos dados nos permite afirmar que há vários desafios enfrentados pelos britânicos e pelos brasileiros em suas relações interculturais, como: o hábito de muitos brasileiros de postergar assuntos considerados entediantes ou burocráticos; a pontualidade e o planejamento do britânico; entre outros. Esses desafios são, geralmente, uma questão de aprender a lidar com as diferenças entre as ambas as culturas.

Apresentamos, ainda, nesta seção, a percepção que os nossos entrevistados possuem de si mesmo e do outro (cf. cap. 2) e, a partir dela, pudemos confirmar a categorização de Lewis ao descrever o Brasil como uma cultura multiativa e o Reino Unido como ativo-linear (cf. cap. 2). Alguns exemplos são: a impontualidade do brasileiro; a postergação de afazeres – o brasileiro privilegia o presente em detrimento do futuro; a conexão maior dos britânicos com negócios e atividades e menos com pessoas; a maior demonstração de sentimentos dos brasileiros; entre outros.

Contudo, por mais desafios que os informantes tenham enfrentado, e ainda enfrentem, para manter seus relacionamentos, todos se mostraram muito satisfeitos com o parceiro, apontando mais pontos positivos que pontos negativos da relação como um todo. Quando se trata de ser mais flexível e se adaptar mais à situação, nossos informantes mostraram que o expatriado tende a sofrer mais adaptações que o parceiro nativo, sugerindo que o local irá influenciar na relação do casal, como apontado pelo estudo de Romano (2008).

Sobre o local de residência do casal, nossos dados apontam que, entre os casais que vivem no Brasil, os britânicos falaram muito sobre o país em si, focando na cultura de forma geral, e menos sobre o relacionamento com o parceiro brasileiro. O brasileiro, por outro lado, ao viver no Reino Unido, não fez muito comentários sobre o país, porém, falou bastante sobre os britânicos e sua forma de se relacionar com outras pessoas, por exemplo. Logo, concluímos que viver no Brasil interfere mais na relação, no que diz respeito ao sistema brasileiro, pois em geral, os britânicos possuem um sistema em que podem confiar, com o qual se sente seguros, enquanto no Brasil o mesmo não ocorre, nem para o britânico, nem para o brasileiro.

Dessa forma, o expatriado britânico que vive no Brasil precisa aprender a lidar com o sistema, sem criticá-lo, pois, os brasileiros, apesar de muitas vezes concordarem, não aceitam muito bem as críticas e ficam ainda menos satisfeitos quando essas vêm de seus parceiros estrangeiros. Por outro lado, o expatriado brasileiro que vive em Londres, embora não tenha que se adaptar ao sistema – nossos entrevistados se mostraram muito satisfeitos com a estrutura britânica – precisa aprender a lidar com as pessoas locais, e mais vez, sem criticá-los, pois, pode ser ofensivo para o parceiro britânico.

Na seção seguinte (cf. 4.2), investigamos a influência da linguagem na relação. Ao percorrermos as linguagens verbal, não verbal e estilística, foi possível concluirmos que, embora no início da relação à língua verbal seja um pouco mais complicada – a comunicação nem sempre é fácil, pois há momentos que não sabem como se expressar muito bem na língua estrangeira – ela não se manifesta nas relações de forma a causar muitos conflitos entre os entrevistados. Claramente, o conhecimento da língua do parceiro dá ao estrangeiro uma autonomia particular e uma identidade na cultura do outro, já que, a partir do momento que pode se comunicar, o estrangeiro se sente menos dependente e mais inserido no ambiente.

Contudo, faz-se necessário ressaltar que, apesar de pequenos conflitos surgirem diariamente por problemas linguísticos, os nossos entrevistados alegaram que estes não afetam a relação, e alguns até se divertem com os pequenos deslizes da língua. Por outro lado, as diferenças que mais os afetam são as não verbais e estilísticas – e aqui incluímos a diretividade do britânico (cf. 4.2). Por pertencer a

uma cultura de alto contexto, o português é uma língua que comunica bastante com gestões e expressões, o que prejudica o entendimento por pessoas de culturas de baixo contexto, como o Reino Unido, em que isso não ocorre da mesma forma. Por isso, é importante que apresentemos essas características a um aprendiz de PL2E, pois o brasileiro, por pertencer a uma cultura mais coletivista, frequentemente toma determinadas críticas para o lado mais pessoal, privilegiando a indiretividade e evitando a diretividade britânica. Por isso, estudar os elementos inseridos na cultura subjetiva é crucial ao aprendermos uma nova língua.

Na seção 4.3, focamos nos aspectos da cultura – brasileira e britânica – e concluímos que os principais desafios encontrados pelos nossos entrevistados eram: o espaço que a família possui na vida do casal; o papel da mulher na família; tarefas domésticas; ciúmes, traição e dependência; e finalmente, a demonstração de emoção.

Como apresentado no capítulo 1, uma de nossas hipóteses iniciais era a de que a família do parceiro brasileiro iria influenciar de forma significativa o relacionamento deles. Para levantar esta hipótese, levamos em consideração o conhecimento popular de que a família brasileira é bastante presente e que, assim como em muitos casamentos brasileiros, em casamentos biculturais ela estaria também envolvida. Apesar de mais presente na cultura brasileira do que na britânica, a relação com a família não se mostrou um fator muito influente no relacionamento dos casais e nem os familiares parecem influenciar, ao menos de forma direta, na relação.

Já o tema ‘papel da mulher’ foi muito recorrente nas entrevistas, apesar de não termos feito nenhuma pergunta que levasse diretamente a esta seleção. A diferença do papel da mulher na sociedade britânica é um dos motivos que levam as brasileiras a gostarem dos relacionamentos com os britânicos. Muitas brasileiras não se veem em relacionamentos em que hajam papéis definidos por gêneros, como muitas vezes ocorre em culturas multiativas e coletivistas como a brasileira. As entrevistas brasileiras declaram que estar em uma relação que são vistas pelos parceiros com mais igualdade as motivam a superar os desafios que surgem em relações interculturais. Entretanto, ainda que felizes com algumas características dos homens britânicos, algumas das entrevistadas assumiram não estar totalmente

acostumadas a serem tratadas desta forma, e alegam ter tido algumas dificuldades de adaptação. Por outro lado, as britânicas possuem uma tendência a se adaptar um pouco mais ao papel da mulher na cultura brasileira, ainda que não completamente.

Outro tópico que faz parte da definição dos papéis no relacionamento é a responsabilidade das tarefas domésticas. Como vimos anteriormente (cf. 4.3), a cultura brasileira ainda responsabiliza a mulher pela manutenção do lar, e consequentemente, pela execução das tarefas. Dessa forma, cabe à mulher cuidar das roupas, da louça, da comida, etc., tendo quase nenhuma, ou nenhuma, participação do homem. Em nossos dados, quase todos os casais mencionam como essa visão é diferente do que acontece no Reino Unido, onde as tarefas são divididas igualmente, independente do gênero.

Com relação ao trio ciúme/traição/dependência, não apresentado em nossas hipóteses iniciais, mas muito presente em todas as entrevistas, concluímos que, de fato, os brasileiros são mais ciumentos que os britânicos e, consequentemente, mais dependentes emocionalmente. Entretanto, apesar de nossos entrevistados apontarem os brasileiros como mais desonestos e infiéis nas relações amorosas que os britânicos, não podemos afirmar isso, pois não houve nenhuma pesquisa quantitativa que pudesse confirmar essa teoria.

Por outro lado, confirmamos as teorias de Hofstede e Lewis ao descreverem a cultura brasileira como mais emotiva e aberta a demonstrar sentimentos em público e privado que a cultura britânica. Nossos entrevistados, tanto os brasileiros quanto os britânicos, contam que no início da relação tiveram que se adaptar um pouco, mas ao longo, os britânicos mostraram uma tendência maior em demonstrarem mais emoção, pois, de forma geral, dizem que gostam do jeito carinhoso dos brasileiros. Vimos, ainda, que essa demonstração de sentimentos, por mais que seja diferente em ambas as culturas, não interfere de maneira negativa na relação. Por outro lado, a dependência emocional do brasileiro e o costume de os casais brasileiros estarem sempre juntos em eventos com amigos e familiares, é bastante estranho para muitos britânicos, como apontaram nossos dados, e gerador de conflitos, principalmente para as mulheres brasileiras, por se sentirem excluídas da vida social do parceiro.

Finalizamos nossa análise com uma seção especial contendo os conselhos sugeridos por nossos informantes de como evitar os tipos de conflitos que eles vivenciaram, e dando dicas especiais aos interessados em entrar nesse tipo de relação (cf. 4.4). Nesta seção, comentamos como – apesar de falarem bastante sobre os desafios da relação, uma vez que as diferenças entre ambas as culturas são diversas – todos os nossos entrevistados se mostraram muito felizes, não somente com o relacionamento em si, mas com a oportunidade de estar em contato com uma cultura diferente e de se relacionarem com pessoas diferentes.

No que tange às três hipóteses iniciais, buscamos identificar, dentro das falas dos informantes, se eram verdadeiras ou não. Sobre a primeira hipótese – de que tanto os britânicos quanto os brasileiros encontram problemas em se adaptar à cultura do cônjuge e às suas tradições familiares – comprovamos que de fato ambas as nacionalidades encontram dificuldades em se adaptar à cultura do outro, mas o expatriado é o que mais sofre com essa adaptação.

Com relação à segunda hipótese, continuação da primeira – de que esta dificuldade aumenta quando o casal vive no Brasil e o britânico precisa, além de se adaptar ao sistema e ao cônjuge brasileiro, lidar com a nova família, uma vez que o brasileiro possui uma presença familiar muito mais forte do que os britânicos – não encontramos nenhum elemento que pudesse corroborar com nossa hipótese de que a família interfere na relação. Ao contrário, todos os entrevistados afirmaram ter um bom relacionamento com as famílias. Entretanto, é possível que com outros dados essas afirmativas pudessem ter sido ratificadas. Por outro lado, confirmamos que o casal que vive no Brasil sofre mais influências da cultura em suas relações, principalmente com relação ao sistema burocrático e menos eficiente que o britânico (de acordo com os depoimentos).

E, finalmente, sobre nossa última hipótese – de que há diferenças de tipos de conflitos quando o brasileiro é do gênero feminino ou masculino – relacionada à influência do gênero do brasileiro no tipo de conflito, também foi confirmada, por meio da forma como o papel da mulher é visto na cultura brasileira.

Chegamos, assim, a conclusão de que são quatro os elementos que mais influenciam a relação dos nossos entrevistados, a saber: (i) papel da mulher – funções homem/mulher; (ii) local de residência do casal; (iii) língua não verbal e

estilística; e (iv) ciúmes, traição e dependência. Obviamente outros elementos – como os citados na pesquisa de Romano (2008) (cf. cap. 2) – influenciam de forma positiva ou negativa a relação do casal anglo-brasileiro. Contudo, não se mostraram tão relevantes em nossa pesquisa quanto os quatro citados. É possível que, com um número maior de casais participantes, outros resultados fossem encontrados.

Com o objetivo de deixar mais clara a descrição dos indivíduos das culturas brasileiras e britânicas, com base nas características apontadas por nossas teorias e por nossos entrevistados, optamos por apresentar o quadro a seguir, de modo que fique mais fácil comparar e entender ambas as culturas.

	Brasileiros (homens e mulheres)	Britânicos (homens e mulheres)
Hall e Bennett	Cultura de alto contexto: indivíduos encontram significado nas palavras, gestos e expressões. A maior parte do significado está nas entrelinhas, dito indiretamente; as relações são baseadas em sentimentos e intimidade.	Cultura de baixo contexto: indivíduos são mais diretos. O significado está no código linguístico em si e a mensagem é entendida mais literalmente; as relações são menos íntimas e mais distantes.
Lewis	Cultura multiativa: indivíduos são mais extrovertidos, preferem o público, tendem a ser impontuais e possuem uma agenda menos previsível; são mais emotivos e possuem irrestrita linguagem corporal; social e profissional se misturam; e a quebra de regras é frequente.	Cultura ativo-linear: indivíduos são mais introvertidos, preferem o privado, tendem a ser mais pontuais e planejam com antecedência; não são muito emotivos e possuem limitada linguagem corporal; social e profissional são separados.
Hofstede	Cultura coletivista: indivíduo pensa na comunidade; espera-se que ajude a família e os amigos mais próximos; frequentemente vê as situações pelo lado pessoal. Cultura feminina: indivíduo tende a ser modesto e a focar na qualidade de vida; homens e mulheres são vistos de forma mais igualitária, com menos desigualdade e papéis mais fixos.	Cultura individualista: indivíduo se preocupa mais consigo mesmo; espera-se que ele próprio obtenha seu sucesso, acreditando na meritocracia; rejeitam a ideia de nepotismo. Cultura masculina: indivíduo mais competitivo, mais voltado para o sucesso profissional e supervaloriza o trabalho; homens são mais duros, mais emotivos e mais focados no profissional; mulheres são mais carinhosas e tendem a focar mais na família.
	- Indivíduos são mais: sociais, ciumentos, apaixonados,	- Indivíduos são mais pontuais, polidos; planejam com

Nossos entrevistados	espontâneos e impontuais (não preocupados com o tempo); família e amigos são importantes. São divertidos, animados e gostam de aproveitar a vida. - Demonstram mais emoção e se comunicam mais com gestos e expressões faciais. Também são mais dependentes emocionalmente e mais afetuosos. - Homens e mulheres possuem papel mais definido na sociedade e na casa; tarefas domésticas são atribuídas mais às mulheres.	antecedência; a família é menos importante. São mais reservados, leais e confiáveis; valorizam a individualidade e o respeito mútuo. - Demonstram menos emoção e possuem uma comunicação mais direta, com uso de palavras mais que gestos e expressões faciais. - Homens e mulheres possuem direitos mais iguais, com menos definição de papéis.
-----------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Quadro5: Quadro geral comparativo

Por fim, acreditamos que esta pesquisa corroborou com nossas hipóteses iniciais, além de nos possibilitar confirmar as afirmações iniciais da cultura brasileira ser uma cultura de alto contexto, coletivista e multiativa; assim como a cultura britânica ser de baixo contexto, individualista e ativo-linear (Bennett, 1998, Hofstede, 2010, Lewis, 2006). No entanto, não encontramos em nossos dados elementos que pudessem comprovar que a cultura brasileira possui mais feminilidade que a cultura britânica, como afirma Hofstede (2010), pois há elementos que mostram que tanto a cultura brasileira quanto a britânica possuem traços das duas categorias. Ainda que com maior pontuação na escala de Hofstede (66), e por de fato compartilhar alguns dos elementos das culturas com mais masculinidade – como a meritocracia, por exemplo – o Reino Unido apresenta características como menor distinção de papéis de gêneros na sociedade, elemento pertencente às sociedades com maior pontuação em feminilidade.

Embora tenhamos escolhido as teorias do interculturalismo para este trabalho, temos ciência de que não podemos assumir que estudos interculturais como os aqui apresentados retratem toda e completamente a cultura de uma nação, uma vez que é limitado a determinados grupos da sociedade. Dessa forma, não podemos falar de uma cultura geral e única, quando sabemos que há muitos fatores que podem influenciar essa visão. No entanto, assumimos que trabalhar com grupos representativos e dimensões (cf. cap. 2) com escalas podem ajudar a melhor

entender as diferenças, uma vez que não podemos encaixar uma cultura apenas em dois pontos: certo x errado, grande x pequeno, etc. Há nuances que precisam ser levadas em consideração para que nenhum tipo de estereótipo seja desenvolvido, por isso importante trabalhar com escalas como os teóricos aqui mencionados.

Consequentemente, ao tentarmos identificar padrões recorrentes em determinada culturas, estamos entrando em uma linha muito tênue do que pode ser considerado uma generalização do que ocorre em um país específico, e do que é um estereótipo criado por pessoas não pertencentes àquela cultura e assim não conhecedora da realidade. Por isso, quando trabalhamos com cultura, devemos ficar atentos a evitar criar estereótipos, e investigar a cultura a fim de encontrar eventos que se repitam e que possam ajudar a construir generalizações que facilitem os estrangeiros a encontrarem em contato com essa cultura.

Como possíveis desdobramentos desse trabalho, consideramos ser importante investigar se realmente há mais mulheres brasileiras em relacionamentos com homens britânicos do que ao contrário, como demonstra nosso corpus. E se isso ocorre, vale a pena investigar o porquê dessa ocorrência. Além disso, as pesquisas futuras devem considerar incluir outros aspectos que podem influenciar a relação, listados por Romano, como filhos, religião, etc. Acreditamos, ainda, que incluir os membros das famílias (pais, irmãos) e amigos entre os entrevistados poderá trazer resultados diferentes, enriquecendo ainda mais a pesquisa. E finalmente, incluir os casais homossexuais entre os participantes poderá trazer resultados diferentes e relevantes para esta pesquisa.

Embora tenhamos concluído que não há uma fórmula que possa ser utilizada para viver um relacionamento intercultural bem-sucedido, assim como não há para nenhum outro tipo de relacionamento, vimos que há determinados padrões que são frequentes nesses relacionamentos – ao menos no relacionamento entre brasileiros e britânicos – que podem ser apresentados para os alunos em sala de aula.

Acreditamos, com isso, que tenhamos atingido os nossos objetivos iniciais, possibilitando, assim, que o professor e o aprendiz de PL2E possam obter um material para auxiliá-los a refletir sobre o ensino-aprendizagem da língua portuguesa e da cultura brasileira.

Referências bibliográficas

AFONSO, V. C. G. **I am what I am or yes, we can?: a comparative study on individualism and collectivism in the American and Brazilian cultures.** Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2016.

ALVES, J. E. D. CAVENAGHI, S. M. **Indicadores de desigualdade de gênero no Brasil.** In: Mediações. Londrina/PR, v. 17 n. 2, p. 83-105, jan/jun 2012.

ALVES, J. E. D. e CORRÊA, S. **Igualdade e desigualdade de gênero no Brasil: um panorama preliminar, 15 anos depois do Cairo.** Texto apresentado no Seminário Brasil, da Abep, em Belo Horizonte, em 12 de agosto de 2009.

BARONCELLI, L. **Amor e ciúme na contemporaneidade: reflexões psicossociológicas.** Psicologia & Sociedade, 23, 2011, 163-170.

BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação.** Rio de Janeiro: Quartet Editora: Faperj, 2013.

BBCBrasil.com. **Calculadora revela desigualdade de gênero no mundo.** Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2015/11/151118_100w_calculador_vj_2015. Acesso em 18 de março de 2017.

BECKER, H. S. **Segredos e Truques da pesquisa.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BENNETT, M. J. **Intercultural Communication: A Current Perspective.** In: _____ (Org.). Basic Concepts on Intercultural Communication - Selected Readings. Yarmouth: Intercultural Press, 1998. Pp. 1-34.

_____. **O que é interculturalidade?** Revista Época. Editora Globo, 2011. Disponível em <http://wp.me/s3XP0G-teste5>. Acesso em 20-02-2017.

CAMBRIDGE. **Free English Dictionary.** Disponível em: <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/english>, acesso em 20 de abril de 2017.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (org.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa. Teorias e Abordagens.** Porto Alegre, Artmed, 2006.

_____. **Handbook of qualitative research.** London: Sage Publications Inc. 2000.

GUBRIUM, J. F. e HOLSTEIN, J. A. (Eds.). **Handbook of Interview Research: Context and Method.** Thousand Oaks CA: Sage, 2002.

HALL, E. T. **Beyond Culture.** Nova York: Anchor Books/Doubleday, [1976] 1989.

HINTZ, H. C. **Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade.** Pensando Famílias, v. 3, 2001. P. 8-19.

HOFSTEDE, G. **Cultures and Organizations: Software of the Mind.** New York: Mc Graw Hill, 2010.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2001.

LEWIS, R. D. **When Cultures Collide: Leading Across Cultures.** 3rd ed. London: Nicholas Brealey publishing, 2006.

MANZINI, E. J. **Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada.** In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: eduel, 2003. p.11-25.

MEYER, R. M. ALBUQUERQUE, A. (org.). **Português para estrangeiros: questões interculturais.** Rio de Janeiro: ed. PUC-Rio, 2013.

MEYER, R. M. de B. **Cultura brasileira e língua portuguesa: do estereótipo à realidade** IN: CUNHA, M. J. C. e SANTOS, P. (orgs.). Tópicos em português língua estrangeira. Brasília: Ed. da UnB, 2002. Pp. 201-207.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

NEVES, J. L. **Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisas em administração. São Paulo, V.1, No3, 2o sem./ 1996.

OLIVEIRA, F. da S. P. **O estereótipo da mulher brasileira nas propagandas de cerveja e a formação intercultural dos aprendizes de PL2E.** Dissertação de mestrado – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, J. **Brazil – A guide for a business people.** USA: intercultural Press Inc., 2001.

OLIVEIRA, T. de. **Educação e ascensão social: performances narrativas de alunos da rede pública federal na Baixada Fluminense.** Tese de doutorado – Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2012.

PARANHOS, M. L. M. **Welcome to PUC-Rio!: um estudo sobre alunos internacionais e interação cultural sob a perspectiva do Design.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2011.

PETERSON, B. **Cultural Intelligence: A guide to work with people from other cultures.** Yarmouth, USA, London, UK: Intercultural Press, 2004.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Normas para apresentação de teses e dissertações.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1980.

RENALDS, T. G. **Communication in Intercultural Marriages: Managing Cultural Differences and Conflict for Marital Satisfaction.** Department of Communication: Liberty University, Lynchburg, Virginia, 2011.

REVUZ, C. **A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.** In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua (gem) e identidade.* 2. ed., Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.

RITTINER, M. E. N. **Ser estrangeiro: a construção das múltiplas identidades nas relações afetivo-conjugais interculturais helvético-brasileiras.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. In BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. dos. **A entrevista na pesquisa qualitativa: perspectivas em análise da narrativa e interação.** Rio de Janeiro: Quartet Editora: Faperj, 2013.

ROMANO, D. **Intercultural Marriage: Promises & Pitfalls**. 3rd ed. Yarmouth, ME: Intercultural Press, 2008.

SANTOS, D. T. dos. **Tempo intercultural: o conceito de pontualidade na cultura brasileira e o ensino/ aprendizagem de PL2E**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, B. R. S. da. **A Família Brasileira no contexto do ensino/aprendizagem de PL2E: léxico, e graus de parentesco**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.

THE HOFSTEDE CENTER. 2001. **What about Brazil?** Disponível em: <https://geert-hofstede.com/brazil.html> Acesso em 20 de abril de 2017.

WIERZBICKA, A. **Emotions Across Languages and Cultures: Diversity and Universals**. United Kingdom: University Press, Cambridge, 1999.

WIKIPEDIA, **Stiff Upper Lip**. Disponível em https://en.wikipedia.org/wiki/Stiff_upper_lip, acesso em 20-04-2017.

ANEXO 1: CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO

...	pausa não medida
.	entonação descendente ou final de elocução
?	entonação ascendente
,	entonação de continuidade
-	parada súbita
=	elocuições contínuas, enunciadas sem pausa entre elas
<u>sublinhado</u>	ênfase
: ou ::	alongamentos
[início de sobreposição de falas
]	final de sobreposição de falas
()	fala não compreendida
(())	comentário do analista
“palavra”	fala relatada, reconstrução de um diálogo
hh	risos
↑	subida de entonação
↓	descida de entonação

ANEXO 2: ROTEIRO DE PERGUNTAS SEMIESTRUTURADAS

1. Como e onde vocês se conheceram?
2. Como foi a decisão de morar neste país? (Vocês decidiram isso juntos?)
3. Em que língua vocês começaram a se falar? E agora?
4. Houve interesse em um estudar a língua do outro? De quem foi a iniciativa?
5. Como você se sente conversando com seu (sua) parceiro (a) usando uma língua não-nativa para você ou ele (a)? Houve algum momento em que a língua foi uma dificuldade para vocês? Se sim, você pode dar algum exemplo? Como lidaram com isso?
6. É a primeira vez que você tem um relacionamento com um estrangeiro?
7. Em sua opinião, há alguma particularidade em se relacionar com uma pessoa de nacionalidade diferente da sua? Se sim, pode dar alguns exemplos?
8. Há partes positivas e/ou negativas em estar se relacionando com uma pessoa estrangeira?
9. Como é o seu relacionamento com a família dele (a) e o relacionamento dele (a) com a sua família? Sempre foi assim?
10. Você poderia dizer que houve algum tipo de conflito, ou mal-entendido com ele (a) ou com a família dele (a) por causa da língua ou da cultura? De que maneira?
11. Você acredita que se vocês morassem em outro país seria diferente? Como?
12. Você teria algum conselho para dar a alguém que está começando a sair com um (a) estrangeiro (a)? Qual?
13. Você tem algum episódio do qual se lembre sobre vocês que gostam de compartilhar com seus amigos/ gostaria de compartilhar conosco?

ANEXO 3: QUESTIONÁRIO SOCIOCULTURAL

	Brasileiro (a)	Estrangeiro (a)
Nome:		
Idade:		
Nacionalidade:	XXXXXX	
Nível de escolaridade:		
Profissão:		
E-mail:		
Onde vive atualmente:		
Há quanto tempo:		
Países em que já viveu:		
Línguas que fala:		
Há quanto tempo estuda português?	XXXXXX	
Tempo de relacionamento:		
Vivem na mesma casa:		
Filhos:		

ANEXO 4: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “A interferência dos aspectos culturais em relacionamentos amorosos entre estrangeiros e brasileiros”. A pesquisa tem como responsável a aluna de mestrado do Programa de Pós-Graduação de Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Sônia Maria do

Nascimento Lisboa, sob orientação da Prof.^a Dra. Rosa Marina de Brito Meyer.

Nesta pesquisa pretendemos investigar como se dão as relações conjugais entre brasileiros e estrangeiros e como a diferença de cultura pode interferir nesse relacionamento. Para tal, você participará de uma entrevista com algumas perguntas sobre diferenças culturais. A entrevista será gravada em áudio e a gravação será ouvida e transcrita por mim. Os arquivos de áudio serão utilizados somente para geração de dados. Mesmo após as gravações, caso deseje retirar sua participação na pesquisa, poderá solicitar a destruição dos dados e desconsideração de seu conteúdo. Se você não quiser ser gravado em áudio, você não poderá participar deste estudo.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em “RISCOS MÍNIMOS”, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, ler um livro, ouvir uma música, assistir à televisão etc. Você pode achar que determinadas perguntas incomodam você porque as informações que coletamos são sobre suas experiências pessoais. Assim, você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado. A pesquisa contribuirá para o melhor entendimento das relações pessoais entre pessoas de nacionalidades diferentes, mas não será, necessariamente, para seu benefício direto e imediato.

Você não terá qualquer custo para participar desse estudo e também não haverá vantagens financeiras. Todas as informações têm caráter confidencial, sendo a apresentação de resultados realizada através de codinomes ou nomes inventados, de modo a impedir a identificação individual de cada participante. Você fornecerá nome, telefone e e-mail de contato apenas para que eu possa lhe contatar em caso de necessidade. Seu nome ou material que indique sua participação não serão, em hipótese alguma, liberados sem sua permissão. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando esta for concluída.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada por mim, e a outra via será fornecida a você. Sua identidade será tratada com padrões profissionais de sigilo, utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, de maneira livre, esclarecida e voluntária, concordo em participar da pesquisa “A interferência dos

aspectos culturais em relacionamentos amorosos entre estrangeiros e brasileiros”, acima explicitada. Estou ciente do assunto, do objetivo do estudo, dos procedimentos, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou ciente de que, em qualquer fase da pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem penalização alguma e sem nenhum prejuízo, e declaro que recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido, tendo sido me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Declaro ainda que, em caso de qualquer questão relativa aos aspectos éticos desta pesquisa, bem como dúvidas que surjam posteriormente, poderei consultar diretamente a mestrandia Sônia Maria do Nascimento Lisboa, pelo e-mail sonialisbo@gmail.com, ou pelo telefone (21) XXXX-XXXX, ou a professora orientadora Dra. Rosa Marina de Brito Meyer, pelo e-mail rosameyer@puc-rio.br, ou pelo telefone (21) XXXX-XXXX.

Assinatura _____

Local/Data

Telefone de contato _____

E-mail _____

Assinatura (Pesquisador):

Nome:

Local/Data:

ANEXO 5: TRECHOS SELECIONADOS DAS ENTREVISTAS⁸³

Referente aos tópicos da seção 4.1

“eh:: acho que pra qualquer casal, não somente com estrangeiros, mas, é muito fácil casar, é mais difícil manter o casamento né? eh:: então por isso eu acho que... você tem que ter certeza que é essa a pessoa que você quer casar. e por isso vocês precisam ficar juntos, acho que:: relacionamentos de distância, quando vocês não estão juntos. por exemplo, é muito difícil. e:: eu acho que vocês têm que ficar juntos na mesma cidade pra conhecer a pessoa e:: não somente a pessoa, mas a família dele ou dela também . você tem que ver como:: são os relacionamentos entre eles e:: porque casamento já é difícil, mas com mais hã:: dificuldades ou:: diferenças, com mais diferenças pode colocar mais estresse no relacionamento e se você casa com estrangeiro:: já é difícil entre homem e mulher. já é difícil, mas com mais diferenças culturais e familiares eh:: e:: se você mora num país diferente, porque é mais fácil pra gente porque ou a gente tá na Inglaterra ou a gente tá no Brasil, mas imagina se a gente fosse pra outro país diferente, Índia, por exemplo:: seria muito mais difícil (**Larah, britânica**)

“I think that life:: would be more difficult there ((Brazil)) and that could create more stress in the relationship (...) mais difícil pra mim (...) porque:: aqui eu eu:: falo a língua, eu tenho um bom trabalho e:: eu:: eu sei que... fazer muitas coisas, eu não preciso de:: ‘I know how the country works I know how to resolve things and in Brazil I wouldn’t know this, not to start with’ e:: lá a vida é mais complicada, é mais burocracia ((burocracia)) (...) it would take some time for me to understand this, it would be difficult or me and more difficult for the relationship” (**Steven, britânico**)

“it would be easier for me there because they like include me they would include me in everything they do but it is harder for Carla here because that is not our way to pick the audience, there is more normal to do things are separately . it is nothing personal, that is how it is usually to be in here” (**Norton, britânico**)

“eh:: eu acho que positiva eh:: eu acho que porque eu tenho a oportunidade de conhecer outros países, eu tenho a oportunidade de praticar o ídiô::ma, tenho oportunidade de conhecer outras pessoas↑(...)” (**Elaine, brasileira**)

“um ponto positivo eh:: você:: eu posso aprender muitas coisas cada dia sobre:: o país, sobre o diferenças em cultura. é interessante (...)” (**Steven, britânico**)

[ao falar sobre pontos positivos das brasileiras] “Si::m com uma brasileira eu acho que um ponto positivo:: seria ela tá:: que é diferente do que eu tô acostumado:: ela tá sempre querendo tipo faz, tipo tá perto de mim, faz coisas comigo ela quer muito tipo:: ela mostra, ela mostra tipo sabe muito amor sabe tipo:: sempre mostrando (...)” (**Will, britânico**)

“(...) eu acho que em geral os ingleses são mais de escrever os sentimentos e brasileiros são mais de falar os sentimentos então pra ele foi muito fácil falar ‘eu te amo’ e pra mim foi muito mais difícil falar. (...) e na área de planejar... essa foi uma grande diferença porque acho que os ingleses gostam de planejar tudo certinho, horário, data, aonde, quantas pessoas, a gente precisa mais informação e:: acho que brasileiros não:: (...)” (**Larah, britânica**)

(...) o negativo hh é porque eu não estou em constante contato, pessoalmente, com minha família↑ eu não fico em contato com minha língua materna↓ hã:: que mais? eh:: basicamente é isso” (**Elaine, brasileira**)

⁸³ Não inseridos no corpo do trabalho, mas utilizados para questão de análise.

“(…) negativo:: hã:: a vida é mais complicada:: to start with ‘in the early days, in the early time’ por causa do lei você precisa de fazer muitas coisas de vistas ((querendo dizer visto)) e outras coisas e:: mais complicado e:: mais ‘expensive’, mais caro” (**Steven, britânico**)

Referente aos tópicos da seção 4.2

“olha no começo eu achava muito legal sabe eh:: conversar com ele em inglês ... tanto porque eu treinava o meu inglês com ele então ele me ajudou bastante mesmo depois de eu ter morado dois anos na Austrália. eh:: então eu gostava bastante, só que eu não me expressava direito do jeito que eu queria ... então eh:: que você sabe a gente brasileiro, a gente tem várias expressões pra várias coisas né? e eu às vezes não conseguia me expressar do jeito que eu queria e aí eu acabava soltando em português e ele não entendia hh aí ele ‘que que você falou? Eu não entendi’ mas aí depois que a gente começou a falar mais português eu acho que me senti mais ... solta assim sabe com ele:: em relação às expressões e do jeito que eu me sentia . até ele também né ... então eh:: eu acho que agora, se eu quiser falar em inglês com ele uma coisa pra ele entender eu falo:: e em português também, mas eu acho que eu me expresso bem melhor em português ou algumas coisas que:: já é nativo, a gente já fala e sai na hora né? e em inglês eu não fico meio que pensando no qual que é expressão que fala pra poder eh:: pra ele poder ver o sentimento sabe do que você tá falando ou seja raiva ou seja alegria ... ou outra coisa↓ (**Carla, brasileira**)

“é:: geralmente não tenho problemas, mas às vezes para expressar alguma coisa é difícil porque não tenho um vocabulário para () minha língua e:: porque nós conversamos naturalmente às vezes ele não entende que eu não entendo uma palavra ou eu não tenho o vocabulário. ele esquece que eu estou falando uma outra língua ... então ... por exemplo... eh:: ... coisas como muito ... simples ou básicas às vezes ... outro dia eu lembro que eu não lembrei a palavra para um tipo de ferramenta que ele usa. e ele não entendeu como ((muda a voz)) ‘como você não sabe o nome para essa palavra’ e eu falei você sabe essa palavra em inglês? hh por que ... por que eu preciso saber o nome dessa coisa” (**Katty, britânica**)

“(…) e:: no começo, acho que pra minha mãe, como que os ingleses falam ‘por favor’ e ‘obrigada’ por tudo e:: a gente fala ‘por favor, você pode me passar o sal, obrigada’ ou ‘por favor, você pode me ajudar aqui, obrigada’ e:: acho que a minha mãe achava ele muito ingrata porque ele não falava obrigada por tudo... até hoje ele tem que fazer muita força hh de agradecer minha mãe, mas acho que brasileiros não falam tanto obrigado como os ingleses, mas quando o brasileiro fala obrigado é mais sincero hh” (**Larah, britânica**)

“(…) eu acho até um pouco estressante, sabe? lembrei agora duma criatura que trabalha comigo. ela:: toda vida eu - já nem falo mais com ela, não. eu não tenho mais paciência pra falar com ela, não, sabe? ela disse que toda vida que eu falo com ela eu sou arrogante, eu sou muito ‘bossy’ o que é bossy? (...) aí pra falar com ela você tem que falar com ela perfeitamente ah e não pode falar alto e eu já falo alto né () aí, com os outros também já tá acostumado , né? sabe que o meu jeito de falar é alto essas coisas, é que nem italiano. italiano não tem aquelas mímicas toda... hh já eu, já falo já gritando hh...” (**Elaine, brasileira**)

“eh:: um ‘mix’ de combinação. quando eu tô falando em português que eu sei. palavras que eu sei bem eh:: eu sente... confortável com essas palavras e senti – ‘feelings’, mas quando eh:: novas:: palavras novas é mais difícil↓ (...) eu acho que:: quando você tá aprendendo uma língua, você ‘meet your points’ quando você eh:: posso falar ‘anything’ mais ‘indirectly’ a gente não:: sente, sabe? as palavras. direitas, mas ‘you can find the way around’” (**Steven, britânico**)

“ah sempre tem coisas né? mas geralmente são coisas muito bobas né? são:: eh:: geralmente são coisas muito bobas para uma das partes, mas muito importante para a outra parte eh:: os ingleses por exemplo... eles têm duas palavras que eles falam que é um vício de linguagem, basicamente um vício de linguagem. eles falam muito ‘obrigado’ toda hora pra qualquer coisa e muito ‘desculpa’, então eh:: qualquer gesto, qualquer, num lar inglês com a família dela:: então se a mãe dela tiver na mesa e eu passar um saleiro pra mãe dela, ela vai falar pra mim ‘obrigado’ se eu pedir ah:: sei lá qualquer outra coisa na mesa tem que falar ‘obrigado, obrigado obrigado’, então é ‘obrigado’ o tempo todo né. hh ‘obrigado’ tempo todo e:: desculpa o tempo todo ‘I’m sorry, I’m sorry, I’m sorry’ então tem muito ‘I’m sorry’, tem muito ‘thank you’ o tempo todo.

então eu não falava isso:: era:: então tive até um atrito, a mãe dela teve um atrito comigo, ela achou que era uma pessoa muito ingrata que não falando ‘obrigado’. eu disse pra ‘não o que acontece é o seguinte, a gente do Brasil... se se eu falo obrigado toda hora isso não significa nada eh:: mas quando a gente tá saindo da casa, na porta já despedindo fala, muito obrigado por tudo o que você, fez pelo jantar, tava delicioso e tal tal, a gente fala obrigado no final’ hh e dá um abraço ainda hh” **(Pedro, brasileiro)**

Referente aos tópicos da seção 4.3

“sim, a gente já se conheceu. eh:: no primeiro ano que a gente começou a namorar eu fui passar o natal lá na casa dele lá na Inglaterra, aliás já passei dois natais lá né↑ e ano passado a:: os pais dele vieram visitar a gente e uma das irmãs também. então assim o meu relacionamento com eles é muito bom sabe? mas é aquela coisa que eu te falei, eles são frios eh:: a sogra - o meu sogro ele é todo caloroso, ele abraça, ele beija, ele pergunta. a irmã dele também. só que:: a mãe dele e a irmã mais velha elas são mais frias . então no começo eu achava que ela não gostavam de mim . pelo fato delas não demonstrarem isso com palavras, elas são mais de demonstrar com ações né... então assim ... elas eram muito quietas e muito:: assim às vezes elas não demonstravam o que elas tavam pensando né? aí eu acabei perguntando ‘caramba por que que os dois gostam e outros dois são assim ? mas seu jeito deles né. no ano passado, quando eles vieram pra cá, eu tava com um prob- um momento difícil que eu tava depressão, tudo. e foi aí que eu vi o quanto que eles gostam de mim porque:: a minha sogra ficou do meu lado o tempo todo quando eu tava passando no médico, psicólogo, tudo. e mesmo não entendendo a língua:: ela foi comigo e ficou comigo, então eu achei isso muito legal” **(Nádia, brasileira)**

“muito tranquilo. muito tranquilo e confortável hã:: cada vez .. eu vou para Monte Claro com minha esposa, cada vez eu falo um pouco mais ... português e hã:: e:: eles podem mostrar, podem ver que estou tentando:: e eu posso dizer mais também, falar mais comigo também e agora nosso relacionamento é muito tranquilo” **(Taylor, britânico)**

“(...) eu acho que a beleza da brasileira atrai os homens estrangeiros hh mais o estrangeiros hh não sei. mas talvez mais difícil o:: eu imagino que é mais difícil brasileiras casadas com inglês porque:: os ingleses são muito fechados e:: eu acho que os ingleses não trata as mulheres ... porque na Inglaterra nós somos mais iguais e em Brasil os homens tem o:: eh:: ... role, role? (...) papel, o papel do homem é mais definido e a papel da mulher é diferente mas na Inglaterra é mais igual e acho que as brasileiros se eles fossem pra morar lá fora eu acho que:: eles vão sofrer mais porque eu:: por exemplo do que eu morando aqui porque os brasileiros eles tratam super bem estrangeiros e lá:: os ingleses não tratam muito bem estrangeiros... e:: também eu acho que:: é mais fácil ... eh:: adaptar numa família que é muito:: how do you say welcoming? muito abraçando?” **(Larah, britânica)**

“(...) eh:: talvez essa questão do gênero né? assim as mulheres são bem mais eh:: como posso dizer? é difícil explicar né? (...) na Europa homem e mulher são muito equivalentes né? então é a:: então às vezes, essa dinâmica latino-americana (...) levou mais tempo a gente encaixar (...) foi mais difícil que a gente entendesse o papel de cada pessoa:: de cada pessoa no casamento (...)” **(Pedro, brasileiro)**

“(...) mas interessante:: que eu percebi observando os casamentos transculturais... latinos casados com europeus ou americanos... tem, tem prós e contras que eu já observei . primeiro que você observa a queixa, sempre escutei muito as queixas . então a mulher latino-americana, brasileira, que casa por exemplo com um europeu, ela terá uma:: como se diz... na verdade ela vai ser a chefe, vamos dizer assim... a líder da casa... geralmente é assim () eu acredito que é por causa da emancipação da mulher na Europa . então o homem, ele tende a ser mais retraído e a mulher acaba:: assumindo assim... o homem vai trabalhar, tudo normal, provir e tal, mas ele lava, passa, cozinha e:: eu também faço isso, mas ele tem um papel assim que a mulher ela passa a observar... ela:: você:: como diz os próprios ingleses né ‘as mulheres vestem as calças’ hh os próprios ingleses dizem isso né? **(Pedro, brasileiro)**

“(...) pra Larah:: ela, ela conseguiu ver uma distinção maior entre a mulher brasileira e o homem, a maior distinção. isso aí foi:: interessante observar isso, acho que foi até libertador, sabe? porque lá na Europa, a emancipação da mulher na Europa causou muitos problemas nisso né? você vê

uma sociedade igualitária, mas não assim no sentido de direito, mas sem muita distinção entre homem e mulher eh:: e isso causou uma falta de autoestima nos homens muito grande na Europa inteira . uma retração e emancipação da mulher na Europa inteira... então isso não foi muito legal na Europa . a Europa tá sofrendo sérias consequências com isso né? eh:: a emancipação da mulher na Europa eh:: causou uma série de coisas uma série de:: principalmente na:: hoje ser homem na Europa é muito complicado hh é muito complicado ser homem na Europa. eles estão muito retraídos, muito retraído. o número de homens em faculdade diminuiu... 70% de pessoas na faculdade na Europa são mulheres, hã:: apesar que as feministas né? estão sempre brigando, dizendo que:: a mulher recebe menos, mas se você for olhar os fatos, as estatísticas, as mulheres estão em avanço, nada contra né, eu acho que isso na sociedade é meio complicado quando não tem distinção de responsabilidades... não é que a mulher tá debaixo do homem, mas são responsabilidades diferentes . que se completam. então pra Larah aqui no Brasil foi bem interessante↓ (...) foi uma adaptação, mas na Europa:: tem toda uma expectativa dura com as mulheres também né? quando ela volta pra Inglaterra uma expectativa muito mais forte que as pessoas têm, que a sociedade tem sobre ela né... até mesmo Larah grávida, eu fiquei meio chocado com isso lá . e depois eu fui pesquisar... no mundo anglo-saxônico a mulher... a mulher grávida, ela não é estimada como em países fora do:: desse mundo anglo-saxônico:: a mulher ela:: grávida aqui no Brasil é uma maravilha né? as pessoas param na rua, querem até botar a mão na barriga né?” **(Pedro, brasileiro)**

“ah eu tenho uns assim eh:: volta e meia quando a gente sai, quando a gente saía, né, no começo, ele achava um absurdo os caras virem falar comigo hh eh:: uma coisa absurda, assim . primeiro ele ficava muito admirado porque lá você não tem essa coisa de:: se aproximar de uma garota numa festa e:: não sei, puxar a menina e tentar beijar a menina, esse negócio de beijar na festa não tem muito, né? eles quando se interessam por alguém numa festa, eles vão conversar com a pessoa e eventualmente chamar a pessoa pra sair e aí eles vão dar um beijo na pessoa, sabe? não tem essa coisa de você tentar pegar e beijar na mesma noite... e ele achava isso muito estranho e muito desrespeitoso também assim, dos garotos, né, comigo . só que ele não fazia nada ao mesmo tempo porque ele achava que quem tinha que se livrar dos garotos, do cara que tá chegando em mim, sou eu... que ele não tem que se meter assim, sabe? ele falava ‘não, você é grandinha, você é uma pessoa suficientemente autônoma pra falar pro cara que você não tá afim dele . eu não tenho que mostrar que eu sou seu namorado . e aí eu tinha um problema muito grande com isso, né, porque assim . os caras chegavam em mim e eu falava que não ia, não ia ficar com eles . aí eles ficavam ‘ué, mas você não vai ficar comigo por quê? porque eu tenho namorado ‘ué? então cadê o seu namorado’ aí eu falava, quando o Mike estava comigo, né, eu falava ‘ah, meu namorado tá ali’ daí ele dizia ‘não, isso é mentira porque o seu namorado tá ali com os amigos dele e não tá com você por quê? hh aí eu ficava ‘não é que:: ele é meu namorado e é verdade, sabe? e aí eu ficava muito irritada com isso primeiro porque eu não tenho que ficar explicando que eu não quero beijar porque eu tenho namorado e segundo porque:: eu também não quero ficar explicando que o meu namorado precisa estar comigo o tempo inteiro pra ser meu namorado, sabe? e o Mike achava isso assim, não, eu não tenho que falar nada . você que tem que:: . é enfim, falar o que você quiser né, com as pessoas hh se livrar dele . você é suficiente, você pode fazer isso por você. você não precisa que eu faça isso por você. aí a gente conversou sobre isso e eu falei ‘Mike, por favor, sabe? quando isso acontecer, quando você vê alguém falando comigo numa festa, você por favor, tome iniciativa de ir se livrar da pessoa por mim, entendeu? hh porque eu fazer isso sozinha não está adiantando e isso tá me deixando muito irritada’. aí ele passou a fazer isso sabe, apesar de achar isso ridículo, ele sempre fala ‘eu acho isso ridículo. me livrar dos garotos por você’ e eu falo ‘eh:: eu também acho, mas infelizmente aqui é assim que funciona’, né, hh” **(Jane, brasileira)**

“hã, sim. essa coisa de diferenças culturais isso é muito óbvio na nossa relação. faz nossa relação mais difícil, entendeu? por exemplo:: hã eu lembro um dia que cheguei num bar, eu marquei pra encontrar Jane neste bar em botafogo, às 8:00 da noite, e:: eu não tava lá sozinho durante 45 minutos e ela chegou . isso é normal no Brasil né?? cheguei atrasado e:: eu:: e eu tava com raiva porque eu tava sozinho esperando ela e:: ela falou ‘ah, não, mas eu tava falando com alguém e não foi possível sair’ aí eu falei ‘não, mas você sabia que eu tava te esperando e você continuou com a conversa’. e aí e aí a gente comer juntos e aí depois eu falei para ela ‘então eu vou para casa’ e ela ficou com raiva porque um brasileiro nunca voltaria para casa e deixar a namorada dele sozinho no bar... isso significa que você não. você não ama de mim não me ama, eu falei ‘mas não é assim. você é uma pessoa independente e antes de . antes de me conhecer você já

sobreviveu . então por que precisa de mim pra voltar pra casa? pra ir pra festa da sua amiga?’ são coisas assim que faz a relação mais. muito difícil. e:: hã:: sou uma pessoa muito lógica (...)” (**Mike, britânico**).

“então isso é diferente que eu achei e:: menos machistas assim, eu não sei é porque o meu marido assim por um tempo- os pais eles são divorciados, então ele aprendeu a se virar bem, então ele me ajuda muito em casa, sabe? Aliás tem até umas coisas que ele faz mais do que eu em algumas áreas e isso os meus exs assim no Brasil, eu sentia que as mães cuidavam muito, sabe? Os meninos não sabiam fazer um arroz, sei lá, sabe uma coisa assim?” (**Carla, brasileira**)

“eu acho:: eu não sei porque:: a cultura foi meio difícil porque sabe, não falando mal, mas eu acho que foi um problema mais que começou com os homens no Brasil sabe? porque você vê isso muito né? o que eu vejo muito eh:: que os homens lá parece que eles cresceram sabe no ambiente quando:: o mãe fez tudo, tudo na casa, sabe, limpou, fez tudo e:: ele é meio machista né? e isso cresceu e acaba não respeitando mulheres e:: isso foi, foi tipo trazido pra relacionamento e isso acaba tipo não respeitando a namorada e se sair você acaba tipo:: pegando a outras... é isso que eu vejo muito . eu acho:: eu acho que os homens no Brasil eh:: um negócio bem difícil” (**Will, britânico**)

“então isso é diferente que eu achei e:: menos machistas assim, eu não sei é porque o meu marido assim por um tempo- os pais eles são divorciados, então ele aprendeu a se virar bem, então ele me ajuda muito em casa, sabe? Aliás tem até umas coisas que ele faz mais do que eu em algumas áreas e isso os meus exs assim no Brasil, eu sentia que as mães cuidavam muito, sabe? Os meninos não sabiam fazer um arroz, sei lá, sabe uma coisa assim?” (**Carla, brasileira**)

“(...) lá fora os homens fazem o serviço de casa . eu:: lembro quando fiz intercâmbio meu pai tipo tinha uma lista e cada um da casa um dia era responsável por alguma coisa. e meu pai lavava louça. ele:: ele meu pai americano, né? o dia que tinha que limpar a sala, ele limpava a sala. e tipo meu pai no brasil não hh então e o James faz tudo, sabe? cozinha e enfim, essas diferenças (...)” (**Vivi, brasileira**)

“(...) não é muito comum aqui para sairmos juntos, mas em Brasil sim, toda vez é sempre com, é ‘automatic’, eles convidam ‘they invite’? (...) eles convidam Carla e eu vou ir também, aqui eles ‘like they only mean me, we would say like’ com esposas, com namoradas, pode ser sim ou não, mas Brasil sempre, juntos (...) eu gosto disso em Brasil eh::, mas é estranho para mim porque eu a:: estou mais independente, eu sou mais independente e a::, mas é muito bom, especialmente quando... nós, nós vamos morar lá no Brasil... eh:: melhor a:: para ter amigos enquanto nós moramos lá, mas aqui eu não. ‘it would be better if it was the same here’ mais fácil pra Carla, mas é uma cultura diferente aqui↓ é mais difícil para ela, mas vai ser mais fácil pra mim em Brasil... ‘does it make sense?’” (**Norton, britânico**)

“eu acho que com uma brasileira ah:: é mais comum que os casais no Brasil ficam juntos mais que aqui, eu acho que aqui na Inglaterra hã:: o homem e a mulher são mais independentes é normal para sair separado. ele com os amigos dele, ela com as amigas dela e:: amigos dele, eles vão gostar. eles vão gostar minha namorada, eles vão ser amigos, mas não muito perto, mas com Carla, com os brasileiros eu acho que os amigos dela, eles são meus amigos também ‘automaticaly’... aqui um pouco mais ‘it’s a little bit harder’ difícil para ‘to become’ amigos boas ‘close friends’... ‘here is like.... the girl is Norton’s girlfriend or Norton’s wife’... ‘normally... because here we usually do things separately’ mas em Brasil... quando eu conheço todos os amigos de Carla eles ‘they are friends like straight away like easily, very welcoming and warm’... here I still like... eu não conheci as namoradas de meus amigos muito bem. ‘we are friends, we know each other. we go to the parties and everything, but I wouldn’t really talk to them or message them, I think’ (**Norton, britânico**)

“e também se eu sair para uma festa com ele ou por exemplo uma um namorado inglês a gente ia tipo... ficar tipo ficar na festa sozinho ou tipo ah:: conversando com outras pessoas, sem ele no meu lado... porque se a gente fica junto é tipo uma coisa entediante que quando chegar em casa depois não tem nada para contar e:: também você pode, a gente vê como trabalho de fazer contatos de vez em vez de conhecer a metade de pessoas sozinho a gente conhece duas vezes mais pessoas

ao mesmo tempo para apresentar “aí eu conheci uma pessoa importante pra você, eu vou te apresentar” [esse tipo de coisa...]” (**Flora, britânica**)

“eu acho:: ah eu acho os britânicos assim muito tranquilos, bem diferente dos meus relacionamentos no Brasil. ah eu não sei se é o jeito de Taylor também. no Brasil é sempre uma relação muito:: aonde você vai o outro também tem que estar, e aqui não, a gente tem uma rotina separada. se ele quer sair com os amigos ele sai, se eu quero sair com as minhas amigas eu saio (...)” (**Denise, brasileira**)

“ah, sim eu acho:: porque a gente tem uma cultura grande aí:: quando o relacionamento entre tipo amigos e amigas é muito forte, então:: se a gente morava aqui ((Inglaterra)) eu tinha:: às noites que eu vou encontrar com os amigos, a gente tem sabe fica:: tipo só assim homens e tipo eu não poderia trazer ela, mas é tipo bem normal porque também tem todas as mulheres saem juntos e faz coisas, mas coisas separados (**Will, britânico**)

“o lado ruim é que o meu marido pelo menos, e acho que é uma coisa bem dos ingleses mesmo, eu acho que no Brasil quando a gente começa a namorar, um casal assim, fica todo mundo em casal, tem muito assim um grupo de amigos são os casais. então geralmente entre meus amigos e quando eu me morava aí a gente saía tudo em casal, quem é solteiro, lógico, vai com um amigo ou vai sem ninguém, mas é quem tem namorado, não é muito comum as meninas fazerem coisas separadas e os meninos fazerem coisas separadas, lógico, acontece, mas não tão frequente, entendeu? igual aqui . aqui é uma coisa super comum. assim totalmente comum e eu pra entender isso no começo eu tive muita dificuldade hh porque eu me sentia assim que eu tava sendo excluída↑ de todas as programações, mas não é que as meninas não vão também, sabe? (**Carla, brasileira**)

“na minha experiência, de todos os meus amigos, todos os meus relacionamentos... que:: que eu nunca ouvi alguém falar dessa preocupação... no meu país. então mesmo se eu se eu saísse muito pra festas, mas aqui pessoas pensam que festa é uma coisa sensual de [cassar de] pegação... mas para mim festa pode ser... um lançamento de um livro, muito sério todo mundo muito sério profissional e você vai fazer contato para novas oportunidades de esse tipo de coisa, então para mim festa pode ser familiar, só velhos, pessoas coroa que não tem ninguém cassando ou:: uma festa tipo profissional que vai conhecer contatos importantes para... então... ou mesmo uma festa, mas você não vai se importar ((querendo dizer comportar)) com igual com uma mulher solteira e o seu marido sabe que você não vai se im-comportar↓ então eu sai muito para uma festa sozinha, meu marido também sai muito para fe-festa, ele foi viajar com sozinho com os amigos e:: até se ele saísse com uma mulher não me importaria... porque eu sabe nada porque eu tive confiança e eu confiei que ele iria me contar se ele tava com dúvidas sobre nosso relacionamento... e:: e também se eu sair para uma festa com ele ou por exemplo uma um namorado inglês a gente ia tipo... ficar tipo ficar na festa sozinho ou tipo ah:: conversando com outras pessoas, sem ele no meu lado... porque se a gente fica junto é tipo uma coisa entediante que quando chegar em casa depois não tem nada para contar e:: também você pode, a gente vê como trabalho de fazer contatos de vez em vez de conhecer a metade de pessoas sozinho a gente conhece duas vezes mais pessoas ao mesmo tempo para apresentar” (**Flora, britânica**).

“Ah:: sempre. acho que com todo brasileiro tem, com to-eu quase desisti de namorar com brasileiros... essa foi a última chance, a última chance de de namorar porque tava... eu tava muito cansada com isso, eu tava muito chateada com isso. porque pra mim é um insulto pra mim é um insulto de alguém tá me chamando de:: mentirosa ou criminosa:: [falando sobre traição] e para mim é muito insulto e:: então, assim, acho que no começo tinha, mas em todo relacionamento tinha não me lembro se tinha mais nesse do que outros” (**Flora, britânica**)

“então essa é uma questão muito grande das brasileiras que casam com estrangeiro sempre falam da questão do romanticismo né, que não existe muito essa questão do:: como é que eu posso dizer? de expressar sentimentos né... esse negócio de falar 'meu amor, meu amor' isso é muito nosso né? tanto que a Larah, quando eu comecei a namorar ela, eu briguei com ela porque três meses, quatro meses ela não me chamava de 'meu amor' né. hh 'eu não posso falar isso' ela dizia 'porque eu ainda não te amo' olha se uma brasileira falava isso” (**Pedro, brasileiro**)

“(…) eles não são tão calorosos do jeito que a gente tá acostumado aqui... né então assim ... eh:: às vezes a gente chega em casa e só dá um selinho:: não tem aquele be::ijo todo assim sabe? ou então a gente tá rua e a gente não anda de mão dada. ou às vezes ele não me abraça:: hh” (**Nora, brasileira**)

Ah, si::m, eu acho:: ela sempre tinha esse negócio e ela não sabia se minha mãe gostou muito dela ou não . só porque::, só porque ela não era muito:: ela não tava abraçando, não tava assim e ela ficou meio me perguntando:: e eu ‘ah lógico que sim’ só não é não é muito parte de cultura isso:: (**Will, britânico**)

“a mãe dela, a mãe da Jane ela ainda fala para Jane ‘eu acho que Mike não acho que Mike ama você porque por causa do comportamento dele’ na verdade não entendo exatamente porque ela achou isso, mas acho que tem algo a ver com o fato de que os ingleses ((silêncio de alguns segundos)) a gente não toca tanto como vocês... é uma diferença cultural que ela viu e ela achou ‘ah, ele não ama você’” (**Mike, britânico**)

Referente aos tópicos da seção 4.4

“Olha, eu acho que o conselho seria pra entender essa... individualidade assim, sabe? que é uma coisa - eu vim de uma cultura totalmente diferente assim eu conseguia:: eu namorei por quatro anos eh:: antes de namorar com o Norton e eu conseguiria contar eh:: foram poucas as vezes que o meu ex falava ‘ah hoje eu vou sair pra balada com os meus amigos’ tipo hã? não! hh então assim era, quando eu cheguei aqui o Norton saía sempre com os amigos dele, ele já tinha assim coisas marcadas, que a gente se conhecer também, eu dei azar, logo antes do verão ... então aqui o verão pra ingleses, nossa, é a vida ou morte. tem que aproveitar. então eu lembro que quando a gente tinha três meses de namoro ou quatro por aí, não eu tinha quatro quando ele foi, tinha dois meses de namoro, de dois pra três, eh:: ele foi viajar e aí voltou, aí eu falei brincando, mas meio que sério, então agora acabou essas suas viagens aí de verão, e ele falou ‘ah, só tem mais uma’ aí eu ‘ah, é ok vamos lá’ ... ‘pra onde que você vai’ ((mudando a voz)) ‘ah eu vou numa despedida de solteiro’ aí eu ‘ah, tá que legal’ aí eu ‘quanto tempo’ hh ‘cinco dias’, ‘nossa, é bastante, né?’ ele ‘ah, é em Ibiza’ eu ‘ahhh, no::ssa, adorei’ ((risos de ambas)) ótimo hh” (**Carla, brasileira**)

“humh basicamente que:: que antes de você entrar nessa relação que você procure bem saber quem é a pessoa. de onde vem” (**Elaine, brasileira**)

“‘what advice would I give?’ eh:: ((silêncio de alguns segundos)) ‘I think. to expect that every part of her life is different, her views on different things would be different, her views like how to raise a child for example maybe be different, views on the family, views on food, never think that everything is the same and hã:: everyone in the world does the exactly same thing because we always do thing differently and that is not the thing for any country’” (**Steven, britânico**)

“(…) ‘if you want the relationship to work’ você precisa:: pensar como:: como a vida está para ela aqui [Londres], toda vez, e:: trabalhar muito para, vocês para o casal e lembrar que vocês não é igual de outro casal... seus amigos, namoradas inglesas, esposas inglesas. vocês, vocês são vocês e. você vai, você vai ter problemas, mas também momentos muito felizes que as outras ‘the others wouldn’t have’ sabe? ‘like’ todo mundo está individuais, os casais individuais, e a:: ‘if it really worth it is worth caring and not giving up’... ‘it is just like be mind opened to keep trying and to get through and hard times because the better times are away completely’” (**Norton, britânico**)

“(…) então assim a paciência é muito fundamental e você tentar realmente ver porque () acaba vendo e você fica criticando ‘ah, que maluco, mas não sei o que’ e não é assim. você pode ceder sabe? tem muita coisa que você pode ceder e que se você ceder - as coisas vão melhorar, sabe? e:: eu acho que eles têm assim uma cultura, uma criação:: eu sempre falo pras minhas amigas, eu super recomendo relacionamento com estrangeiro (...)” (**Vivi, brasileira**)

“(…) não é uma boa ideia tentar interpretar as ações da sua namorada porque:: por exemplo. quando ela chega atrasada eu:: costumava pensar ‘ela não respeita, ela não tem respeito’ mas agora eu:: sei que não é assim. ela não está pensando nada disso, só que:: em Brasil é normal chegar atrasado (...)” (**Mike, britânico**)

“(...) eu falo que precisa de mu::ita paciência e assim você precisa ter confiança total se você ficar pensando o tempo todo o que ele tá fazendo lá sem mim e se você deixar as pessoas ficar falando ‘ah como você aguenta o relacionamento à distância, você nem sabe o que ele tá fazendo::’ você pode chegar e até desacreditar no valor da relação, mas pra mim assim se você acredita mesmo que vale a pena aquela pessoa, que é uma pessoa sincera, que tem um amor de verdade assim, então é só realmente hh passar todos por todos os obstáculos e acreditar que vale a pena mesmo”
(Denise, brasileira)

“(...) acho que se foi para britânicos e ingleses essa coisa de mostrar os sentimentos, acho que é muito importante que os ingleses acho que eles têm orgulho de não ter emoção (...) então talvez eles têm que se acostumar que brasileiro também talvez mostra emoção talvez mexe muito e não só mostrar emoção (...) mas eu acho que é assim, tem que aceitar que isso vai acontecer, se não gosta disso deve namorar uma pessoa do seu próprio país” **(Flora, britânica)**